



TÔNA REDE





REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidência da República
Dilma Rousseff
Ministério da Cultura
Juca Ferreira
Diretoria de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (DLLB)
Volnei Canônica
Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
Veridiana Negrini • Ilca Bandeira
Plano Nacional de Livro e Leitura
José Castilho Marques Neto
Coordenadores Sistemas de Bibliotecas
Arapiraca **Eliane Bezerra,**
Wilma Nóbrega e Wagno Godez
Belém **Guilherme Relvas**
São Paulo **Waltermir J. B. Nalles**

FUNDAÇÃO BILL & MELINDA GATES

Bill Gates
Melinda Gates
William H. Gates

Programa Global Libraries

Diretor Desenvolvimento Global
Deborah Jacobs
Diretor Adjunto de Desenvolvimento Global
Jessica Dorr • Katie Simons
Representante do Programa
Pilar Pacheco
Assistente do Programa
Rhonda Ely
Coordenador do Programa
Leah Johnson
Gerência Senior de Contratos e Subvenções
Francia Doyle
Coordenadores Senior de Contratos e Subvenções
Kimberly Swanson • Mary Heinlein
Finanças
Becky Taylor
Legal
Karen Halazon
Consultoria
Maria Inês Bastos

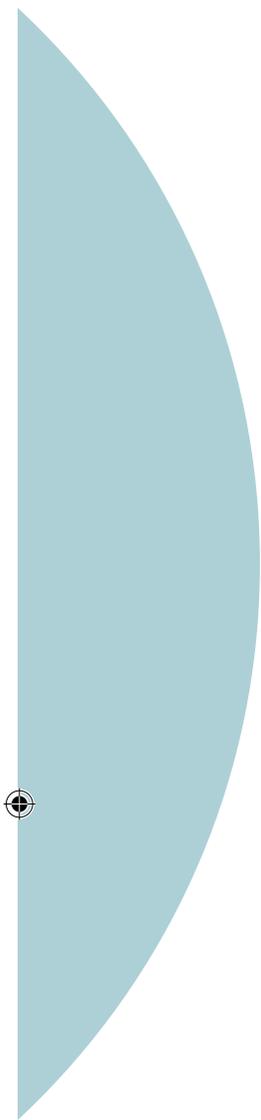
INSTITUTO DE POLÍTICAS RELACIONAIS

Diretora Geral
Daniela Greeb
Diretora de Projetos e Comunicação
Vanessa Mary Labigalini
Coordenação Executiva
Daniela Greeb • Vanessa Mary Labigalini
Facilitadores
Alexandre Cavalcanti
Ana Paula do Val
Daniela Greeb
Felipe Lavignatti
Ísis de Palma
Érica Faria
Lia Capovilla
Marisa Greeb
Paloma Klysis
Vanessa Labigalini
Bibliotecário
Daniel Terrível
Webdesigners
Alexandre Cavalcanti
Felipe Lavignatti
Produção
Ruth Egas
Silvana Lamanna Cupaiolo
Editoração e Coordenação Editorial
Ana Paula do Val
Dados Questionários
Daniel Terrível
Revisão e Preparação de Texto
Magnólia Araujo
Projeto Gráfico e Diagramação
Adriana Fernandes
Tradução
Ricardo Mucciolo
Transcrição de Áudios
Patricia Guisordi

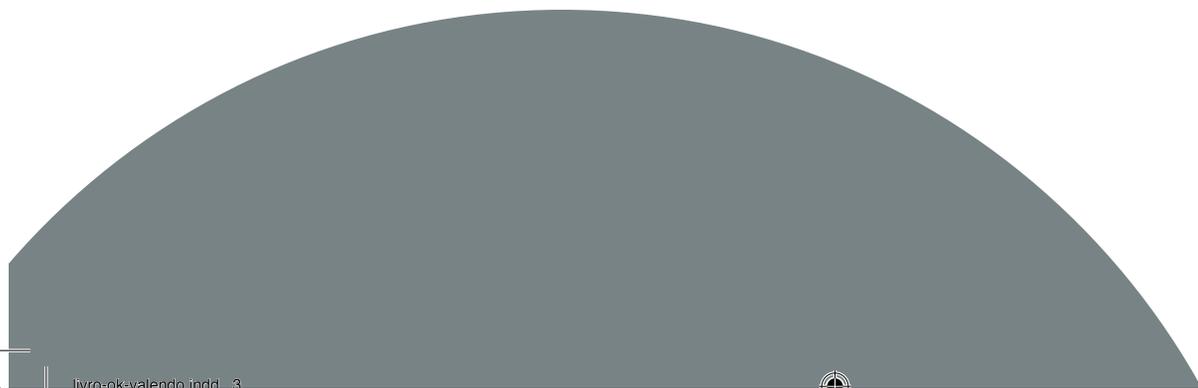
Tô na rede – Metodologia participativa para bibliotecas públicas /
Organizado por Ana Paula do Val, Daniela Greeb e Vanessa Labigalini
– São Paulo: Instituto de Políticas Relacionais, 2015.
152 p.: il. 28 cm

1. Biblioteca Pública. 2. Tecnologia da Informação de Comunicação.
3. Comunidade. 4. Rede. 5. TIC
Biblioteca Pública. I. Greeb, Daniela. II. Labigalini, Vanessa. III. Do Val,
Ana. IV. Título.





TÔNA REDE





APRESENTAÇÃO





Este livro é fruto de um processo de formação e engajamento de funcionários de bibliotecas públicas brasileiras, visando qualificar e potencializar suas ações por meio do uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), e implementar um atendimento mais integrado e eficiente desses equipamentos culturais a seus usuários. Nesta formação utilizamos uma metodologia participativa, trabalhando as relações internas dos grupos, estimulando talentos e criando estratégias para transformar antigos hábitos, pouco eficazes e cristalizados no cotidiano do ambiente de trabalho.

Para desenvolver este processo de qualificação, também foi preciso trabalhar as relações externas, com as redes locais e com as comunidades do entorno, para além dos muros das bibliotecas. Com este propósito, realizamos um mapeamento local, juntamente com os grupos participantes da formação, para conhecer os atores sociais presentes nesses contextos e suas dinâmicas socioculturais. Assim, estas equipes visitaram comunidades e grupos de cultura popular, bairros em situação de vulnerabilidade social, comunidades tradicionais ribeirinhas, quilombos, povos de terreiro, grupos organizados de expressões artísticas, entre outros.

Ao longo do projeto, com a participação dos funcionários e o engajamento da comunidade, elaboramos em conjunto um Plano de Atividades para as bibliotecas públicas envolvidas nesta proposta. O projeto TÔ NA REDE foi desenvolvido durante doze meses, no decorrer de 2014, em três cidades com perfis bastante diferentes (Arapiraca-AL, Belém-PA e São Paulo-SP).

Este trabalho foi uma parceria entre o Instituto de Políticas Relacionais, o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e a Fundação Bill e Melinda Gates. Esperamos que este livro seja um estímulo e um guia de referência para outras bibliotecas públicas do país replicarem esta iniciativa.

Boa leitura!

8 Uma Rede para o Mundo

Fundação Bill e Melinda Gates (FBMG)

10 Uma Rede para o Brasil

Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP)

12 Uma Rede para os territórios locais

Instituto de Políticas Relacionais (IPR)

**14 Capítulo 1
BIBLIOTECAS PÚBLICAS EM AÇÃO -
TÔ NA REDE**

16 Conhecer o passado para refletir
sobre o presente

21 O que é mesmo uma biblioteca pública?

23 Cidades escolhidas

41 Perfil dos participantes do projeto

60 Conhecimentos e integração de tecnologias
de informação e comunicação - TICs

**74 Capítulo 2
ÉTICA E CIDADANIA**



**90 Capítulo 3
MAPEAMENTOS LOCAIS:
CONHECER PARA
TRANFORMAR**

109 Dados do mapeamento
Tô na Rede

**112 Capítulo 4
TÔ NA REDE**

**124 Capítulo 5
CONHECIMENTO DE SI,
DO OUTRO E DA BIBLIOTECA**

126 Trocas em movimento

132 Uma nova visão de biblioteca

135 Cartografias de sensações:
o que foi o *Tô na Rede* para mim





UMA REDE PARA O MUNDO

Fundação Bill & Melinda Gates

A Fundação Bill & Melinda Gates baseia seu trabalho no princípio fundamental de que todas as vidas têm o mesmo valor. Esta poderosa frase concentra nossa atuação em áreas nas quais podemos ter maior impacto para reduzir a desigualdade, a fim de contribuir para um mundo onde cada pessoa tenha a oportunidade de viver uma vida saudável e produtiva.

O trabalho da fundação Gates está centrado, em nível global, nas áreas de saúde, desenvolvimento e políticas públicas. Nos Estados Unidos, apoiamos programas voltados para melhorar a qualidade da educação e diminuir a desigualdade social.

Dentro da área de Desenvolvimento Global desta fundação, encontra-se o programa *Global Libraries*. A ação deste programa começou nos Estados Unidos, há quase 20 anos, conectando mais de 10 mil bibliotecas públicas à Internet, para que as pessoas tivessem fácil acesso à informação e às oportunidades que a conectividade e os recursos digitais tornam possíveis.

À medida que o trabalho da Fundação começou a expandir-se globalmente, também expandiu-se este programa voltado para as bibliotecas. Desde os anos 2000, temos construído nossa estratégia com base na experiência implantada nos Estados Unidos, para apoiar iniciativas similares em mais de 20 países em todo o mundo.





A missão do programa *Global Libraries* é apoiar a transformação das bibliotecas públicas em motores que impulsionem o desenvolvimento das pessoas e de suas comunidades. Em tempos nos quais as oportunidades econômicas, educacionais, sociais e de saúde dependem, cada vez mais, do acesso à Internet e da informatização, a falta de acesso e de conhecimento das ferramentas digitais se traduz em falta de oportunidades. Hoje, mais da metade da população mundial não tem acesso à Internet, e aqueles que vivem em comunidades pobres, sobretudo rurais, são os que têm menos possibilidades de acesso ou conhecimento para navegar no mundo digital.

O programa *Global Libraries* apoia os esforços liderados por instituições governamentais e outras organizações públicas ou privadas para expandir o acesso à informação por meio das tecnologias digitais em bibliotecas públicas; fomentar a inovação em bibliotecas; capacitar e aumentar a liderança de profissionais de bibliotecas; e promover mudanças em políticas públicas que contribuam para desenvolver, fortalecer e modernizar as bibliotecas públicas.

No Brasil, estamos orgulhosos de contar com o apoio do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e patrocinar organizações como o Instituto de Políticas Relacionais para apoiar o desenvolvimento das bibliotecas públicas. O Projeto **Tô na Rede** contribuiu para a transformação de bibliotecas públicas em Arapiraca (AL), Belém (PA) e São Paulo (SP), aumentando e melhorando a relação dessas bibliotecas com a comunidade e promovendo uma gestão participativa que permita a todo o seu quadro de pessoal conhecer as necessidades da comunidade para atendê-las da melhor maneira. Tanto o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) disponíveis, como as novas habilidades de seus funcionários, são atributos que não apenas melhoram a qualidade dos serviços oferecidos pelas bibliotecas, como também as transformam em espaços mais representativos de suas comunidades, acolhendo sua diversidade cultural e social. As bibliotecas públicas que participaram do Projeto **Tô na Rede** têm potencial para se tornarem referenciais para outras bibliotecas do Brasil e da América Latina.

O papel das bibliotecas públicas e dos bibliotecários, na sociedade atual, continua evoluindo, sobretudo com a tecnologia. As bibliotecas, cada dia mais, se transformam em importantes espaços de aprendizagem, inovação e reunião para os integrantes da comunidade, em vista de seu imenso potencial para responder às necessidades dessas comunidades. Hoje, mais do que nunca, as bibliotecas públicas são agentes de mudança, e constituem locais de acesso democrático à informação, ao conhecimento, à leitura e à cultura. No Brasil, estamos sendo testemunhas de um trabalho transformador que beneficiará a milhares de pessoas com a oportunidade de viver uma vida melhor, graças às bibliotecas públicas.





UMA REDE PARA O BRASIL

Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas – SNBP

Desde 1937, quando foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL), o Brasil vem investindo no apoio e ampliação das bibliotecas públicas no país. No entanto, foi por meio do Decreto Presidencial nº 520, de 13 de maio de 1992, que o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) foi instituído como um órgão subordinado diretamente à Fundação Biblioteca Nacional (FBN), instituição vinculada ao Ministério da Cultura (MinC).

Durante o período de 1992 a 2014, o SNBP esteve sediado no Palácio Gustavo Capanema, na cidade do Rio de Janeiro. Constituíam-se como uma Coordenadoria Geral, composta por 3 Coordenadorias, que até 2011 eram assim denominadas: *Coordenadoria de Apoio aos Sistemas Estaduais de Bibliotecas Públicas*, *Coordenadoria de Cadastro e Informação*, e *Coordenadoria de Acervo*. A partir dos resultados de um diagnóstico situacional realizado em 2011, a denominação destas coordenadorias foi alterada para *Coordenadoria de Relacionamento e Formação*, *Coordenadoria de Informação e Governança* e *Coordenadoria de Gestão Documental e Administrativa*.

Desde sua criação, o SNBP trabalha de maneira articulada com os sistemas de bibliotecas públicas estaduais, municipais e o do Distrito Federal, respeitando o princípio federativo, com o objetivo de fortalecer as ações destes órgãos e estimular o trabalho colaborativo em rede. Sua gestão tem por premissas básicas o diálogo, a transparência, a responsabilidade e o estímulo ao controle social, dentro de um modelo de gestão integrado com as Coordenadorias dos Sistemas Estaduais de Bibliotecas Públicas.

Em 2004, por meio do Programa Livro Aberto, o SNBP iniciou um grande movimento a favor da ampliação do número de bibliotecas públicas no país, assim como a modernização de bibliotecas já existentes. Durante o período de 2004 a 2011, no qual perdurou o Programa Livro Aberto, foram criadas 1.705 novas bibliotecas e modernizadas 682.

As ações implementadas pelo SNBP são planejadas de acordo com as metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Cultura (PNC). São 13 metas relacionadas às bibliotecas públicas, dentre as quais se destacam a Meta 32 (100% dos municípios brasileiros com ao menos uma biblioteca pública em funcionamento) e a Meta 34 (50% de bibliotecas públicas e museus modernizados).





Em 2010, juntamente com a Diretoria do Livro, Leitura e Literatura (DLLL), órgão da Secretaria de Articulação Institucional (SAI) do MinC, o SNBP lançou o I Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais, com o objetivo de identificar o perfil destes equipamentos culturais no Brasil. O SNBP vem trabalhando sobre esses dados e validando as informações levantadas, juntamente com os sistemas estaduais de bibliotecas públicas, com vistas a embasar as políticas, ações e investimentos públicos na área de bibliotecas em todo o país.

A partir de 2012, o sistema aderiu formalmente ao Programa Iberoamericano de Bibliotecas Públicas – IBERBIBLIOTECAS, que tem por objetivo promover o acesso livre e gratuito à leitura e à informação para todos os cidadãos, sem discriminação, por meio da formação de uma rede iberoamericana de cooperação na área de bibliotecas públicas. A partir desta adesão, o SNBP vem participando ativamente para integrar as bibliotecas públicas brasileiras em todas as iniciativas propostas pelo IBERBIBLIOTECAS, tais como cursos de formação de bibliotecários, editais públicos para participação da sociedade civil com proposições de novos projetos, dentre outras.

No ano de 2012, por meio de parceria com o programa *Global Libraries*, da Bill & Melinda Gates Foundation, o SNBP obteve o patrocínio para o XVIII Encontro Nacional do Sistema de Bibliotecas Públicas e deu início a uma pesquisa exploratória para identificar a situação das bibliotecas públicas brasileiras com relação ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), e suas necessidades nesse campo.

Desde então, o SNBP vem trabalhando em conjunto com o programa *Global Libraries*, no sentido de implementar projetos que fomentem nas bibliotecas públicas a apropriação e o uso das TICs, tanto por seus funcionários como pelos usuários.

Como resultado desta parceria, em 2014 deu-se início a um projeto-piloto, denominado **Tô na Rede**, que tem por objetivo ampliar e qualificar os serviços de informação oferecidos pelas bibliotecas públicas, por meio da implantação e da disseminação do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Com estas novas ferramentas, pretende-se não apenas atrair um número maior de frequentadores nas bibliotecas, mas democratizar o acesso digital, em todos os campos do cotidiano de seus usuários, nos quais estas ferramentas tornaram-se imprescindíveis. Outro objetivo que se pretende com tal iniciativa é a interação das bibliotecas com suas comunidades de entorno, por meio da pesquisa de suas demandas e expectativas em relação aos serviços oferecidos e às ações culturais desenvolvidas pelas bibliotecas.

A implantação deste projeto-piloto aconteceu em três cidades de regiões distintas do país: na Região Norte, em Belém (PA), na Biblioteca Pública Arthur Vianna; na Região Nordeste, em Arapiraca (AL), nas bibliotecas do Sistema Municipal de Bibliotecas Públicas; e na Região Sudeste, junto ao Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo (SP), especificamente na Biblioteca Helena Silveira, unidade subordinada à subprefeitura de Campo Limpo, na zona sul desta capital.

O projeto está sendo realizado pelo Instituto de Políticas Relacionais (IPR), com o acompanhamento do SNBP e dos sistemas estaduais de bibliotecas públicas do Pará, de Alagoas e de São Paulo, mediante o patrocínio do Programa *Global Libraries* da Bill & Melinda Gates Foundation.





UMA REDE PARA OS TERRITÓRIOS LOCAIS

Instituto de Políticas Relacionais – IPR

O Instituto de Políticas Relacionais é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Criado em março de 2004, tem como princípio promover ações que gerem políticas públicas de inclusão e o fortalecimento da organização da sociedade civil, considerando seus aspectos econômicos, sociais e suas diferentes culturas.

Tendo como base a ideia de que a interação social é, inevitavelmente, mediada por conexões políticas, nem sempre conscientes ou desejadas pelos atores envolvidos, mas como resultados gerados por subjetividades dominantes, o Instituto busca a percepção e a consistência entre valores, linguagens e ações como uma produção no sentido da afirmação da Vida, seja qual for a sua expressão.

A motivação de criar o Instituto de Políticas Relacionais (IPR) surgiu em 2001, com o “Movimento Ética e Cidadania: Psicodrama da Cidade”, que tinha como objetivo escutar a população da cidade de São Paulo. Numa ação simultânea em 96 distritos (praças públicas, casas de cultura, clubes, escolas, bibliotecas etc.), o desafio gerou uma rede de 700 sociopsicodramatistas voluntários, envolvendo cerca de 8.000 cidadãos e cidadãs. Dada a ressonância desse ato, entre 2001 e 2003 o trabalho foi desenvolvido com diversos grupos, abrangendo cerca de 27 mil pessoas. A necessidade da construção de uma nova estrutura para a continuidade dos trabalhos já estava dada.

Portanto, desde o início do século XXI, e na esteira de tempos voltados para o estreitamento das relações humanas, seja no âmbito da revolução tecnológica, seja no da compreensão do humano como ser repleto de diversidades, o Instituto de Políticas Relacionais vem dando continuidade incessante ao trabalho de identificar necessidades das comunidades, órgãos públicos e empresas privadas e transformá-las em projetos e programas culturais e sociais dos diferentes públicos em todo país, para a difusão e democratização dos direitos humanos e culturais, tornando-se, desta forma, referência na promoção da emancipação dos povos para tais garantias.

Tendo como *locus* de suas ações a RELAÇÃO, a partir do fortalecimento das comunidades – considerando seus aspectos econômicos, sociais e suas diferentes culturas –, o Instituto é pautado nos seguintes pilares: assessoria e apoio ao desenvolvimento da cidadania; desenvolvimento de políticas relacionais públicas e parcerias privadas; capacitação e formação de agentes e profissionais; promoção e incentivo da solidariedade e do voluntariado; promoção de atividades científicas, educacionais e culturais; publicação de revistas, livros e vídeo-documentários em meios digitais; e criação de redes e/ou bancos de dados de informações públicas.





Para efetivar tais ações, utiliza o estímulo à criação de um espaço para que as diferenças apareçam e os conflitos sejam evidenciados, por meio de técnicas do psicodrama e outras dinâmicas de grupo. O propósito de tais intervenções é provocar um constante questionamento, propiciando movimentos de reflexão e flexibilidade entre os participantes e, em última instância, fortalecendo o exercício da cidadania e a formação de redes.

Com o uso das tecnologias, de forma pedagógica, as ações caminham no sentido de criar, estimular e fomentar redes que facilitem o acesso à informação e deem visibilidade às ações. Ao compartilhar recursos, serviços e informação, as redes estimulam e ampliam o uso de práticas colaborativas e participativas, que contribuam para a construção de uma sociedade mais democrática.

Dentre os projetos e programas desenvolvidos pelo IPR, encontram-se os *Pontos de Leitura Ancestralidade Africana no Brasil*; *Memória da Ancestralidade Africana*; *Empreendedor Local*; *Memória do Esporte Olímpico*; e *Memorial da Anistia*.

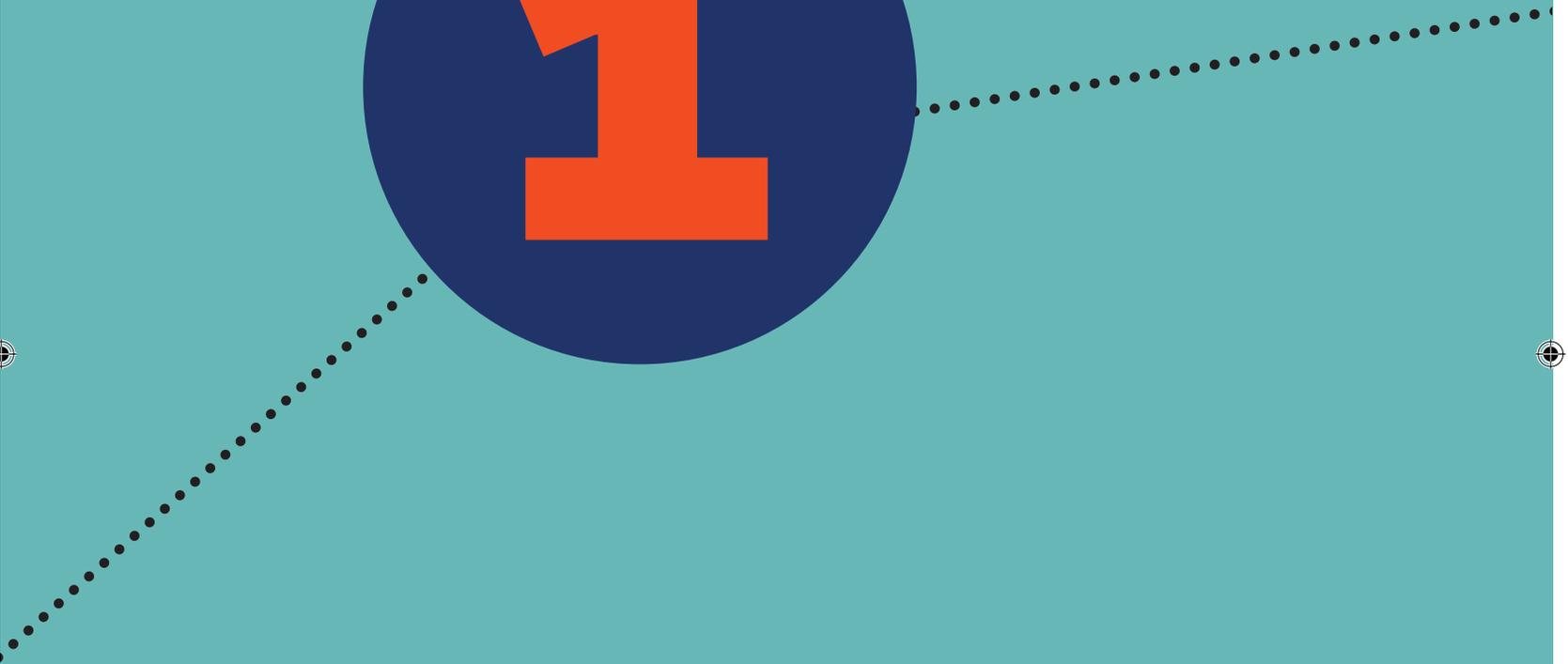
Com o objetivo de ampliar o engajamento de bibliotecas públicas do Brasil no atendimento e no diálogo com a população, sobretudo por meio do uso de tecnologias da informação e comunicação (TIC), nasceu o projeto **Tô na Rede**, fruto de uma parceria entre o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, a Fundação Bill & Melinda Gates e o próprio Instituto de Políticas Relacionais – IPR.

A presente publicação é material de referência para aqueles que, assim como o IPR, desejam realizar um trabalho para aperfeiçoar o entendimento das relações entre os inúmeros e variados setores que compõem a sociedade em que vivemos. São dados que, associados à qualificação que queremos produzir, tornam-se fontes inesgotáveis de pesquisa e conhecimento; são textos que nos auxiliarão a compreender um pouco mais de um universo que faz parte do cotidiano, e que pertence às cidades e aos cidadãos.

Fazer parte deste processo é, para o Instituto de Políticas Relacionais, mais uma oportunidade de crescer, de se desenvolver e de conhecer parceiros diversos e pessoas com suas ricas histórias e memórias. Só existimos em relação com o outro. Como Moreno, criador do psicodrama, nos ensinou:

Encontro de dois.
Olho no olho.
Cara a cara.
E quando estiveres perto,
eu arrancarei
os teus olhos,
e os colocarei no lugar dos meus.
E tu arrancarás
os meus olhos,
e os colocarás no lugar dos teus.
Então, eu te olharei com teus olhos,
e tu me olharás com os meus.







**BIBLIOTECAS
PÚBLICAS**

**EM
AÇÃO**

**TÔ NA
REDE
BRASIL**





CONHECER O PASSADO PARA REFLETIR SOBRE O PRESENTE

A primeira biblioteca fundada no Brasil, em 1810, foi a Real Biblioteca (hoje Fundação Biblioteca Nacional), a partir de um acervo com cerca de 60 mil peças, trazido por Dom João VI da Real Biblioteca do Palácio da Ajuda, em Lisboa. Este acervo, porém, só foi aberto para consultas públicas a partir de 1814, depois da organização de suas numerosas peças, entre livros, periódicos, mapas, estampas e outros.

Contudo, a inauguração da primeira biblioteca pública brasileira, de fato, aconteceu nesta mesma época, por solicitação de Pedro Gomes Ferrão de Castello Branco, que encaminhou um projeto ao então governador da Capitania da Bahia. Historicamente, foi o primeiro projeto no país com o objetivo de facilitar o acesso ao livro e à leitura, e, curiosamente, partiu da sociedade civil, particularmente de sua elite. Posteriormente, todas as providências para a fundação de bibliotecas partiram sempre da iniciativa governamental. A Biblioteca Pública da Bahia – ou Livraria Pública, como era denominada na época – foi inaugurada no Colégio dos Jesuítas, na Bahia, em 4 de agosto de 1811.

Neste período, as bibliotecas passaram a ocupar locais improvisados, com acervos desatualizados, muitas vezes com instalações precárias e carentes de profissionais especializados para atender a seu público. Outro ponto que se deve salientar é que a imagem que a população tinha sobre as bibliotecas era de “um local para uma pequena elite de eruditos” (SUAIDEN, 2000, p. 52).

Com a Independência do Brasil, em 1822, houve um gradativo interesse pela cultura e pela política no país. A imprensa teve um papel importante na difusão da informação, pois se tornou veículo fundamental nesse contexto, por meio dos processos gráficos impressos – o livro é um deles, tendo seu campo de ação ampliado a partir da indústria gráfica (FREITAS; SILVA, 2014).

Um século depois, a Semana de Arte Moderna, realizada em 1922, trouxe um grande fortalecimento à cultura brasileira, intensificando a produção intelectual. O marco divisor no conceito das bibliotecas públicas, no Brasil, foi a gestão de Mário de Andrade como diretor do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo, quando, em 1926, inaugurou a Biblioteca Municipal de São Paulo, transformando-a num referencial da cultura brasileira para o país e para a América Latina, tendo como ideal a preservação da memória e a conservação das tradições e dos valores nacionais. Assim, a biblioteca deveria servir como depositária da história e da diversidade cultural brasileira. É importante lembrar que Mário de Andrade, ainda à frente do Departamento de Cultura, na década de 1930, idealizou e implementou a Missão de Pesquisas Folclóricas, um extenso levantamento etnográfico em diversas regiões do Brasil, para coletar e catalogar o repertório musical tradicional de suas populações, dentre outros registros, resultando num acervo que até hoje é referência na pesquisa nesse campo. Tal trabalho testifica uma das atribuições primordiais do papel de uma biblioteca: documentar, organizar e difundir a diversidade de expressões culturais do seu país.





TIPOS DE ACESSO ÀS BIBLIOTECAS NO BRASIL

Quando tratamos de acesso à informação e inclusão digital, torna-se importante entender como o acesso a uma biblioteca se dá numa realidade particular, como no Brasil. Inicialmente, duas distinções podem ser feitas: bibliotecas de acesso público ou aberto e bibliotecas de acesso privado ou restrito.

BIBLIOTECAS DE ACESSO PÚBLICO

No Brasil, é importante destacar que as bibliotecas públicas geralmente são associadas à sua subordinação a um governo, seja municipal, estadual ou federal. Entretanto, o acesso público vai além do fator administrativo. Podemos entender por bibliotecas de acesso público os espaços em que qualquer pessoa possa acessar o acervo livremente, ainda que os serviços oferecidos não sejam disponibilizados a todos indistintamente. Isto porque determinados serviços, como empréstimos, reservas e mesmo o acesso a alguns tipos de obras podem ser limitados a usuários cadastrados; mas a consulta *in loco* e os espaços de circulação são abertos a qualquer um. Contudo, outros tipos de biblioteca, listados pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, podem ser de acesso público, como as comunitárias, populares, temáticas, salas de leitura e mesmo as universitárias. Alguns desses tipos podem ser considerados públicos por sua própria natureza, como as comunitárias e populares.

BIBLIOTECAS DE ACESSO PRIVADO OU RESTRITO

Bibliotecas de acesso privado ou restrito, via de regra, pertencem a instituições ou empresas privadas, e seu acesso é restrito a seu público específico; são as bibliotecas empresariais, universitárias, escolares ou ligadas a instituições e fundações de cunho particular. Existem bibliotecas privadas que permitem o acesso a seu acervo, mas isto não necessariamente as caracteriza como bibliotecas de acesso público.

TIPOS DE BIBLIOTECA, SEGUNDO O SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS

O tipo de uma biblioteca é determinado pelas funções e serviços que oferece, pela comunidade a que atende e por seu vínculo institucional.

BIBLIOTECA PÚBLICA

Tem por objetivo atender, por meio do seu acervo e de seus serviços, aos diferentes interesses de leitura e informação da comunidade em que está localizada, colaborando para ampliar o acesso à informação, à leitura e ao livro, de forma gratuita. Deve atender a todos os públicos: bebês, crianças, jovens, adultos, idosos e pessoas com necessidades especiais; e segue os preceitos estabelecidos no Manifesto da IFLA/Unesco sobre bibliotecas públicas.

É considerada equipamento cultural e, portanto, está no âmbito das políticas públicas do Ministério da Cultura (MinC). Em sua maioria, é criada e mantida pelo poder público (Município, Estado ou Federação).

Existem bibliotecas públicas que possuem acervos segmentados, ou que oferecem serviços voltados para um determinado público e, por isso, têm sido denominadas como Bibliotecas Públicas Temáticas e são identificadas pelo público de acordo com sua especificidade, tal como Biblioteca Pública Infantil, ou outras.

BIBLIOTECA PÚBLICA TEMÁTICA

São bibliotecas públicas que se caracterizam como bibliotecas especializadas em uma determinada área/assunto.

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

Espaço de incentivo à leitura e acesso ao livro. É criada e mantida pela comunidade local, sem vínculo direto com o Estado.

PONTO DE LEITURA

Espaços de incentivo à leitura e acesso ao livro, criados em comunidades, fábricas, hospitais, presídios e instituições em geral; em sua maioria, sua criação contou com o apoio do Programa Mais Cultura. É um estímulo à criação de bibliotecas comunitárias nas comunidades.

BIBLIOTECA NACIONAL

Tem por função reunir e preservar toda produção bibliográfica do país. Em cada país existe uma Biblioteca Nacional. Toda produção bibliográfica do país deve ser enviada para a Biblioteca Nacional, isto é garantido pela Lei de Depósito Legal. No Brasil a Biblioteca Nacional está sediada no Rio de Janeiro.

BIBLIOTECA ESCOLAR

Tem por objetivo atender aos interesses de leitura e informação da sua comunidade e trabalha em consonância com o projeto pedagógico da escola na qual está inserida. Atende prioritariamente a alunos, professores, funcionários da unidade de ensino, podendo também ampliar sua ação para atender aos familiares de alunos e à comunidade moradora do entorno. Está localizada dentro de uma unidade de ensino pré-escolar, fundamental e/ou médio. Segue os preceitos do Manifesto da IFLA/UNESCO para a Biblioteca Escolar e no Brasil a Lei nº 12.244, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no país.

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Tem por objetivo apoiar as atividades de ensino, pesquisa e extensão por meio de seu acervo e dos seus serviços. Atende a alunos, professores, pesquisadores e à comunidade acadêmica em geral. É vinculada a uma unidade de ensino superior, podendo ser uma instituição pública ou privada. A Biblioteca Universitária dá continuidade ao trabalho iniciado pela Biblioteca Escolar.

BIBLIOTECA ESPECIALIZADA

Voltada a um campo específico do conhecimento. Seu acervo e seus serviços atendem às necessidades de informação e pesquisa de usuários interessados em uma ou mais áreas específicas do conhecimento. É vinculada a uma instituição pública ou privada, podendo também se caracterizar como uma biblioteca universitária, quando vinculada a uma unidade de ensino superior. Existem bibliotecas públicas especializadas em literatura infantil e, por isso, costumam ser denominadas Bibliotecas Infantis. Outras, especializadas no atendimento a pessoas com necessidades especiais, e por isso denominadas Bibliotecas Especiais.

BIBLIOTECA/ CENTRO DE REFERÊNCIA

Bibliotecas especializadas que atuam com o foco no acesso, disseminação, produção e utilização da informação para um determinado público. Também denominados como Centro de Informação e Referência. Muitas delas não possuem acervo próprio e trabalham exclusivamente com a referência de documentos sobre determinado assunto (resumos e resenhas).



Desta maneira, um novo paradigma era lançado no campo das bibliotecas, cujo propósito era o de se “empenhar em promover o contato da população com a cultura escrita, tendo em vista a apropriação cultural” (VIANA, 2011 apud FREITAS; SILVA, 2014).

“A criação de bibliotecas populares me parece uma das atividades mais atualmente necessárias para o desenvolvimento da cultura brasileira. Não que essas bibliotecas venham resolver qualquer dos dolorosos problemas da nossa cultura, o da alfabetização, o da criação de professores do ensino secundário, por exemplo... Mas a disseminação, no povo, do hábito de ler, se bem orientada, criará fatalmente uma população urbana mais esclarecida, mais capaz de vontade própria, menos indiferente à vida nacional. Será talvez, esse, um passo agigantado para a estabilização de uma entidade racial, que, coitada, se acha tão desprovida de outras forças de unificação.” (ANDRADE, 1939).

Ao nos debruçarmos na história da bibliotecas públicas, percebemos que o legado de Mário de Andrade foi levado à condição de referência, ao pensarmos as bibliotecas como espaços socio-culturais com responsabilidades quanto ao acesso ao livro e à leitura, e como disseminadora de informações e responsável pela preservação das culturas e memórias do imaginário nacional. Entretanto, nem sempre a biblioteca pública desempenhou esse papel, sendo, muitas vezes, apenas um grande depósito de livros.

As bibliotecas públicas sempre dependeram do Instituto Nacional do Livro, criado em 1937. Ao longo dos seus 52 anos, o Instituto somou alguns aportes para o desenvolvimento de políticas públicas para a área, embora tenha sido também responsável por muitas barreiras para o desenvolvimento das bibliotecas públicas no Brasil. Contudo, uma grande contribuição neste sentido foi a incorporação destas políticas públicas à agenda governamental.

Desta maneira, foi possível ampliar os acervos e o apoio à formação de bibliotecários, contribuições notáveis para este campo. Entretanto, tais políticas não acompanharam as transformações ocorridas na sociedade brasileira, tendo suas ações sido conduzidas por correntes políticas conservadoras, orientadas por um olhar elitista e pautado por um conceito erudito de cultura, desconsiderando sua dimensão antropológica enquanto modos de vida e expressão de culturas locais, e provocando, nesse sentido, uma estagnação do papel da biblioteca como depositária e disseminadora da diversidade cultural brasileira.

Desta forma, a dificuldade de acesso à informação gera um grande impacto na vida das pessoas. A informação é indispensável na formação de cidadãos e na construção de sua autonomia, pois torna o ser humano capaz de organizar a sua visão de mundo; permite-lhe externar opiniões e tomar posicionamentos, transformando informação em conhecimento. Assim, *“a biblioteca pública é porta de entrada para o conhecimento, proporciona condições básicas para a aprendizagem permanente, autonomia de decisão e desenvolvimento cultural dos indivíduos e grupos sociais.”* (UNESCO, 1994).

Outro aspecto decisivo para a desvalorização do papel da biblioteca no cotidiano do cidadão foi a falta de diálogo com os processos informacionais e as novas tecnologias de informação e comunicação, tornando seu espaço obsoleto e pouco atrativo à população.

“Na contemporaneidade uma outra demanda se instala com a sociedade marcada pela permanente necessidade, busca e uso da informação. A biblioteca pública há de estar preparada para oferecer não apenas a informação registrada na forma impressa, mas incluir a eletrônica e a digital, em especial a Internet, pela amplitude de recursos que representa.” (CUNHA, 2005, p. 7)

O Manifesto da UNESCO/ IFLA de 1994, sobre bibliotecas públicas, sugere a incorporação de tecnologias da informação e comunicação como missão das bibliotecas públicas, para *“facilitar o acesso à informação e à habilidade no uso do computador.”*





No que diz respeito à inclusão digital, segundo o Censo Nacional de Bibliotecas Públicas de 2010, o Brasil avançou pouco: apesar de 45% das bibliotecas públicas terem computadores com acesso à internet, apenas 29% disponibilizam o serviço para os usuários. Segundo pesquisa CGI. BR de 2011, constatou-se que 69% dos usuários de internet das classes sociais D e E usam pontos públicos de acesso às tecnologias da informação e comunicação (TIC). Os dados demonstram que esses pontos públicos de TIC são muito significativos no provimento de acesso à população menos favorecida, mas também que o país ainda tem um grande desafio pela frente: oportunizar acesso para 86% desta população (VOELCKER, 2013).

O telecentro foi o modelo mais frequentemente adotado, na tentativa de disseminar informações em questões que contribuam para o desenvolvimento humano, econômico e social em suas comunidades locais. Pesquisas recentes apontam que em diversos países o telecentro é um dos três tipos de centros públicos de acesso à informação, sendo os outros as denominadas *Lan houses* e as bibliotecas públicas. As bibliotecas públicas estão integradas às políticas públicas de governo e trazem em sua missão, entre outros objetivos, promover o acesso à informação. Ainda que as bibliotecas brasileiras tenham foco predominante na promoção da leitura, com ações rarefeitas na área da ação cultural, supõe-se que elas sejam potenciais centros para o desenvolvimento de formas de uso de tecnologia que proporcionem desenvolvimento ou melhoria da qualidade de vida (VOELCKER, 2013) de suas comunidades.

Com o desejo de auxiliar as bibliotecas públicas no enfrentamento de tais desafios, surgiu o projeto *Tô na Rede*, fruto de uma parceria entre o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, a Fundação Bill & Melinda Gates e o Instituto de Políticas Relacionais. Uma parceria que busca diminuir as assimetrias de acesso à informação, ao conhecimento, às culturas e às denominadas TICs, por meio da capacitação de funcionários de bibliotecas públicas em três cidades brasileiras, com o objetivo de ampliar seu engajamento no diálogo e no melhor atendimento das comunidades de entorno.

// Na contemporaneidade uma outra demanda se instala com a sociedade marcada pela permanente necessidade, busca e uso da informação. A biblioteca pública há de estar preparada para oferecer não apenas a informação registrada na forma impressa, mas incluir a eletrônica e a digital, em especial a Internet, pela amplitude de recursos que representa.”
(CUNHA, 2005, p. 7)





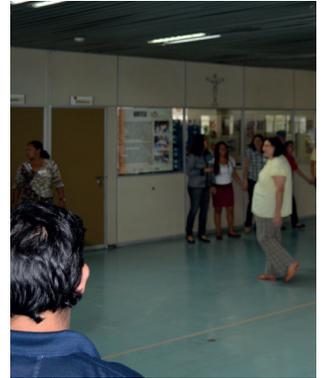
O QUE É MESMO UMA BIBLIOTECA PÚBLICA?

Para potencializar os espaços das bibliotecas como pontos de cultura e informação para as comunidades, o projeto *Tô na Rede* foi idealizado como uma experiência-piloto; o caminho metodológico escolhido foi um processo de formação aberto à participação e construção coletiva, que teve como premissa o envolvimento de gestores, bibliotecários e demais funcionários com as comunidades e dinâmicas locais onde estão inseridos estes equipamentos de cultura.

Esta escolha permitiu o desenvolvimento de um processo permeado por experiências e práticas que buscaram fomentar uma participação propositiva e uma reflexão crítica dos participantes frente a situações cotidianas, seja nas relações de trabalho, na gestão dos espaços ou na mediação sociocultural com os territórios e seus públicos.

O processo de formação e o projeto pedagógico foram desenhados com o intuito de abordar duas dimensões. A primeira, reflexivo-afetiva, com um viés mais humanista, que se preocupou em compreender como se davam as relações de convivência em atividades desenvolvidas nas bibliotecas, tanto de funcionários entre si, quanto na sua interação com o público usuário e no diálogo com suas comunidades de entorno. Para tanto, foi preciso identificar quais eram as visões de mundo dos participantes do projeto e com quais valores e crenças eles conduziam seu ofício de funcionário de biblioteca, para, assim, podermos interferir em algumas situações que poderiam provocar mudanças, a partir de experiências compartilhadas coletivamente.





A segunda dimensão, que podemos chamar de empírico-mobilizadora, buscou dar concretude às indagações que a dimensão reflexivo-afetiva trouxe à tona no decorrer desse processo. As tecnologias de informação e comunicação (TICs) foram agregadas ao projeto como ferramentas de ação e de mediação cultural, tanto nas relações internas de trabalho das bibliotecas quanto na relação com o seu público usuário.

Para trabalhar estas questões foi elencado um rol de assuntos relevantes para a qualificação e o aumento do engajamento no campo da mediação cultural e da biblioteconomia. Os temas foram convertidos em um programa de oficinas interdisciplinares (com durações e métodos variados), com atividades práticas orientadas por especialistas em biblioteconomia, psicodrama, mobilização social, dinâmicas de grupo, expressão corporal, mapeamentos locais, políticas públicas, tecnologias da informação, informática, comunicação e educomunicação. Estes profissionais foram identificados no projeto como *facilitadores* dos temas abordados.

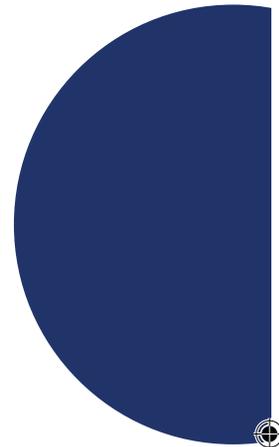
Neste sentido, foram criados, nestas oficinas, conteúdos e práticas com a proposta de dar suporte às ações dos funcionários, dentro e fora das bibliotecas. As estratégias utilizadas partiram dos diálogos com:

- **o psicodrama** para a construção de um grupo coeso, para elucidar situações de conflito diante de relações de trabalho e de sociabilidade entre funcionários, e também com o público usuário.

- **a educomunicação** para a criação de conteúdos críticos e verossímeis das realidades locais, envolvendo diversos atores sociais.

- **as expressões corporais e artísticas e a história oral** para trabalhar as dimensões subjetivas de cada um e para criar um sentido de coletividade entre os grupos de funcionários formados pelo *Tô na Rede*.





• os mapeamentos locais

para incentivar os atores sociais do entorno ao diálogo com as bibliotecas; revelar a diversidade sociocultural local; estabelecer parcerias que promovam desenvolvimento (econômico, cultural, educacional, humano e comunitário); ampliar as ações das bibliotecas em suas vizinhanças; identificar, organizar e catalogar as culturas locais; estabelecer possíveis políticas públicas a partir de demandas locais.

• a cultura digital

tangenciando as tecnologias de informação, nos usos potenciais de *softwares* de editoração, da internet e das ferramentas de gestão de informações, tais como: mapas colaborativos, georreferenciamento, navegação no site *Tô na Rede*, *softwares* de edição de textos, planilhas e outros.

• as tecnologias de comunicação

para fomentar o uso consciente da internet e de redes sociais como instrumentos de divulgação de ações das bibliotecas.



Como se tratava de uma metodologia aberta a processos participativos, os facilitadores incorporaram métodos próprios de suas áreas de conhecimento nas experiências das oficinas com os participantes, que foram norteadas pelos seguintes conteúdos programáticos:

| Oficinas realizadas no Tô na Rede | 210 horas |
|---|------------------|
| Bloco I – Autoconhecimento, o outro e a biblioteca: construindo o grupo | 30 |
| Bloco II – Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs I | 12 |
| Bloco III – Ética e cidadania | 18 |
| Bloco IV – Reconhecimento de talentos | 24 |
| Bloco V – Conhecer para transformar: mapeamentos socioculturais | 48 |
| Bloco VI – Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs II | 24 |
| Bloco VII – Educomunicação I | 54 |
| Bloco VII – Educomunicação II | |

*Total 246 horas incluindo atividades extra períodos de formação.

Neste processo, cada facilitador contribuiu com seus conhecimentos e com suas vivências. À medida que as trocas entre facilitadores e participantes aconteciam, as relações de sociabilidade foram se transformando. Em alguns momentos sob a pressão do conflito revelado; em outros, pelas epifanias de descobrir um território novo, uma outra realidade, outros atores sociais. Neste sentido, a opção foi trabalhar conteúdos teóricos em estudos.

Por recomendação do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas – SNBBP, as cidades escolhidas para a realização deste primeiro piloto foram Arapiraca (AL), Belém (PA) e São Paulo (SP). A escolha destes municípios para o desenvolvimento deste primeiro piloto revelou realidades extremamente diversas, com dinâmicas locais próprias e territórios heterogêneos, o que acabou atribuindo qualidades e resultados distintos para cada uma das cidades.

Estas diferenças se refletem, principalmente, no cenário local de cada região, que está diretamente ligado a um contexto sociocultural e socioeconômico que influencia profundamente o papel de um equipamento de cultura no território – neste caso, as bibliotecas públicas.

Desta forma, procuramos trabalhar com os territórios a partir de dois aspectos. O primeiro, a partir de dados estatísticos oficiais, o que permitiu criar algumas comparações entre o porte das cidades, sua dinâmica populacional, os indicadores de qualidade de vida, a rede de bibliotecas públicas, entre outros. Estes dados estão organizados mais adiante em *I – Cidades escolhidas*.

Contudo, o segundo aspecto trouxe o contato presencial com os territórios, permitindo outras percepções que os dados censitários não são capazes de revelar. Para tanto, buscamos trabalhar com questões que pudessem despertar reflexões e críticas nos participantes sobre culturas de trabalho e relações com o espaço público. Assim, o conceito de *cultura* foi um dos fios conduto-



res dos mapeamentos socioculturais, e neste contexto é compreendido como: modos de vida, relações de sociabilidade, costumes, crenças, valores, identidades e diversidade cultural, expressões e manifestações artísticas e culturais, memória, saúde da mente e do corpo, comunicação, corpos, gêneros.

Trabalhamos os contextos territoriais a partir de suas práticas socioculturais, assim como interagimos com os participantes a partir de uma perspectiva cultural, levando em consideração suas especificidades e seu modo de vida, que se refletem no exercício de suas funções nas bibliotecas.

Outro aspecto que buscamos apreender neste processo foi o perfil dos funcionários participantes do projeto. Neste sentido, foi elaborado um questionário de teor quantitativo e qualitativo, que foi aplicado no primeiro bloco de formação, *Autoconhecimento, o outro e a biblioteca: construindo o grupo*, e nos permitiu analisar dados referentes a qualificação profissional, escolaridade, cargos ocupados, atividades desenvolvidas, conhecimentos e interações com as tecnologias de informação e comunicação (TICs). Estes dados do questionário estão apresentados, nesta publicação, em *II – Perfil dos gestores* e *III – Conhecimentos e integração de tecnologias de informação e comunicação (TICs)*.

Os dados do questionário foram pontos de partida para avaliarmos seus conhecimentos declarados. Contudo, na prática e no corpo a corpo das oficinas, percebemos que as realidades eram ainda mais complexas, tanto nas relações humanas quanto na infraestrutura e capacidade do Estado. Estas questões, porém, só vieram à tona nos processos de formação com os facilitadores ou em contextos de mobilização coletiva para realizar atividades programadas à distância. Percepções importantes, que revelaram alguns temas para reflexão, a partir das oficinas realizadas e discutidas coletivamente entre a equipe técnica do projeto. Alguns destes temas foram abordados nos capítulos seguintes, a partir de grandes recortes, que foram agrupados por similaridade e tratados nas oficinas e no processo de organização do evento público de apresentação da biblioteca, após o processo de formação dos funcionários. São eles: 2. *Dramatizações do cotidiano*; 3. *Cartografias afetivas*; 4. *Entrando na rede*; 5. *Estar na rede*; 6. *Familiarização com o novo*.





CIDADES ESCOLHIDAS



Arapiraca
ALAGOAS

Arapiraca é um município localizado no estado brasileiro de Alagoas. Principal cidade do interior, a cerca de 130 km da capital, Maceió, conta com 229.329 habitantes (estimativa IBGE, 2014). Ficou conhecida, nos anos 1970, como a “*Capital do Fumo*”, por ser um dos maiores produtores de tabaco do país. O nome Arapiraca vem de uma árvore leguminosa-mimosácea, uma espécie de angico-branco, comum no agreste e no sertão do nordeste do país. Segundo a tradição popular, a palavra Arapiraca tem origem indígena e significa: “ramo que arara (uma ave) visita”. Teria sido embaixo de uma arapiraca, localizada às margens do Riacho Seco, que Manoel André Correia dos Santos, o fundador da cidade, parou para descansar, quando por ali viajava; a sombra daquela árvore fez com que tivesse a ideia de construir uma cabana.

Depois de algum tempo, com a vinda de outras famílias, aquela arapiraca foi aos poucos sendo cercada por um povoado. O local começou a ser habitado na primeira metade do século XIX. Já em 1864, Manoel André construiu ali a capela de Santa Cruz e escolheu como padroeira Nossa Senhora do Bom Conselho. Como distrito, Arapiraca esteve subordinada, sucessivamente, a Penedo, Porto Real do Colégio, São Brás e Limoeiro. Este povoado foi elevado à categoria de município em 30 de outubro de 1924, constituindo-se de territórios desmembrados de Palmeira dos Índios, Porto Real, São Brás, Traipu e Limoeiro.

A partir dos anos 1980, a cidade passa por um expressivo crescimento econômico, fomentado por atividades de comércio (destaque para a tradicional feira livre) e serviços. Além disso, o setor industrial do município tem apresentado relativo crescimento nos últimos anos. Hoje é a cidade-polo da Região Metropolitana do Agreste, criada pela Lei Estadual Complementar nº 27, de 2009, que agrega outros 19 municípios e totaliza cerca de 600 mil habitantes. Sua localização privilegiada, no centro geográfico de Alagoas, interliga as demais regiões geoeconômicas desse estado e a caracteriza como polo de abastecimento agropecuário, comercial, industrial e de serviços. O município já dispõe de uma grande potencialidade para o turismo, visto que apresenta uma gastronomia rica e variada, riquezas naturais e um povo hospitaleiro, além de manifestações culturais diversificadas, sobretudo das culturas populares.

Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Estado de Alagoas

O Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Estado de Alagoas foi instituído em 26 de julho de 1995. Órgão da Secretaria de Estado da Cultura, ligado ao Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas da Fundação Biblioteca Nacional, tem como pressuposto básico, no desenvolvimento de suas ações, a função social da biblioteca pública. A exemplo dos demais Sistemas Estaduais, cumpre o papel de gerenciamento operacional do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas e dos programas e projetos de incentivo à leitura desenvolvidos pela Secretaria de Cultura de Alagoas, articulando-se com as bibliotecas públicas municipais.

Sistema Municipal de Bibliotecas Públicas do Município de Arapiraca

O Sistema de Bibliotecas Públicas do Município de Arapiraca foi instituído em 23 de junho de 2014, pela Lei nº 3.025/2014. Departamento da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, ligado ao Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas da Fundação Biblioteca Nacional, tem como finalidade desenvolver as atividades de planejamento, organização, coordenação, supervisão e apoio às bibliotecas públicas de Arapiraca. O sistema é formado por bibliotecas públicas, escolares, comunitárias, rurais e empresariais a ele associadas ou conveniadas, articuladas no âmbito da Secretaria de Cultura e Turismo pela Biblioteca Pública Municipal Pedro de França Reis.





Durante o ciclo da borracha, Belém foi considerada uma das cidades brasileiras mais desenvolvidas, não só por sua posição estratégica – próxima ao litoral –, mas também porque sediava um grande número de residências de seringalistas, casas bancárias e outras importantes instituições desse período.

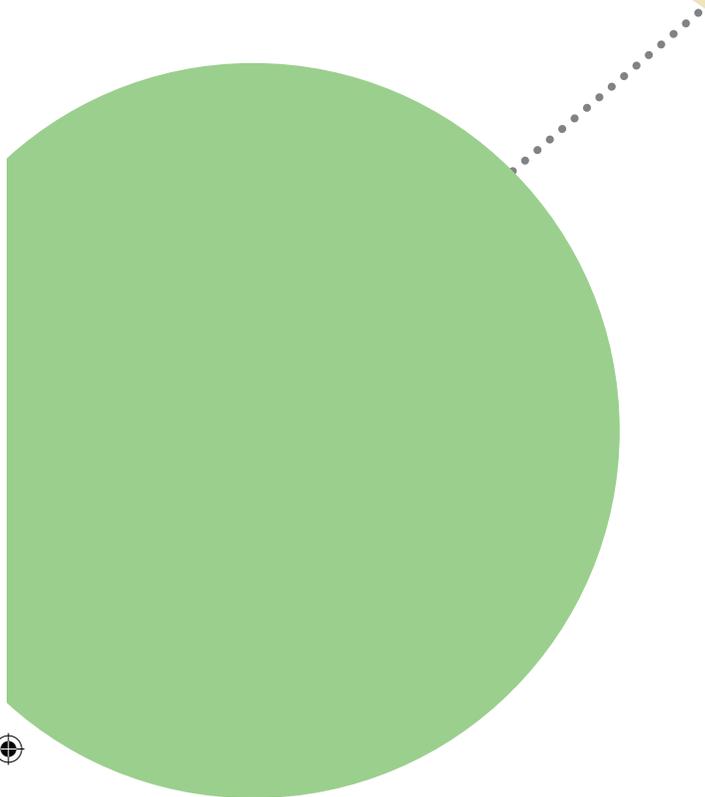
Seu apogeu foi entre 1890 e 1920, quando a cidade contava com tecnologias, equipamentos culturais e monumentos arquitetônicos que as cidades do sul e sudeste brasileiros ainda não possuíam – como, por exemplo, o Cinema Olympia (o mais antigo do Brasil em funcionamento), considerado um dos mais luxuosos e modernos da época; o Teatro da Paz, inspirado no Teatro Scala de Milão e um dos mais belos do Brasil; o Mercado Ver-o-Peso, a maior feira livre da América Latina; o Palácio Antônio Lemos; a Praça Batista Campos, e vários outros. Assim, foram atraídas, nesse período, levas de imigrantes estrangeiros, como portugueses, franceses, japoneses, espanhóis e outros grupos menores, a fim de desenvolverem a agricultura nas terras da Zona Bragantina.

Com uma população de 1.432.844 habitantes em 2014, Belém é a 2ª cidade mais populosa da Região Norte e a 11ª do país. É a capital do estado do Pará e sede da Região Metropolitana, formada por mais quatro municípios, somando 696 mil habitantes. Sua população está distribuída em 71 bairros, que integram oito distritos administrativos.

Atualmente, Belém é considerada uma das 10 cidades mais movimentadas e atraentes do Brasil, pelo seu expressivo comércio e sua vocação turística. Possui posição estratégica, que lhe proporciona um papel de destaque na geopolítica da Amazônia e no desenvolvimento da região. Denominada “Portal da Amazônia”, é, de fato, a principal via de entrada e saída de bens e pessoas para todo o Pará e a Amazônia. Sua zona de influência política e comercial se estende a 161 municípios da região (IBGE, 2005). É um dos portos brasileiros de menor distância com países da Europa e com os Estados Unidos. Belém está se preparando para comemorar seus 400 anos em janeiro de 2016.

A topografia do município é pouco variável e baixa, atingindo altitude máxima de 25 metros na ilha de Mosqueiro. Na faixa urbana da cidade, grandes áreas estão cerca de 4 metros abaixo da cota do rio, sofrendo influência das marés altas e tendo dificuldade no escoamento das águas da chuva. São chamadas “baixadas de Belém”.





Os distritos administrativos de Mosqueiro e Outeiro são formados pelas quase 40 ilhas do município e ocupam a maior parte do seu território, mas têm poucos moradores. Os demais seis distritos estão localizados na área continental e concentram a maior parte da população do município.

A Biblioteca Pública Arthur Vianna da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves fica no bairro Batista Campos, junto à Cidade Velha, na parte central de Belém, que é o distrito administrativo com maior concentração de renda.

Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Estado do Pará

O Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas está ligado à biblioteca por meio de uma secretaria executiva e tem por objetivo implantar, modernizar e dinamizar as bibliotecas públicas nos 144 municípios do Pará. Esta é a missão do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (SEBP), criado e reformulado pelos Decretos Estaduais nº 5.766/1988 e nº 1.436/2004, respectivamente.

Sistema Municipal de Bibliotecas Escolares do Município de Belém

O Sistema Municipal de Bibliotecas Escolares está vinculado à Secretaria Municipal de Educação de Belém e foi criado para ressignificar as salas de leitura e implementar as bibliotecas escolares da rede municipal de educação, transformando-as em espaços de acolhimento, oferecendo acesso à leitura aos alunos, ao corpo docente e à população do entorno.





São Paulo
S. PAULO
Subprefeitura de
Campo Limpo



Campo Limpo é um dos 96 distritos do município de São Paulo. Fica na zona sudoeste desse município, a cerca de 17 quilômetros do Marco Zero da cidade. Faz divisa com os distritos de Vila Sônia, Vila Andrade, Jardim São Luís e Capão Redondo, e ainda com o município de Taboão da Serra, delimitado pelo córrego Pirajuçara. É também a sede de uma das 32 subprefeituras da capital paulista, abarcando os distritos de Capão Redondo e Vila Andrade.

Pouco se sabe sobre sua criação, mas moradores mais antigos especulam que o distrito de Campo Limpo originou-se da Fazenda Pombinhos, pertencente à família Reis Soares, em meados de 1937.

Várias colônias de imigrantes japoneses, italianos e portugueses se estabeleceram na região, atraídos pelo baixo preço dos terrenos naquela época. Por volta de 1950, a paisagem do distrito era ainda de muitas fazendas, chácaras e olarias. Havia também três empórios de “secos & molhados”, uma farmácia, uma barbearia, um grupo escolar de madeira e um mosteiro da igreja católica. As igrejas de São Judas Tadeu e de São José Operário, construídas nos anos 1960, são importantes referências para a região. A energia elétrica ali chegou em 1958, a primeira linha de ônibus foi criada em 1963 e o calçamento das primeiras ruas iniciou-se em 1968.

A partir das décadas de 1960 e 1970, houve uma explosão populacional no bairro, até então pouco habitado. Os novos moradores eram, em sua maioria, migrantes de origem pobre, que vinham, sobretudo, do interior de São Paulo e dos estados das regiões Nordeste e Sul do Brasil.

O crescimento da região, assim como em outras áreas periféricas da cidade, ocorreu de maneira mais intensa a partir desse período, sem o necessário planejamento pelos órgãos públicos. Em 1973, foi instalada a Administração Regional do Campo Limpo, hoje transformada em subprefeitura, onde se discutem e se planejam todas as ações de melhoria nos três distritos abrangidos pelo órgão (Campo Limpo, Vila Andrade e Capão Redondo).

A partir da década de 1990, o bairro sofreu um grande crescimento imobiliário, com o lançamento de empreendimentos residenciais para a classe média. Vizinho de outros grandes centros comerciais e de escritórios em expansão acelerada – como o Centro Empresarial de São Paulo, a região da via Marginal Pinheiros e da Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini –, além de ser também vizinho de bairros considerados nobres, como Vila Andrade e Morumbi, o bairro do



Campo Limpo começou a atrair novos moradores, com perfil bastante diferente daqueles que vieram na primeira fase de ocupação, na década de 1960; em geral, estes novos moradores têm formação escolar em nível superior, muitos são profissionais liberais e quase sempre são paulistanos de outros bairros, em busca de imóveis com preços mais baratos, e próximos das novas áreas de trabalho.

A partir de 2001, o Campo Limpo registrou um crescimento da construção de instalações comerciais e, acompanhando o crescimento populacional, também de estabelecimentos educacionais privados do ensino fundamental e médio, e também de algumas universidades particulares. Também foram instalados supermercados e hipermercados de grandes redes do setor, além de *shopping centers*, localizados no centro do Campo Limpo e no distrito vizinho de Capão Redondo. Neste último, estão presentes as cinco únicas salas de cinema da região. Apesar da construção de Centros Educacionais Unificados (CEUs) a partir de 2003, ainda faltam opções de lazer e cultura para a população local, visto que a ocupação territorial continua se expandindo, por conta da especulação imobiliária, que recrudescer desde 2008.

Nos últimos anos, a região passou por um processo de urbanização bastante acelerado, com a instalação de grandes terminais e corredores exclusivos para ônibus urbanos, além de estações de metrô, interligados também à rede ferroviária metropolitana.

O primeiro grande terminal de ônibus da região foi inaugurado em 1997, no Capão Redondo, distrito da mesma subprefeitura. Com uma área superior a 2.000 m², o Terminal Capelinha é ainda considerado o maior da América Latina em extensão de área coberta. Em 2009, foi inaugurado o Terminal Campo Limpo, ligando diversas regiões da cidade.

Tais acréscimos mudaram consideravelmente a mobilidade urbana, por ser esta uma região de trânsito intenso, principalmente a Estrada do Campo Limpo, e, ainda, por ser uma via de acesso a municípios adjacentes, como Itapeverica da Serra, Taboão e Embu.

Embora a região tenha passado por uma série de benfeitorias públicas, ainda é marcada por uma grande divisão social; ali vivem pessoas de baixa renda em favelas, moradias de baixo padrão e conjuntos habitacionais populares, ao lado de condomínios horizontais e verticais de classe média e média-alta. Além desse tipo de ocupação, o bairro possui grandes áreas de comércio popular e uma atividade industrial em processo de declínio, com alguns galpões e fábricas ainda em atividade.

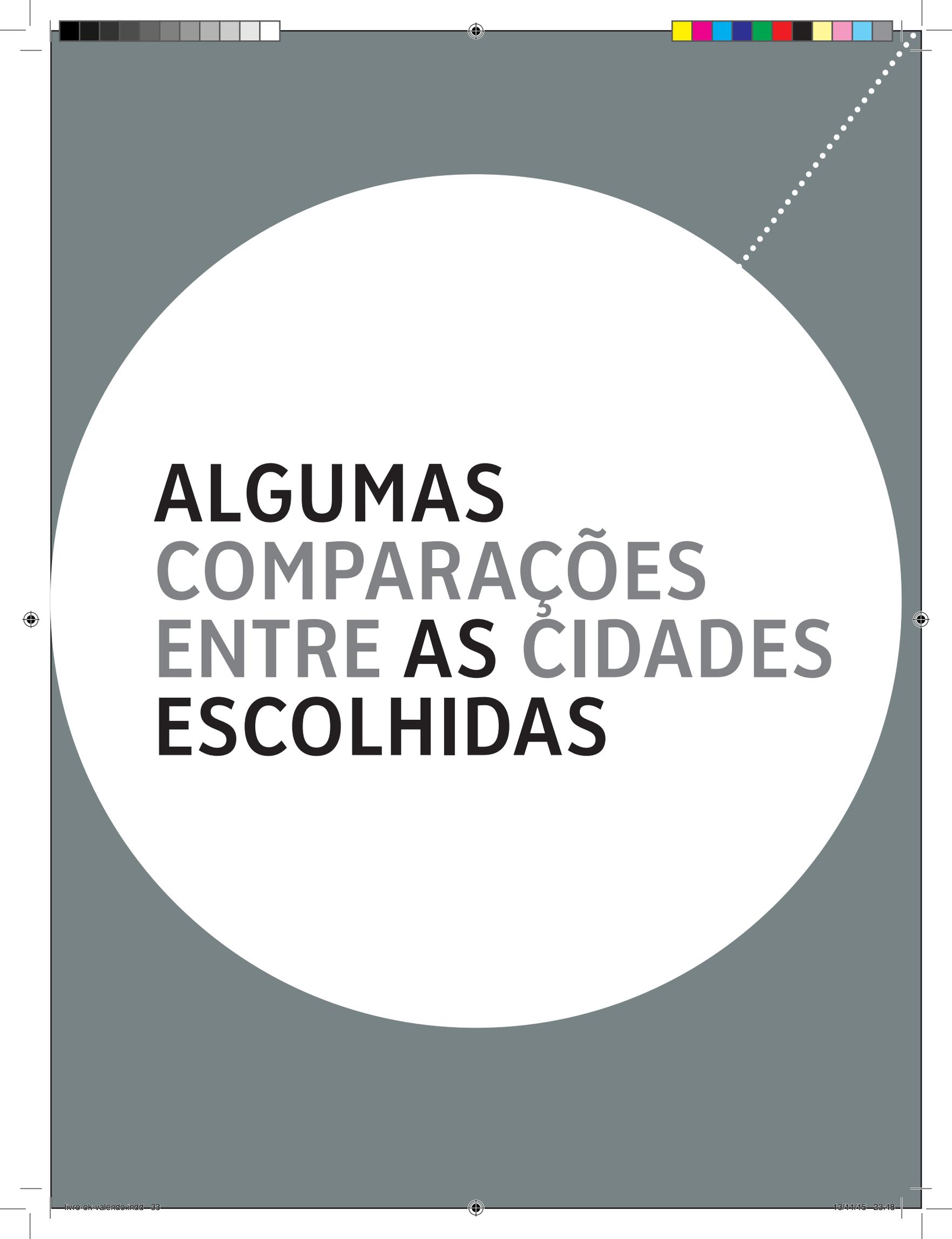
Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo

Incentivar a leitura por meio de apoio e valorização das bibliotecas públicas municipais e estaduais é o principal objetivo do Sistema Estadual de Bibliotecas – SISEB, coordenado pela Unidade de Bibliotecas e Leitura da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. O Sistema foi criado pelo Decreto nº 22.766, de 09/10/1984 e reformulado pelo Decreto nº 55.914, de 14/06/2010.

Sistema Municipal de Bibliotecas Públicas do Município de São Paulo

O Sistema Municipal de Bibliotecas – SMB é composto por 107 bibliotecas: 51 bibliotecas públicas nos bairros, 6 bibliotecas centrais, 46 bibliotecas dos Centros de Educação Unificada (CEUs), 1 biblioteca do Arquivo Histórico Municipal, 1 biblioteca do Centro Cultural da Juventude, 1 biblioteca do Centro Cultural da Penha, 1 biblioteca do Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes. O Sistema conta também com os serviços de extensão, composto de caixas-estantes, ônibus-biblioteca com roteiros fixos nas regiões mais periféricas da cidade, além de 13 Bosques da Leitura e 14 Pontos de Leitura. As bibliotecas de bairro em São Paulo são, ao todo, 51 unidades, que oferecem um acervo variado, com obras de diferentes gêneros.





**ALGUMAS
COMPARAÇÕES
ENTRE AS CIDADES
ESCOLHIDAS**

| Dados | Arapiraca | Belém | São Paulo | **Subprefeitura Campo Limpo São Paulo |
|-----------------------------------|---------------------------|-----------|----------------|---------------------------------------|
| População (hab) | 214.006 | 1.393.399 | 11.253.503 | 607.105 |
| Densidade demográfica (hab/km²) | 600,83 | 1.315 | 7.398 | 16.542 |
| Área da unidade territorial (km²) | 352,000 | 1.059,458 | 1.521,110 | 36,7 |
| Bioma | caatinga e mata atlântica | amazônia | mata atlântica | mata atlântica |
| Renda Média | 450,90 | 876,92 | 1.499,57 | 958,78 |
| ***IDHM | 0,649 | 0,746 | 0,805 | 0,806 |

Fonte: CPS/FGV a partir dos dados do Censo 2010/IBGE.
 ** Fonte: Secretaria de Subprefeituras do Município de São Paulo.
 *** Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.

Evolução populacional

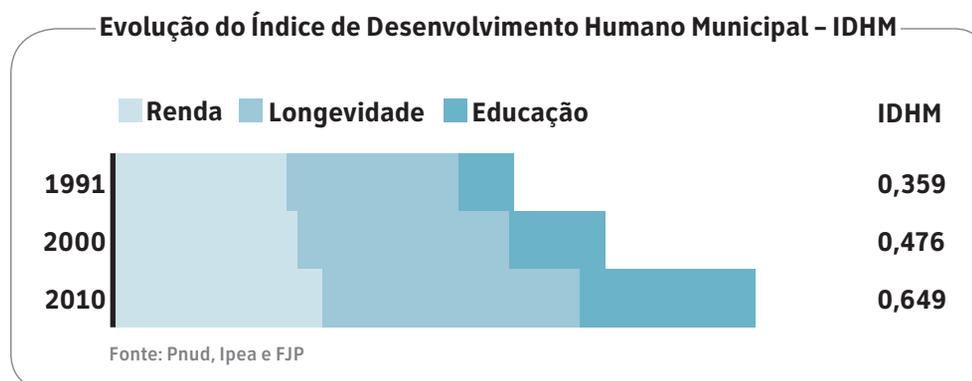
| ANO | Arapiraca | Belém | São Paulo |
|------|-----------|-----------|------------|
| 1991 | 164.921 | 1.244.689 | 9.646.185 |
| 1996 | 172.639 | 1.140.349 | 9.736.249 |
| 2000 | 186.466 | 1.280.614 | 10.434.252 |
| 2007 | 202.398 | 1.408.847 | 10.886.518 |
| 2010 | 214.006 | 1.393.399 | 11.253.503 |

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 1991, Contagem Populacional 1996, Censo Demográfico 2000, Contagem Populacional 2007 e Censo Demográfico 2010;

>> INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL – IDHM

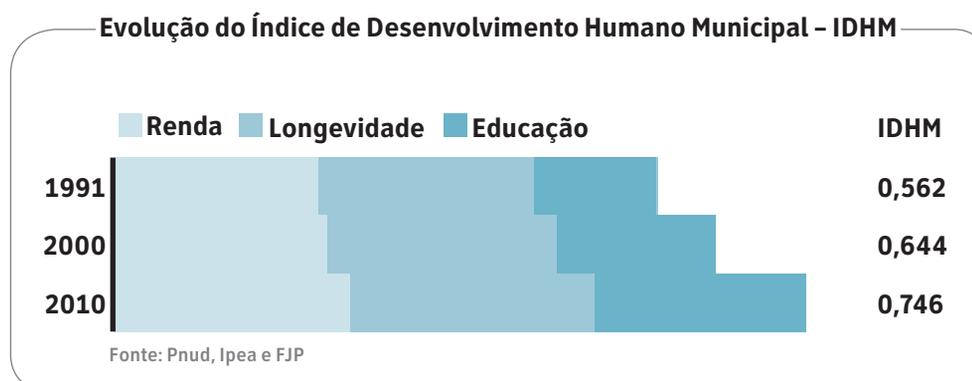
••• ARAPIRACA – AL¹

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Arapiraca é **0,649**, em 2010. O município está situado na faixa de *Desenvolvimento Humano Médio* (IDHM entre 0,6 e 0,699). Entre 2000 e 2010, a dimensão que mais cresceu em termos absolutos foi *Educação* (com crescimento de 0,252), seguida por *Longevidade* e por *Renda*. Arapiraca ocupava, em 2010, a 3.136ª posição em relação aos 5.565 municípios do Brasil. Já em relação aos 102 municípios de Alagoas, Arapiraca ocupa a 3ª posição, mas com o valor do IDHM bastante distante da capital, Maceió, que teve o maior IDHM do Estado, de **0,721**. Mas é muito importante ter claro que o IDHM de um grande município como Arapiraca esconde enormes disparidades intraurbanas, com bairros mais distantes do centro apresentando indicadores de condições de vida bem piores do que os bairros mais centrais.



••• BELÉM – PA²

O IDHM de Belém do ano 2010, de **0,746**, corresponde à faixa de *Desenvolvimento Humano Alto* (IDHM entre 0,7 e 0,799). Entre 2000 e 2010, a dimensão que mais cresceu em termos absolutos foi *Educação* (com crescimento de 0,169), seguida por *Longevidade* e por *Renda*. Observa-se que Belém apresentava, em 2010 o maior IDHM entre os 143 municípios do Pará, e um dos maiores em toda a Região Norte do país, superando inclusive Manaus (com IDHM de 0,737). Mas, no plano nacional, Belém é superado por nada menos do que 627 municípios, provavelmente tão precários quanto os oito municípios paraenses que apresentavam, no ano de 2010, IDHM abaixo de **0,500**.



1 Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013.

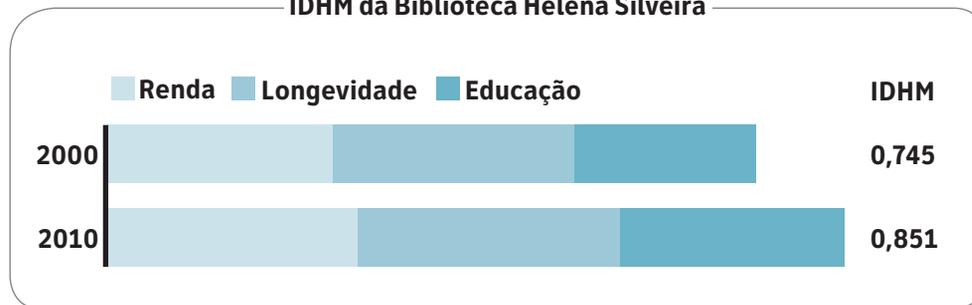
2 Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013.

• • • SÃO PAULO – SP³

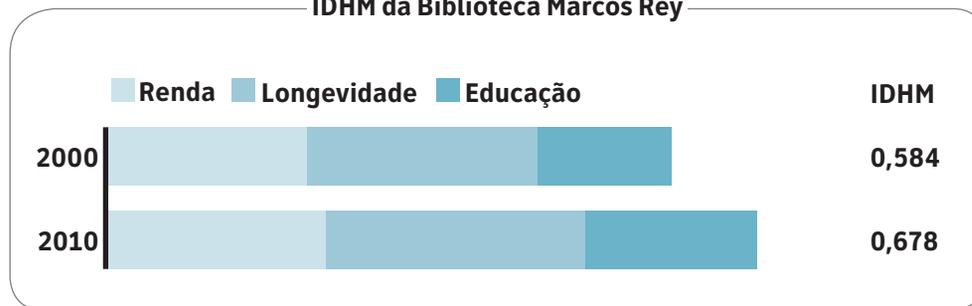
Subprefeitura de Campo Limpo

O IDHM do município de São Paulo é de **0,805** em 2010 – o da RM é 0,794. Assim, a UDH (Unidade de Desenvolvimento Humano) que sedia a Biblioteca Helena Silveira tem IDHM maior do que o município, com **0,851**, enquanto a que sedia a Biblioteca Marcos Rey está muito abaixo, com **0,678**.

IDHM da Biblioteca Helena Silveira



IDHM da Biblioteca Marcos Rey



3 Fonte: dados extraídos do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013. Gráficos IDHM bibliotecas Helena Silveira e Marcos Rey, elaborados por Jorge Kayano.

>> OFERTA DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS NAS CIDADES ESCOLHIDAS

| Dados | Arapiraca | Belém | São Paulo | São Paulo Subprefeitura de Campo Limpo |
|---|-----------|-------|-----------|--|
| *Rede de bibliotecas públicas por estado | 95 | 136 | 632 | – |
| Rede de bibliotecas públicas por município | **11 | **71 | 107 | 02 |
| Bibliotecas atendidas no Projeto Tô na Rede | 10 | 02 | 02 | 02 |

* Fonte: Quantitativo de Bibliotecas nos Municípios Brasileiros – Unidades Federação – 2012 – IBGE

** Do total de 11 bibliotecas, temos: 9 bibliotecas públicas; 01 biblioteca privada; 01 biblioteca comunitária.

*** Do total de 71 bibliotecas, 69 são bibliotecas escolares.

>> BIBLIOTECAS SELECIONADAS PELO PROJETO TÔ NA REDE

Recursos físicos e humanos das bibliotecas selecionadas

| Dados | Arapiraca | Belém | São Paulo Subprefeitura de Campo Limpo |
|-------------------------------------|-----------|--------|--|
| Bibliotecas urbanas | 9 | 2 | 2 |
| Bibliotecas rurais | 2 | – | – |
| Internet gigabytes | 3 | 10 | Sem informação |
| Número de funcionários | 31 | 239 | Sem informação |
| Computadores para uso público | 90 | 110 | Aprox. 22 |
| Acesso público mensal da biblioteca | 2.000 | 14.830 | Sem informação |

• • • **ARAPIRACA**

● **Biblioteca Central Professor Pedro de França Reis**

A Biblioteca Pedro de França Reis, ligada à Secretaria de Cultura e Turismo, faz parte da Casa de Cultura de Arapiraca, que foi fundada em 1998 e fica localizada no centro de Arapiraca. Além de obras literárias, a biblioteca dispõe de um acervo iconográfico relativo à cultura fumageira. O espaço abriga ainda expressões da cultura popular regional e autores locais, seja na forma de obras expostas ou manifestações artísticas.

● **Indústria do Conhecimento – Serviço Social da Indústria – SESI**

As *Indústrias do Conhecimento* são centros multimeios, compostos por biblioteca (2000 volumes), DVDteca, CDteca, gibiteca e Internet. Os espaços são mantidos pelo Serviço Social da Indústria – SESI. Na cidade de Arapiraca, sua sede situa-se no Lago Perucaba.

● **Rede de bibliotecas públicas de bairro – Arapiraquinhas**

As *Arapiraquinhas* estão ligadas à coordenação da Secretaria Municipal de Educação. São bibliotecas públicas de bairro, que têm por objetivo descentralizar os espaços de mediação de leitura nas periferias e áreas rurais da cidade, além de oferecer acesso ao conhecimento, informação e cultura. Cada biblioteca conta com um acervo de aproximadamente três mil títulos. Os espaços funcionam em três turnos (de segunda a domingo e feriados). As *Arapiraquinhas* estão localizadas em praças públicas, com o propósito de incentivar a leitura entre crianças, jovens e adultos. Funcionam interligadas às escolas em seu entorno e são administradas por professoras da rede municipal de ensino, sob supervisão de um coordenador da Secretaria Municipal de Educação.





| ARAPIRAQUINHAS | Tipo | Bairro | Inauguração |
|---|--------|------------------|-------------|
| Biblioteca Pública Prof. Neuza Gomes da Silva Nascimento | Urbana | Jardim Esperança | 2010 |
| Biblioteca Pública Professor Miguel Valeriano | Urbana | Novo Horizonte | 2011 |
| Biblioteca Pública Claudenice de Oliveira Pimentel | Urbana | Canaã | 2012 |
| Biblioteca Pública Professor Erasmo Soares de Araújo | Urbana | Primavera | 2012 |
| Biblioteca Pública Professora Maria Magdalena Filha | Urbana | Canafistula | 2012 |
| Biblioteca Pública Professor Aluizio Gomes Barbosa | Urbana | Planalto | 2012 |
| Biblioteca Pública Claudeci Martins Silva | Rural | Vila São José | 2013 |
| Biblioteca Pública Terezinha Oliveira de Macedo | Rural | Vila Bananeiras | 2013 |



● ● ● BELÉM

● Biblioteca Pública Arthur Vianna – Belém

A Biblioteca Pública Arthur Vianna faz parte da Fundação Cultural do Pará, da Secretaria Estadual de Cultura, e foi fundada em 25 de março de 1871 por Joaquim Pires Machado Portella, então presidente da província.

No ano de 1894, o Arquivo Público do Pará foi oficialmente incorporado à Biblioteca. Em 1986, a Biblioteca Pública se desvinculou do Arquivo Público e foi transferida para a Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves – CENTUR, onde funciona até hoje, recebendo o nome de Biblioteca Pública Arthur Vianna.

O equipamento atende a um público crescente e heterogêneo, formado por crianças, jovens, idosos, portadores de necessidades especiais, estudantes, profissionais, pesquisadores, com uma frequência média de 2.000 usuários/dia. As ações da biblioteca visam a promover o acesso à informação e à difusão de bens culturais, assim como disseminar o conhecimento da memória cultural do estado do Pará, além de contribuir, por meio de seus serviços e produtos, para o desenvolvimento integral e sustentável da sociedade.





TINA
REDE



● **Biblioteca Pública Avertano Rocha – Distrito de Icoaraci**

A Biblioteca Pública Municipal de Belém Avertano Rocha, foi criada em 21 de julho de 1972. Vinculada à Prefeitura Municipal de Belém/ Fundação Cultural do Município de Belém – FUMBEL, constitui-se em um espaço de democratização da informação e de incentivo à leitura. A biblioteca possui um acervo de aproximadamente 40 mil obras.

Mais recentemente, a biblioteca passou por diversos locais provisórios, em decorrência da reforma do Chalé Tavares Cardoso, onde funcionou até outubro de 2013, quando estas instalações foram fechadas ao público e o atendimento suspenso, para organização do acervo em virtude da mudança para outro espaço.

Atualmente se encontra sediada em um prédio alugado pela prefeitura, na orla de Icoaraci, onde funcionará temporariamente, até a conclusão das obras de recuperação do Chalé Tavares Cardoso.

• • • **SÃO PAULO** **Subprefeitura de Campo Limpo**

● **Biblioteca Municipal Helena Silveira**

A Biblioteca Helena Silveira foi inaugurada em 5 de novembro de 1988, na região do Campo Limpo, zona sul de São Paulo. Está localizada em frente a duas escolas e possui acervo de aproximadamente 31 mil exemplares. Em agosto de 2008, foi implantado um Telecentro nesta biblioteca.

● **Biblioteca Marcos Rey**

Quando foi inaugurada, em 12 de julho de 1981, a Biblioteca Infanto-Juvenil do Campo Limpo possuía uma área de 130m², espaço que só foi ampliado em 1987. Apesar dessa ampliação, o espaço continuou inadequado até o final de 2002, ano em que a biblioteca mudou-se para a sede atual, com um acervo de aproximadamente 19 mil exemplares de diversos gêneros e formatos e uma sala multiuso para realização de cursos e ações culturais.





PERFIL DOS PARTICIPANTES DO PROJETO

Para traçarmos o perfil dos participantes foi aplicado um questionário individual de caráter quantitativo, com algumas questões qualitativas. As perguntas foram elaboradas a partir de três eixos temáticos: perfil dos participantes; formação; atividade profissional. O questionário foi respondido por 113 participantes do projeto, sendo 33 de Arapiraca, 64 de Belém e 16 de São Paulo).

O primeiro eixo é referente aos dados pessoais dos participantes e atividades que realizam. Neste eixo, o foco se voltou para a identificação de talentos individuais e de atividades desenvolvidas fora do ambiente de trabalho

O segundo eixo voltou-se para a formação. O grau de escolaridade demonstrou o nível de formação dos participantes e se existe preocupação com a qualificação de mão de obra especializada nas cidades escolhidas para o projeto. O desenvolvimento profissional buscou estabelecer a visão que os participantes têm sobre sua atuação nas bibliotecas.

O terceiro eixo buscou entender melhor as atividades que compõem a equipe de funcionários da biblioteca e como eles se veem nas suas funções. Buscou-se estabelecer o tempo médio em que estes funcionários atuam em seus locais de trabalho, as atividades exercidas por cada participante dentro da biblioteca, o segmento da população mais atendido em suas respectivas bibliotecas e o que estes consideram importante para a melhoria no atendimento à população.

>> FORMAÇÃO

Grau de escolaridade

A escolaridade média dos participantes apresenta 45% com ensino superior completo e 16% incompleto, o que indica que mais da metade dos participantes deste projeto (aproximadamente 62%) têm ou tiveram acesso ao ensino superior. Todos os participantes têm pelo menos o ensino fundamental completo, ainda que o número dos que têm apenas o fundamental seja, em média geral, o menor valor (6%).

Arapiraca apresenta 70% com algum acesso ao ensino superior, sendo que 42% o completaram e apenas 27% ainda não. O quadro se completa com 30% dos participantes com acesso ao ensino médio, 21% completos e apenas 9% incompletos.

Belém apresenta o maior índice de participantes no ensino superior, com 63% indicando curso superior completo e 16% incompletos, 79% com acesso ao ensino superior.

Em **São Paulo**, a maioria dos funcionários participantes sinaliza o ensino médio incompleto, com 44%, enquanto 31% deles têm o ensino superior completo.



| Escolaridade | Arapiraca | Belém | São Paulo | Média |
|-------------------------------|-----------|-------|-----------|-------|
| Ensino fundamental completo | 0% | 5% | 13% | 6% |
| Ensino fundamental incompleto | 0% | 0% | 0% | 0% |
| Ensino médio completo | 21% | 16% | 6% | 14% |
| Ensino médio incompleto | 9% | 2% | 44% | 18% |
| Ensino superior completo | 42% | 63% | 31% | 45% |
| Ensino superior incompleto | 27% | 16% | 6% | 16% |

* Amostra: 113 questionários respondidos.

Cursos em nível superior

A tabela sobre cursos superiores apresenta os dados conforme preenchidos pelos respondentes. A questão solicitava que informassem qual o curso de graduação de cada um. Muitos responderam com a sua última formação. Se considerarmos como graduados sem especialização os que responderam somente com o nome do curso, teremos ao todo 53 graduados e 6 pós-graduados. A amostra também indica que 90% dos cursos indicados são da área de ciências humanas e 7% da área de exatas; nenhum curso foi marcado para a área de ciências biológicas, e 3% não indicaram nenhum curso.

●●● ARAPIRACA

- 13 dos 14 respondentes (93%) são formados na área de ciências humanas; 1 não indicou o curso (7%);
- 4 indicaram pós-graduação e 9 indicaram apenas a graduação;
- Todos os cursos indicados são da área de ciências humanas.

●●● BELÉM

- A maioria dos graduados são formados em Biblioteconomia (65%);
- Do restante, 10 (25%) são da área de ciências humanas em cursos diversos e 4 (10%) são da área de exatas;
- Em Belém todos indicaram algum curso.

●●● SÃO PAULO

- Dos 5 respondentes que indicaram formação em nível superior, 4 fizeram o curso de Biblioteconomia;
- A única resposta que indicou pós-graduação não menciona o nome do curso.



| Cidade | Ensino superior completo | Quantidade |
|-----------|---|------------|
| Arapiraca | Biblioteconomia | 2 |
| | Especialização em Informática na Educação | 2 |
| | Especialização em Psicopedagogia | 1 |
| | Especialização em Organização de Arquivos | 1 |
| | Graduação em Letras | 1 |
| | Pedagogia | 5 |
| | Psicopedagogia | 1 |
| | Não indicado | 1 |
| Belém | Biblioteconomia | 26 |
| | Contabilidade | 1 |
| | Direito | 1 |
| | Educação Artística | 2 |
| | Engenharia de Computação | 1 |
| | Gestão de Recursos Humanos | 1 |
| | História | 1 |
| | Letras | 2 |
| | Licenciatura plena em Matemática | 1 |
| | Pedagogia | 1 |
| | Pós-graduação em Educação Infantil | 1 |
| | Redes de Computadores | 1 |
| | Sistemas de Informação | 1 |
| São Paulo | Biblioteconomia | 1 |
| | Pós-graduação sem especificação | 1 |

* Amostra: 113 questionários respondidos.

| Cidade | Ensino superior incompleto | Quantidade |
|-----------|----------------------------|------------|
| Arapiraca | Não indicado | 8 |
| | Pedagogia | 1 |
| Belém | Biblioteconomia | 6 |
| São Paulo | Não indicado | 1 |

* Amostra: 113 questionários respondidos.





>> FUNÇÕES EXERCIDAS NAS BIBLIOTECAS

••• ARAPIRACA

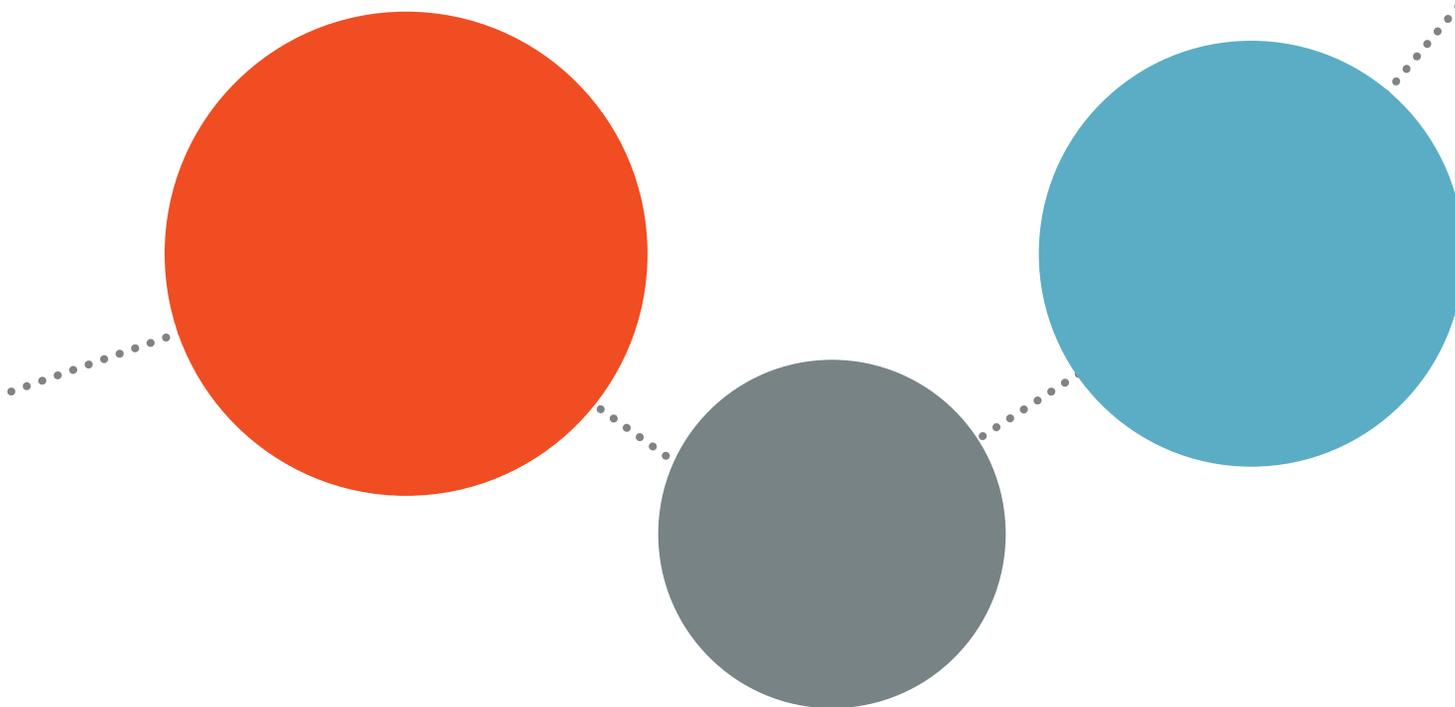
Em Arapiraca foram listados 11 cargos na área de bibliotecas e demais cargos auxiliares. Foi possível perceber que a maior parte dos funcionários com outros cargos nominais atuam como professores, 19 ao todo. Isto se explica pelo fato de as *Arapiraquinhas* estarem vinculadas a alguma escola pública da região, sendo coordenadas pela Secretaria Municipal de Educação. Os outros cargos listados representam atividades de apoio. No cargo de bibliotecário, apenas 2 dos 33 respondentes exercem a função de docente, ambos na Biblioteca Central Pedro de França Reis, que está vinculada à Secretaria de Cultura.

••• BELÉM

Em Belém há uma presença maior de bibliotecários nas duas bibliotecas participantes do projeto, sendo 18 no total. Em segundo lugar, o cargo de assistente administrativo aparece em 10 casos, seguido de 7 estagiários. Os outros cargos listados representam atividades de apoio. Belém também apresenta uma maior variedade de cargos, assim como maior quantidade de participantes. Ao todo são 64 participantes em 17 cargos listados.

••• SÃO PAULO – SUBPREFEITURA DE CAMPO LIMPO

Em São Paulo, a amostragem contempla 16 respondentes, divididos em 10 cargos. Nenhum cargo se mostrou predominante em termos de quantidade. Destaque para duas bibliotecárias que ocupam o cargo de coordenadora nas bibliotecas Marcos Rey e Helena Silveira, em Campo Limpo, zona sul da cidade de São Paulo.





| Função exercida Arapiraca | Quant. |
|--|---------------|
| Agente administrativo | 1 |
| Atendente de biblioteca | 1 |
| Auxiliar adm. de serviços educacionais | 1 |
| Bibliotecário | 2 |
| Contador de histórias | 1 |
| Coordenador | 2 |
| Estagiário | 2 |
| Professor | 19 |
| Regente (*) | 2 |
| Segurança | 1 |
| Técnico de informática | 1 |

* Amostra: 113 questionários respondidos.
 (*) equivalente à função de coordenador de biblioteca.

| Função exercida Belém | Quant. |
|--------------------------------|---------------|
| Agente administrativo | 1 |
| Assistente administrativo | 10 |
| Assistente cultural – Produção | 1 |
| Assistente social | 1 |
| Atendimento | 1 |
| Auxiliar administrativo | 4 |
| Auxiliar de portaria | 1 |
| Auxiliar operacional | 2 |
| Auxiliar técnico | 2 |
| Bibliotecário | 18 |
| Diretor | 1 |
| Estagiário | 7 |
| Monitor do infocentro | 1 |
| Oficineiro | 2 |
| Técnico de nível superior | 1 |
| Técnico em gestão cultural | 10 |

* Amostra:
113 questionários respondidos.

| Função exercida São Paulo | Quant. |
|--|---------------|
| Agente administrativo | 1 |
| Agente de telecentro | 2 |
| Agente de apoio | 2 |
| Assistente de gestão de políticas públicas | 1 |
| Auxiliar de biblioteca | 2 |
| Bibliotecário | 2 |
| Coordenador | 2 |
| Jovem monitor cultural | 2 |
| Vigilante | 1 |





>> UNIDADES DE TRABALHO

●●● ARAPIRACA

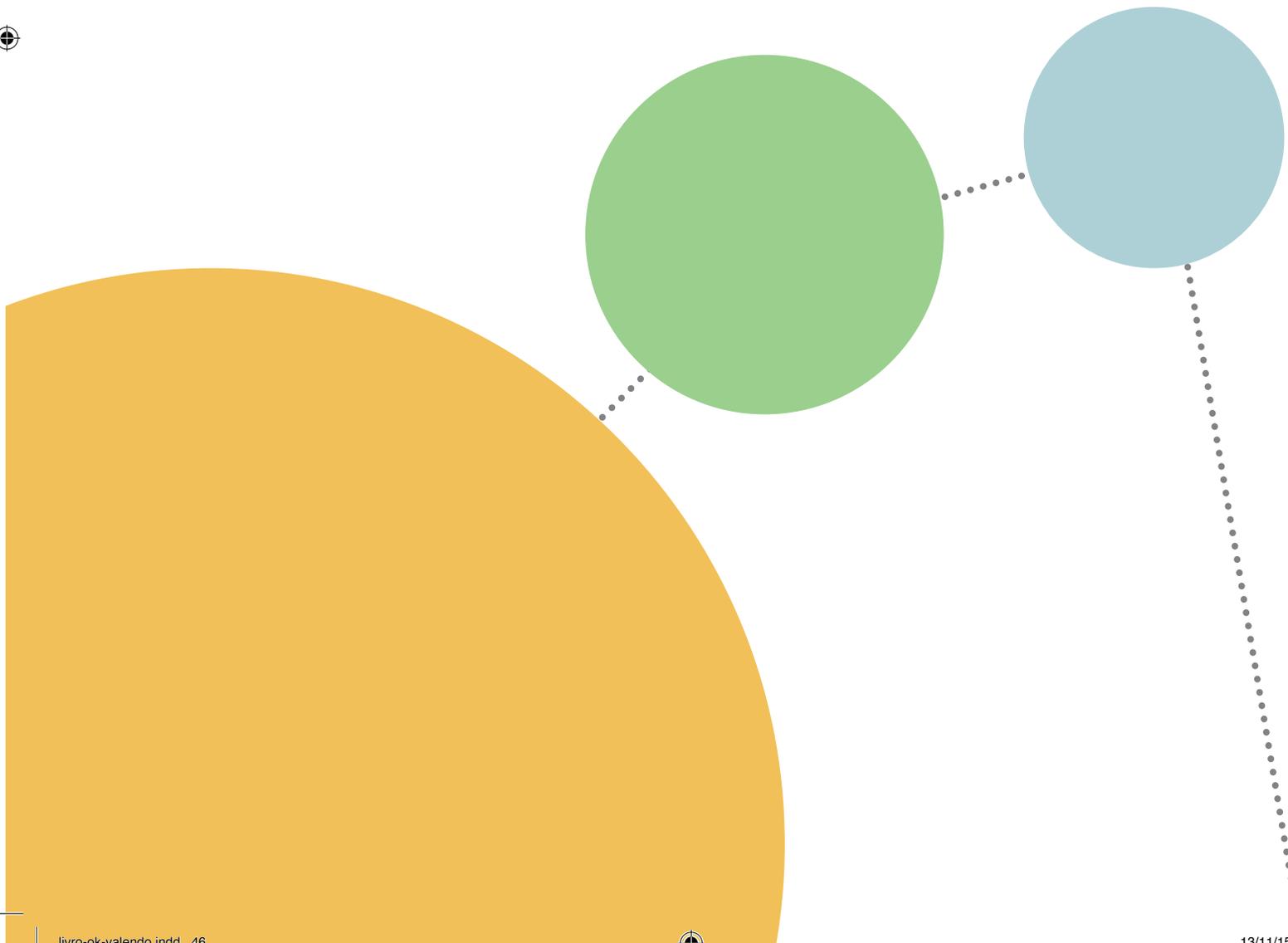
Neste município, a maioria dos respondentes (23 de 33) trabalha nas *Arapiraquinhas*, bibliotecas mais afastadas do centro de Arapiraca. Também afastada do centro está a biblioteca do Sesi – Indústria do Conhecimento, indicada por dois respondentes como seu local de trabalho. Houve ainda 4 referências à Biblioteca Central Pedro de França Reis; 2 para o Núcleo de Tecnologia Municipal e 2 referências para o governo municipal (prefeitura e Secretaria de Educação).

●●● BELÉM

Belém apresenta a maior divisão em setores, com 39 ao todo. Os respondentes fizeram 11 referências diretas às bibliotecas municipais, sendo 6 delas à Biblioteca Avertano Rocha; 1 referência ao Espaço Cultural Nossa Biblioteca; 1 para a Fundação Cultural do Pará; 2 para o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas (que funciona nas dependências da Biblioteca Arthur Vianna). O restante das respostas totaliza 50 referências que indicam algum setor da Biblioteca Arthur Vianna.

●●● SÃO PAULO – SUBPREFEITURA DE CAMPO LIMPO

Em São Paulo, algumas referências à unidade de trabalho foram muito vagas. Ao todo, 14 respondentes indicaram a biblioteca na qual trabalham, 2 indicaram o telecentro anexo à Biblioteca Helena Silveira e 4 indicaram a Biblioteca Marcos Rey.





ARAPIRACA

| Biblioteca | Quant. |
|---|--------|
| Arapiraquinha I | 1 |
| Arapiraquinha II | 4 |
| Arapiraquinha III | 3 |
| Arapiraquinha IV | 8 |
| Arapiraquinha V | 2 |
| Arapiraquinha VI | 1 |
| Arapiraquinha VII | 2 |
| Arapiraquinha VIII | 2 |
| Biblioteca Sesi – Indústria do Conhecimento | 2 |
| Biblioteca Pública Prof. Pedro de França Reis | 4 |
| Núcleo de Tecnologia Municipal de Arapiraca – NTM | 2 |
| Prefeitura Municipal | 1 |
| Secretaria Municipal de Educação | 1 |

* Amostra: 113 questionários respondidos.

SÃO PAULO

| Unidade | Quant. |
|---|--------|
| Telecentro – anexo à Biblioteca Helena Silveira | 2 |
| Biblioteca Helena Silveira | 6 |
| Biblioteca Marcos Rey | 4 |
| Gabinete | 1 |
| Secretaria da Cultura | 1 |

* Amostra: 113 questionários respondidos.

BELÉM

| Setor de trabalho | Quant. |
|--|--------|
| Biblioteca – sem referência ao setor | 4 |
| Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves | 1 |
| Biblioteca Pública Municipal Avertano Rocha | 6 |
| Gerência da Biblioteca Avertano Rocha | 1 |
| Biblioteca Pública Arthur Vianna | 2 |
| Gerência da Biblioteca Pública Arthur Vianna | 3 |
| Gerência de processamento técnico | 5 |
| Gerência de promoção da leitura | 4 |
| Gerência de promoção editorial | 2 |
| Obras Raras | 3 |
| Catálogo | 2 |
| Infantil | 2 |
| Referência e Acervo | 1 |
| Espaço Cultural Nossa Biblioteca | 1 |
| Fonoteca | 2 |
| Circulante | 7 |
| Gibiteca | 1 |
| Hemeroteca | 1 |
| Infocentro | 1 |
| Polo de Leitura | 1 |
| Referência – circulante | 1 |
| Audiovisual | 1 |
| Braille | 6 |
| Brinquedoteca | 1 |
| Periódicos | 1 |
| Obras do Pará – Periódicos | 1 |
| Serviço de Referência | 1 |
| Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas | 2 |

* Amostra: 113 questionários respondidos.



>> REGIME DE CONTRATAÇÃO

Com relação ao tipo de contratação, as três cidades apresentam maioria de servidores públicos: 85% em Arapiraca, 72% em Belém e 69% em São Paulo. Outras formas de contratação, com ou sem vínculo empregatício – como estagiários, contratados autônomos, temporários, voluntários –, aparecem em números menos expressivos.

••• ARAPIRACA

Em Arapiraca, além dos servidores públicos, existem ainda três estagiários e outros três participantes em diferentes modos de vinculação ao órgão: um contratado (sem especificação sobre o regime de contrato), uma voluntária e um consultor autônomo.

••• BELÉM

Em Belém, são 9 estagiários, 46 servidores concursados, 9 contratados temporários e 02 oficineiros

••• SÃO PAULO – SUBPREFEITURA DE CAMPO LIMPO

São Paulo conta apenas com 11 servidores e 2 estagiários; é a única dentre as três cidades a assinalar o item *terceirizados*, com 3 respondentes.

| ARAPIRACA | | | |
|------------------|------------|--------|---|
| Tipo de contrato | | Quant. | |
| Estagiário | | 3 | |
| Servidor | | 28 | |
| Outro | Contratado | 1 | 3 |
| | Voluntário | 1 | |
| | Consultor | 1 | |

| BELÉM | |
|------------------|--------|
| Tipo de contrato | Quant. |
| Estagiário | 9 |
| Servidor | 46 |
| Temporários | 9 |
| Oficineiros | 2 |

| SÃO PAULO | |
|------------------|--------|
| Tipo de contrato | Quant. |
| Estagiário | 2 |
| Servidor | 11 |
| Terceirizado | 3 |

* Amostra: 113 questionários respondidos.



>> DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Nesta questão foi solicitado aos respondentes que identificassem o que consideravam mais importante em relação ao desenvolvimento profissional. Nas três cidades, não se apresenta uma uniformidade de respostas. Isto provavelmente se deve ao fato de que, em relação à atividade profissional, cada cidade está subordinada a uma estrutura distinta de comando; as relações de trabalho correspondem, portanto, às características de cada município.

No entanto, é possível traçar alguns pontos em comum. O primeiro item, *mais conhecimento*, foi o que teve maior número de respostas positivas nas três cidades, podendo ser identificado como o mais importante para o desenvolvimento profissional. Este índice também pode refletir um desejo por formação continuada ou mesmo por um plano de carreira para suas áreas. *Ter um bom ambiente de trabalho* foi outro ponto em comum entre os respondentes das três localidades, que parecem sentir falta dessa condição, dado o número de respostas afirmativas nesse quesito.

Nas três cidades também é possível notar que o segundo item – *ser reconhecido como um bom profissional* – não se mostrou como uma preocupação da maioria. Este é um dado intrigante, pois pode representar certo altruísmo ou, por outro lado, um desinteresse pela própria atividade. Esta análise, no entanto, só poderia ser feita numa investigação mais aprofundada.

Em Arapiraca e Belém, os itens *diálogo no ambiente de trabalho*, *seminários e cursos*, *saber a opinião da população sobre os serviços prestados*, *conhecer melhor a população atendida* e *ter um bom ambiente de trabalho*, foram indicados pela maioria como importantes para o desenvolvimento profissional.

Em São Paulo, esses itens não apresentam a mesma uniformidade nas respostas. Dos mencionados no parágrafo anterior, a maioria considera importante os itens *seminários e cursos* e *ter um bom ambiente de trabalho*. No item *conhecer melhor a população atendida*, houve 50% de respostas afirmativas. Os outros itens não foram considerados importantes para o desenvolvimento profissional.

O item *outro* não foi assinalado significativamente em nenhuma das três cidades. Ao todo, 8 respondentes escolheram este item, mas apenas 3 destes descreveram o que consideram importante: *parceria com o setor privado*, *melhor estrutura tecnológica para usuários cegos* e *visão humanista*.

Dessa forma, pode-se traçar um perfil dos aspectos mais relevantes no desenvolvimento profissional para cada cidade da seguinte maneira:

- Em **Arapiraca e Belém**, os profissionais dão valor à aceção de conhecimento, seja ele formal, com cursos e seminários, seja da própria população que atendem, suas necessidades e opiniões sobre os serviços prestados pela biblioteca. Também dão valor ao diálogo com colegas de trabalho para a manutenção de um bom ambiente profissional, a fim da melhor realização de suas atividades.
- Em **São Paulo**, os profissionais consideram mais importante o conhecimento e querem participar de mais cursos, palestras e seminários. O bom ambiente de trabalho, combinado com o conhecimento, parece ser o caminho escolhido para a melhoria dos serviços prestados e de seu exercício profissional.



| Desenvolvimento profissional | Arapiraca | | Belém | | São Paulo | |
|--|-----------|-----|-------|-----|-----------|-----|
| | sim | não | sim | não | sim | não |
| Mais conhecimento | 85% | 15% | 86% | 14% | 88% | 13% |
| Ser reconhecido como um bom profissional | 39% | 61% | 44% | 56% | 38% | 63% |
| Diálogo no ambiente de trabalho | 61% | 39% | 61% | 39% | 44% | 56% |
| Seminários e cursos | 70% | 30% | 67% | 33% | 56% | 44% |
| Saber a opinião da população sobre os serviços prestados | 70% | 30% | 56% | 44% | 38% | 63% |
| Conhecer melhor a população atendida | 70% | 30% | 61% | 39% | 50% | 50% |
| Ter um bom ambiente de trabalho | 73% | 27% | 67% | 33% | 81% | 19% |
| Outro | 6% | 94% | 8% | 92% | 6% | 94% |

* Amostra: 113 questionários respondidos.

>> TEMPO DE TRABALHO EM BIBLIOTECA

Sobre o tempo de trabalho dos participantes dentro de suas respectivas bibliotecas, temos:

- Em **Arapiraca**, a média apresenta 73% dos respondentes com menos de 5 anos de “tempo de casa”, sendo as alternativas mais altas de *6 meses a 1 ano* e de *1 a 2 anos*, com 24% cada; *menos de 6 meses* e de *2 a 5 anos*, com 12% cada;
- Em **Belém**, os índices mais altos indicam um longo tempo de casa, com média de 34% com *mais de 15 anos*, sendo 14% com *15 a 19 anos* de casa e 20% para pessoas com *mais de 20 anos* de casa; no entanto, o item mais indicado foi de *5 a 9 anos*, com 33% de respostas;
- Em **São Paulo**, assim como em Belém, a maior média se encontra nos respondentes com *mais de 15 anos* de casa, chegando a 38% das respostas, sendo 13% para *15 a 19 anos* e 25% para *mais de 20 anos*; o item de 5 a 9 anos obteve o segundo maior índice com 19%;

Com isto, é possível perceber que Arapiraca possui um quadro funcional mais recente que as outras duas cidades. Isto provavelmente se deve ao fato da recente expansão das bibliotecas no município, com as *Arapiraquinhas*, cuja primeira unidade foi inaugurada em 2010. Belém tem sua maioria de respondentes atuando na Fundação Cultural do Pará.

| Alternativas | Arapiraca | Belém | S. Paulo |
|------------------|-----------|-------|----------|
| menos de 6 meses | 12% | 11% | 25% |
| 6 meses a 1 ano | 24% | 5% | 0% |
| 1 a 2 anos | 24% | 6% | 6% |
| 2 a 5 anos | 12% | 8% | 0% |
| 5 a 9 anos | 3% | 33% | 19% |
| 9 a 12 anos | 3% | 3% | 6% |
| 12 a 15 anos | 9% | 0% | 6% |
| 15 a 19 anos | 9% | 14% | 13% |
| mais de 20 anos | 3% | 20% | 25% |

* Amostra: 113 questionários respondidos.

>> TALENTOS

Esta questão buscava identificar em cada respondente uma habilidade específica, algo que este faça melhor que qualquer outra coisa. No entanto, o que foi possível notar foi uma dificuldade em entender a ideia de habilidade concreta. Como o questionário foi formulado com questões abertas, as respostas não configuraram um padrão. No geral as pessoas parecem interpretar a pergunta mais como uma característica inata, um gosto pessoal ou uma atividade de lazer preferida. As respostas foram agrupadas em algumas categorias conforme sua similaridade ou constância, conforme o quadro seguinte:

| | |
|---|--|
| ARTESANATO | Qualquer artesanato ou trabalho manual que produza um objeto. |
| ARTES VISUAIS | Desenho, pintura, grafite etc. |
| MÚSICA | Tocar um instrumento, cantar, compor etc. |
| DANÇA | Qualquer tipo de dança. |
| LEITURA OU CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS | Alguns respondentes identificaram a leitura como seu talento, seja individualmente ou em rodas de contação. |
| TEATRO | Atrizes e atores que trabalham em grupos ou individualmente. |
| ESPORTE | Qualquer atividade esportiva, por competição ou por lazer. |
| CULINÁRIA | Qualquer atividade de produção de alimentos – salgados, doces, confeitaria, receitas especiais etc. |
| ATIVIDADES DE TRABALHO OU TÉCNICAS | Alguns respondentes afirmam que realizam atividades técnicas ou de trabalho tão bem que as consideram seus talentos. Não foi considerada aqui a atividade de ensino ou suas atividades consequentes. |
| CONHECIMENTO OU ENSINO | Alguns respondentes destacam seus conhecimentos pessoais como seus talentos, considerando o ensino como transmissão desses conhecimentos. |
| QUALIDADES OU GOSTOS PESSOAIS | Parte dos respondentes entendeu que seus talentos se expressam em qualidades pessoais ou em seu gosto por uma atividade de lazer. |
| TRADIÇÕES E CULTURA | Atividades relativas à cultura e tradição de um povo ou local. |
| NÃO TENHO OU NÃO SEI | Respostas negativas. |

A partir da análise dessas categorias temos:

| Talentos | Arapiraca | | Belém | | São Paulo | |
|------------------------------------|-----------|------------|-----------|------------|-----------|------------|
| | Principal | Secundário | Principal | Secundário | Principal | Secundário |
| Artesanato | 8 | 4 | 6 | 3 | 0 | 0 |
| Artes visuais | 3 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Música | 3 | 0 | 7 | 3 | 2 | 0 |
| Dança | 2 | 1 | 2 | 1 | 0 | 0 |
| Leitura ou contação de histórias | 3 | 2 | 4 | 2 | 0 | 0 |
| Teatro | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| Esporte | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| Culinária | 3 | 1 | 4 | 1 | 1 | 0 |
| Atividades de trabalho ou técnicas | 1 | 1 | 6 | 2 | 2 | 0 |
| Conhecimento ou ensino | 4 | 0 | 3 | 2 | 0 | 0 |
| Qualidades ou gostos pessoais | 5 | 2 | 26 | 1 | 10 | 1 |
| Não tenho ou não sei | 1 | 0 | 3 | 0 | 1 | 0 |
| Tradições e cultura | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |

* Amostra: 113 questionários respondidos.



>> ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA BIBLIOTECA

Para melhor entender esta questão, conforme abordada na pesquisa, é necessário conhecer as funções específicas de uma biblioteca que a caracterizam como tal, diferenciando-a de outros equipamentos culturais similares. Sem pretensão de detalhar cada procedimento da rotina interna, descreveremos a seguir algumas noções básicas sobre a dinâmica de seu funcionamento, buscando traçar um panorama que facilite o entendimento de seus processos e suas finalidades.

Desde a entrada de uma obra na biblioteca até sua disponibilidade para consulta do usuário, segue-se o seguinte fluxo:

>> desenvolvimento de coleções: uma biblioteca deve, de início, realizar um estudo de sua comunidade para entender suas necessidades e desejos em relação ao acesso à informação. A partir desta ação, realiza-se a seleção das obras que irão compor o acervo desta biblioteca. Em seguida, temos o processo de aquisição, mediante a compra ou doação. Também constam como atribuições dessa etapa a avaliação de doações, avaliação de acervo, o descarte, desbaste e restauração.

>> processamento técnico: uma vez adquirida a obra, esta deve receber o tratamento documental, que compreende uma série de procedimentos para levantar todas as informações pertinentes à obra e sistematizá-las, de forma que possam ser entendidas e acessadas pelos usuários. Estas atividades abrangem, de maneira ampla, a catalogação, a indexação e a classificação das obras, que são os procedimentos-padrão para integrá-las ao acervo da biblioteca, a saber:

- **Catalogação:** inserção de dados em catálogo e criação de ficha catalográfica.

Indexação: ordenação alfanumérica no conjunto das obras;

- **Classificação:** carimbagem e etiquetagem;

>> serviço de referência (atendimento): é, literalmente, o atendimento ao público. As atividades de referência compreendem tudo aquilo que é feito no espaço da biblioteca em relação

ao acervo e ao usuário: empréstimo, devolução e reserva de obras, auxílio à pesquisa, guarda de livros e matrícula de usuários.

Estas podem ser compreendidas como atividades-base para qualquer biblioteca. Outras atividades poderão ser realizadas dentro dela, e algumas podem até ser realizadas em setores e espaços externos a ela. As variações podem ocorrer de acordo com o tamanho da equipe, da biblioteca e dos recursos de que esta dispõe. Essas atividades devem, idealmente, ser feitas por pessoas diferentes, em setores distintos. Mas, por vezes, um mesmo funcionário poderá realizar uma combinação delas, que não necessariamente precisam fazer parte da mesma etapa. E, não raro, alguns bibliotecários podem até ser responsáveis por todas essas atividades.

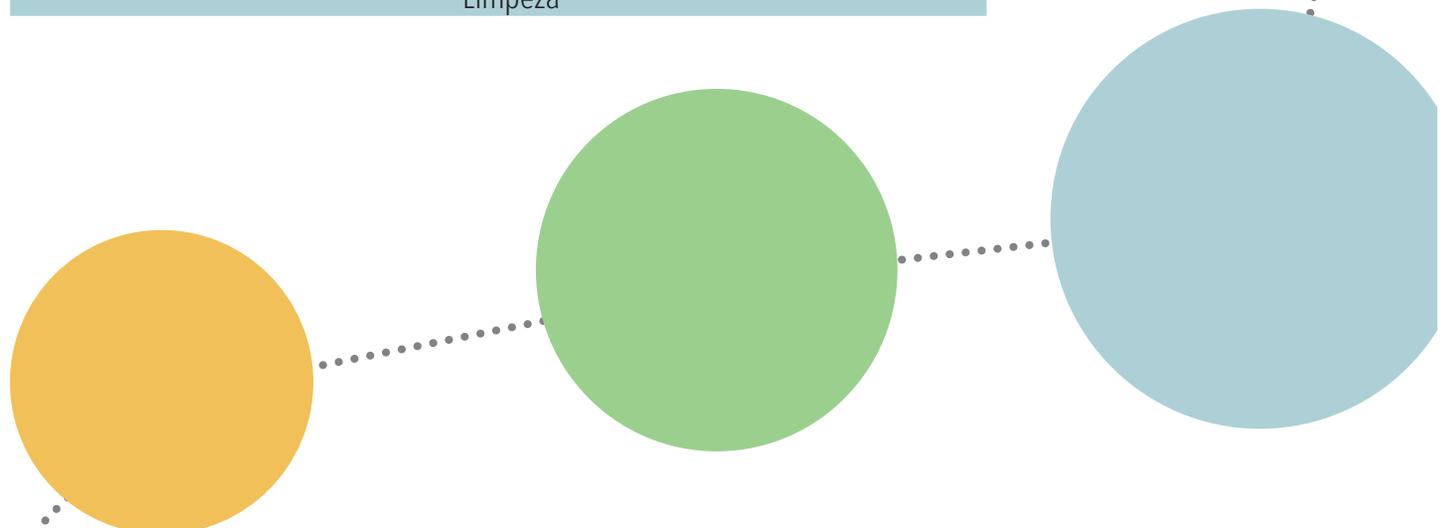
No entanto, para a biblioteconomia, o bibliotecário não é, o profissional que realiza tais atividades, mas, sim, o que as coordena, avalia, planeja e executa. A ele compete o desenvolvimento de todas as políticas e serviços da biblioteca, desde o estudo da comunidade até o empréstimo de obras, a escolha dos profissionais e a estruturação dos setores que realizarão as atividades listadas, para que outras atividades também possam ser incluídas no funcionamento da biblioteca. Estas outras funções são referidas na biblioteconomia como as ações de mediação, e geralmente estão associadas à leitura, mas também podem estar relacionadas ao cinema, à música, à dança e quaisquer outras atividades culturais.





Dada esta breve explicação sobre a ação concernente a uma biblioteca, a partir das respostas dadas à questão sobre quais as atividades atualmente exercidas pelos respondentes foi possível criar as seguintes categorias:

| | |
|-----------------------------------|---|
| MEDIAÇÃO | Rodas de leitura Formação (informática, pedagógica) Recreação Contação de histórias Atividades infantis Ônibus-biblioteca Auxílio em atividades culturais |
| PROCESSAMENTO TÉCNICO | Catálogo Indexação Classificação |
| DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÃO | Revisão de livros Aquisição Seleção Digitalização |
| ATENDIMENTO (REFERÊNCIA) | Atendimento a pessoas com deficiência Empréstimo Devolução Auxílio à pesquisa Organização de livros Levantamento bibliográfico |
| COORDENAÇÃO | Matrícula Programação cultural Planejamento Tarefas administrativas |
| ATIVIDADES DE APOIO | Reprografia Segurança Limpeza |



Para a avaliação que se segue, serão usadas as categorias principais em relação às atividades. Foram identificadas nas respostas, dentro das categorias listadas acima, as atividades *principais* e *secundárias*. Considerou-se como principais as atividades que primeiro aparecem nas respostas, ou que são mais detalhadas; e como secundárias as que aparecem em seguida, e geralmente com menos detalhes.

| Categorias de atividades nas bibliotecas | Arapiraca | | Belém | | São Paulo | |
|--|---------------------|----------------------|---------------------|----------------------|---------------------|----------------------|
| | atividade principal | atividade secundária | atividade principal | atividade secundária | atividade principal | atividade secundária |
| Mediação | 21 | 8 | 5 | 6 | 1 | 4 |
| Atendimento (referência) | 8 | 3 | 30 | 4 | 8 | 1 |
| Coordenação | 2 | 0 | 7 | 0 | 3 | 0 |
| Atividades de apoio | 2 | 0 | 3 | 0 | 2 | 0 |
| Processamento técnico | 0 | 0 | 13 | 5 | 1 | 0 |
| Desenvolvimento de coleção | 0 | 0 | 6 | 3 | 1 | 0 |

* Amostra: 113 questionários respondidos.

É notável a diferença no foco das atividades das bibliotecas nas três cidades. Isto porque elas se caracterizam de maneiras diferentes, tanto quanto ao seu tamanho e às atividades estruturadas quanto na divisão dessas atividades entre os funcionários.

Em Arapiraca, a amostragem indica que a maioria dos participantes atua nas *Arapiraquinhas*, cujo foco é o atendimento ao público infantojuvenil; logo, esta informação é corroborada pelos 21 respondentes que assumem a mediação como atividade primária e pelos 8 que a assumem como atividade secundária, número este que bate a segunda resposta mais comum, também com 8 respondentes indicando o atendimento (referência) como atividade primária. É interessante destacar que tanto *processamento técnico* quanto *desenvolvimento de coleção* não foram categorias indicadas por nenhum respondente, nem como atividade primária nem como secundária.

Em Belém, as categorias de atividades principais são "*atendimento*", com 30 respondentes, e *processamento técnico*, com 13 respondentes. As atividades secundárias mais realizadas foram *mediação*, com 6 indicações, e *processamento técnico*, com 5. Com exceção das duas categorias mais indicadas, todas as outras mostraram certo equilíbrio, indicando haver preocupação com todas as atividades que cercam a rotina de uma biblioteca, com um foco maior no usuário dos serviços oferecidos e no trabalho técnico, no que tange tornar o acervo acessível para o usuário. Em São Paulo, o foco maior fica em *atendimento*, com 8 respostas, e *atividades de coordenação*, com 3 respostas. A atividade secundária mais realizada, no entanto, foi *mediação*, com 4 respondentes, sendo que apenas 1 respondente a assume como sua atividade primária. Nas outras categorias sempre houve, também, pelo menos 1 resposta, indicando que, mesmo nas bibliotecas menores, há preocupação com todas as categorias de atividade.

É possível evidenciar que nem São Paulo nem Arapiraca atribuem atividades secundárias à maioria dos seus funcionários. No entanto, é preocupante notar que, em Arapiraca, duas das categorias mais importantes da rotina de uma biblioteca (*processamento técnico* e *desenvolvimento de coleção*) não foram sequer mencionadas nas respostas. É necessário identificar quem realiza estas atividades para as bibliotecas participantes, e estudar uma maneira de integrá-las às próprias bibliotecas.



Em Belém, um grande foco no atendimento mostra uma preocupação com o usuário final; porém, seria interessante haver um maior equilíbrio entre as atividades. Que o foco maior continue sendo o atendimento, mas que não seja tão díspar do restante das atividades. A diferença da atividade mais realizada para a segunda mais realizada é de 17 respondentes, mais da metade dos funcionários participantes deste questionário. O item *desenvolvimento de coleção* denota a mesma preocupação com o usuário do que o item *atendimento*, ou até mais, se considerarmos que é no desenvolvimento que se usa a informação colhida dos próprios usuários sobre aquilo que mais lhes interessa na biblioteca.

>> PÚBLICOS ATENDIDOS

Para esta questão as respostas foram abertas e, portanto, se apresentaram bastante variadas. No entanto, o enunciado da pergunta sugeria os segmentos que poderiam ser escolhidos como resposta – no caso, *idosos, crianças, jovens e adultos*.

Mesmo assim, as respostas não apresentaram um padrão que pudesse ser facilmente contabilizado. Para esta questão, agrupamos os termos que aparecem em comum nas respostas, e que foram tabulados por menção. Os termos mencionados não representam o número de respondentes, mas sim quantas vezes a expressão usada é mencionada nas respostas.

Em **Arapiraca**, é possível notar uma ênfase nos itens *crianças* e *jovens*, que juntos somam 41 menções; *adultos* e *todos os segmentos* vêm em seguida, respectivamente com 15 e 13 menções cada. Isto pode ser explicado considerando-se o fato de que a maior quantidade de bibliotecas são as *Arapiraquinhas*, que estão associadas a escolas da região.

Em **Belém**, esse foco se torna mais diluído. As respostas mais altas indicam 29 menções ao item *adultos*, enquanto *todos os segmentos* tem 28 menções e *jovens* apresentam 27 menções. O quarto termo mais mencionado foi *crianças*, com 18 menções. Esse equilíbrio nas respostas pode ser explicado pela variedade de departamentos dentro da Fundação Cultural do Pará, que concentra o maior número de respondentes. Também é possível inferir, por esse equilíbrio, que a biblioteca considere todos os segmentos etários como seu público-alvo.

Em **São Paulo** encontram-se 14 menções indicando *todos os segmentos*: foi a única alternativa com mais de 5 menções. A segunda alternativa mais mencionada foi *crianças*, com 5 menções. Parece seguro presumir que em São Paulo todas as faixas etárias são contempladas pelo atendimento.

| Termos | Arapiraca | Belém | São Paulo |
|-------------------------|-----------|-------|-----------|
| Crianças | 19 | 18 | 5 |
| Jovens | 22 | 27 | 3 |
| Adolescentes | 0 | 5 | 0 |
| Adultos | 15 | 29 | 3 |
| Idosos | 5 | 10 | 3 |
| Representantes | 0 | 1 | 1 |
| Todos (ou similar) | 13 | 28 | 14 |
| Não atende (ou similar) | 2 | 4 | 1 |

* Amostra: 113 questionários respondidos.



>> MELHORIA NO ATENDIMENTO À POPULAÇÃO

Esta questão aborda quais são, na visão dos participantes, os aspectos mais importantes a serem melhorados no atendimento ao usuário, para oferecer um serviço bibliotecário mais eficiente e satisfatório.

Os resultados são apresentados no quadro abaixo.

| Melhoria no atendimento | Arapiraca | | Belém | | São Paulo | |
|---|-----------|------|-------|-----|-----------|-----|
| | sim | não | sim | não | sim | não |
| Conhecimento da realidade | 79% | 21% | 73% | 27% | 63% | 38% |
| Clareza com relação às metas de trabalho | 61% | 39% | 59% | 41% | 69% | 31% |
| Mais agilidade nos procedimentos | 48% | 52% | 59% | 41% | 63% | 38% |
| Ter autonomia de ação / ter maior decisão sobre o processo de trabalho | 67% | 33% | 45% | 55% | 50% | 50% |
| Aumento do quadro de pessoal | 42% | 58% | 75% | 25% | 69% | 31% |
| Pesquisa de opinião junto à população atendida | 70% | 30% | 73% | 27% | 56% | 44% |
| Investimento na qualificação dos servidores e trabalhadores terceirizados | 52% | 48% | 67% | 33% | 88% | 13% |
| Reconhecimento / valorização do esforço do servidor e do trabalhador terceirizado | 36% | 64% | 55% | 45% | 69% | 31% |
| Estabelecimento da rede de profissionais de bibliotecas públicas | 52% | 48% | 56% | 44% | 50% | 50% |
| Entender a população enquanto protagonista nas ações desenvolvidas | 79% | 21% | 66% | 34% | 69% | 31% |
| Outro | 0% | 100% | 0% | 94% | 6% | 94% |



Algumas alternativas em comum foram priorizadas nas três cidades. São elas: *conhecimento da realidade, clareza em relação às metas de trabalho, pesquisa de opinião junto à população atendida, investimento na qualificação dos servidores e trabalhadores e entender a população enquanto protagonista nas ações desenvolvidas.*

Em geral, todas as alternativas foram consideradas importantes para a maioria dos respondentes. Em Arapiraca, três alternativas não obtiveram maioria de respostas positivas: *mais agilidade nos procedimentos, aumento do quadro de pessoal e reconhecimento/valorização do esforço do servidor e do trabalhador terceirizado.* Em Belém, apenas uma resposta obteve maioria de respostas negativas: *ter autonomia de ação/ter maior decisão sobre o processo de trabalho,* mas por uma margem de apenas 5% em relação às respostas positivas.

Em São Paulo, duas respostas ficaram polarizadas em 50% para sim e para não: *ter autonomia de ação/ter maior decisão sobre o processo de trabalho e estabelecimento da rede de profissionais de bibliotecas públicas.*

Cada cidade também apresentou uma ou mais respostas diferentes, como quesitos considerados mais relevantes. Em Arapiraca, a maioria apontou como importantes os itens *conhecimento da realidade e entender a população enquanto protagonista nas ações desenvolvidas,* cada um com 79% de respostas positivas. Isto denota uma preocupação com a comunidade, visto que as duas respostas são análogas, no sentido de que a biblioteca tem de se preocupar com a realidade e empoderar a população em relação a seus serviços. Os respondentes de Arapiraca também enfatizaram a mediação da leitura, o que pode corroborar as respostas dadas nessa questão.

Belém indicou também duas respostas priorizadas. A maioria julga fundamentais os itens *conhecimento da realidade e pesquisa de opinião junto à população atendida,* com 73% cada um. Assim como em Arapiraca, nota-se aqui uma preocupação direta com a população e com a qualidade dos serviços oferecidos; ou seja, as duas alternativas mais assinaladas apresentam aspectos relacionados à comunidade atendida.

Em São Paulo, a alternativa considerada mais importante foi *investimento na qualificação dos servidores e trabalhadores terceirizados,* com 88% dos votos positivos.



CONHECIMENTOS E INTEGRAÇÃO DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)

Os conhecimentos e integração da tecnologia nas atividades dos bibliotecários foi avaliada no conjunto do questionário e não cidade por cidade, visto que as respostas eram abertas e abordavam mais as opiniões pessoais. A leitura das respostas permitiu identificar alguns temas em comum, que foram configurados em categorias, agrupadas por sentidos e contextos semelhantes.

- **Adjetivos positivos, negativos ou respostas confusas** – respostas que se mostraram muito genéricas e geralmente expressas em um único adjetivo, ou alguma formulação de difícil entendimento.
- **Agilidade, eficiência, eficácia ou rapidez** – estes termos são encontrados quando o respondente procura dar destaque à melhoria da atividade que está sendo questionada em termos práticos. Todos os termos listados parecem dar enfoque ao dinamismo que a tecnologia pode oferecer à atividade.
- **Computador, software, internet ou equipamentos** – respostas com estes termos, ou semelhantes, procuram dar destaque às ferramentas, seja pelo aspecto positivo que estas proporcionam à atividade em questão, seja pela falta dessas ferramentas.
- **Conhecimento** – as respostas que apontam o termo *conhecimento* o fazem num sentido amplo e geralmente positivo; mas também há respostas que focam na falta de conhecimento para o uso de tecnologias.
- **Divulgação** – Quando a tecnologia auxilia na disseminação de eventos e atividades pelo uso de redes sociais.
- **Pesquisa** – aqui o sentido de *pesquisa* pode ser entendido como busca de conteúdo, de informação ou de dados.
- **Usuário, serviços da biblioteca, eventos ou mediação** – todas as respostas que assinalaram as ações destinadas a incentivar o usuário a frequentar a biblioteca, pelos serviços oferecidos, pela mediação da informação, promoção de eventos culturais etc.





>> INTEGRAÇÃO DE TECNOLOGIAS NO ATENDIMENTO AO PÚBLICO

Agilidade, eficiência, eficácia e rapidez | 18 respostas

Algumas respostas focaram-se nas tecnologias como fator para tornar o atendimento mais ágil, usando termos como *agilidade*, *eficácia*, *eficiência*. Estas respostas, porém, não especificam como tais características se configuram na prática. Mas, aparentemente, *tornar o atendimento mais ágil* é uma demanda a ser considerada, visto que, atualmente, não parece haver esta agilidade no atendimento, seja por falta de recursos tecnológicos, seja por falta de treinamento e conhecimento acerca desses recursos, quando existentes.

Pesquisa | 12 respostas

Outras respostas mencionaram a importância da rapidez e da precisão para otimizar o tempo de busca da informação, embora sem detalhar quais fatores ocasionam lentidão no atendimento; talvez esses respondentes se refiram à falta de algum programa específico (*software*) que facilite a pesquisa, ou constatem a necessidade de implementar recursos tecnológicos locais suficientes para as demandas identificadas em suas comunidades.

Conhecimento | 11 respostas

Algumas respostas procuraram destacar a relação com o conhecimento das tecnologias da informação como aspecto-chave em seu uso. Alguns respondentes destacam que é necessário adquirir maior conhecimento sobre essas tecnologias para que seu uso possa ser implementado ou aperfeiçoado:

“Ainda há muito o que fazer, no que diz respeito às TICs, no atendimento aos nossos usuários; ainda nos falta o conhecimento técnico em alguns segmentos, assim como estrutura física, a fim de intermediar essa informação e levá-la aos nossos usuários.” (DAYANE CRISTINA DE SOUZA BRITO, BELÉM)

Outros destacam que a tecnologia ajuda a adquirir mais conhecimento (o que pode ser entendido aqui como mais informação também). Alguns chegam a destacar o uso de TICs na aprendizagem, mas não especificam de que modo fazê-lo.

Computador e internet | 11 respostas

Um foco interessante foi no computador e na internet como tecnologias fundamentais no mundo globalizado. Ressalta-se aqui a importância do acesso ao computador na biblioteca, pois muitas pessoas da comunidade não têm condições de comprar este equipamento para uso próprio. Outros indicam o uso de computador como ferramenta de trabalho, ou como meio para leitura de materiais digitais. Alguns ainda destacam a importância desse equipamento para o acesso à internet, pela necessidade de se manterem atualizados.

Usuário e serviços da biblioteca | 20 respostas

Muitos respondentes afirmaram que a integração das tecnologias no atendimento é fundamental; alguns apontam que a tecnologia presente na biblioteca se torna um atrativo para os



usuários, o que faz com que a frequentem mais. Destacam também o uso da tecnologia para a divulgação dos serviços da biblioteca. Também houve um destaque significativo para a melhoria nos serviços prestados pela biblioteca – na catalogação, na digitalização, nos telecentros, etc. Uma respondente afirma:

“Ajuda muito, desde a seleção dos materiais a serem adquiridos até o retorno do livro emprestado, no contato com usuários avisando sobre a devolução dos livros, na efetivação de cadastro, nos relatórios mensais de atividades – enfim, a tecnologia são os dois braços da biblioteca.” (LINDALVA CAMPOS DE ALMEIDA – BELÉM)

Adjetivos positivos | 41 respostas

A grande maioria dos respondentes, no entanto, limitou-se a adjetivar a questão, julgando que a integração de tecnologias nos serviços de atendimento é: *importante, fundamental, muito boa, prioritária, necessária, indispensável, essencial*, etc.

>> INTEGRAÇÃO DAS TECNOLOGIAS NAS ATIVIDADES CULTURAIS

Divulgação e redes sociais | 35 respostas

Um grande destaque inicial para esta questão é a importância da integração de tecnologias na divulgação das atividades culturais promovidas pela biblioteca. A maioria dos respondentes afirma que as tecnologias facilitam a divulgação pelas redes sociais, ajudando, assim, a alcançar um número maior de pessoas.

Conhecimento | 9 respostas

Aqui o termo *conhecimento* se repete, mas abordado de outra forma: destaca-se o conhecimento em relação à cultura local e a outras culturas, ao que parece no sentido de um intercâmbio. Também há os que alegam falta de conhecimento sobre como a tecnologia pode auxiliar nas atividades culturais.

Equipamentos | 5 respostas

Algumas poucas respostas reportaram o uso de equipamentos audiovisuais, novos programas e aplicativos; e uma resposta referiu-se à falta de equipamentos.

Usuário e eventos | 14 respostas

Destacam-se, neste item, as respostas referentes à importância das tecnologias para atrair o usuário e a comunidade, despertando sua curiosidade e contribuindo para formar cidadãos mais críticos. Mas nenhuma delas detalha como isto impacta as atividades culturais.

Agilidade | 2 respostas

Apenas duas respostas afirmam que a tecnologia ajuda a agilizar e otimizar os eventos e atividades culturais.



Respostas imprecisas | 48 respostas

Em geral, a maioria das respostas envolve adjetivações – positivas ou negativas. Desses adjetivos positivos, temos: *muito bom, muito importante, imprescindível, essencial, necessário, indispensável*, etc. Ocorreram também adjetivos negativos como: *fraca, sem integração*. Em alguns casos, ocorreu a resposta *nenhum*.

>> INTEGRAÇÃO DAS TECNOLOGIAS NO TRABALHO DIÁRIO DA BIBLIOTECA

Pesquisa | 8 respostas

As repostas apontam a importância da tecnologia para os usuários no momento da pesquisa, seja em bases de dados na biblioteca, seja em sites de busca na internet.

Usuário, serviços e mediação | 11 respostas

Neste item, os respondentes, em sua maioria, deram destaque ao auxílio que o uso das TICs proporciona ao desempenho das tarefas relacionadas às suas funções. A mediação foi mencionada em uma das respostas:

“No serviço de atendimento ao público, as TICs são fundamentais, assim como é fundamental os profissionais da informação estarem preparados para saber orientar seus usuários na busca pela informação. A mediação é importante nesse momento, porque, em meio a tanta informação na web, o usuário perde-se de seu real objetivo, e o profissional bibliotecário deve saber em quais bases de dados encontrar essas informações que o usuário necessita.” (DAYANE CRISTINA DE SOUZA BRITO – BELÉM)

Computador, software e equipamentos | 11 respostas

Apontam-se aqui o uso ou a falta de computadores, programas ou equipamentos para a realização das atividades diárias. As tarefas variam entre edição de documentos, envio de *e-mail*, pesquisa, comunicação, digitalização e leituras de *e-books*. Os que apontam a falta, ou referem-se a seus setores específicos, ou apenas afirmam que faltam equipamentos, sem especificar quais ou onde.

Agilidade, eficácia e rapidez | 16 respostas

Assim como anteriormente, os adjetivos listados expressam a dinamização das atividades. Aqui destacam-se as atividades de atendimento, inserção de dados, acesso a informações e procedimentos burocráticos, apresentação de trabalhos, comunicação, processos técnicos e resolução de problemas.

Conhecimento | 6 respostas

Nas repostas que apontam o *conhecimento*, os respondentes afirmam que a integração de tecnologias é fundamental para o melhor exercício de suas atividades cotidianas.



Adjetivos e respostas confusas | 57 respostas

Como nas questões anteriores, aqui se repetem, com pouca variação, os adjetivos: *muito bom, muito importante, imprescindível, essencial, necessário, indispensável*, etc. Outras respostas parecem não pertinentes ou deslocadas em relação à questão, tais como: *cursos de informática, relevante o uso diário e precisamos inovar*.

Divulgação e redes sociais | 4 respostas

Aqui um pequeno destaque para a divulgação, mais especificamente sobre o contato entre os setores da fundação.

>> CONHECIMENTOS EM TICs

Mídias sociais

Ao analisar o conhecimento de mídias sociais por parte dos respondentes do projeto, ficou evidente um amplo desconhecimento da variedade de plataformas existentes na internet. O único item que obteve maioria dos respondentes foi o *Facebook*, com 73% respondendo que acessam esta mídia social. O segundo mais acessado foi o *Whatsapp*, com 39% no geral. Todas as outras mídias listadas pela pesquisa obtiveram, em média, 8% de respostas positivas e 92% de negativas. Este quadro se repete com pequenas mudanças na análise de cada cidade em separado.

O mais votado foi o *Facebook* com 73% em Arapiraca, 69% em Belém e 75% em São Paulo. O *Whatsapp* vem em segundo, mas não obteve nem 50% de repostas positivas, exceto em São Paulo, onde 56% indicam acessar o aplicativo. Apenas em São Paulo alguma das mídias listadas pela pesquisa (*Flickr*) recebeu 100% de indicações negativas, do mesmo modo que o item *outros*, com o mesmo percentual, o que indica que nenhum dos participantes em São Paulo tem conhecimento de outras mídias sociais que não as listadas pela pesquisa. Conclui-se que as mídias mais conhecidas nas três cidades pesquisadas são o *Facebook* e o aplicativo *Whatsapp*.

| Item | Geral | | Arapiraca | | Belém | | São Paulo | |
|-----------|-------|-----|-----------|-----|-------|-----|-----------|------|
| | sim | não | sim | não | sim | não | sim | não |
| Youtube | 9% | 91% | 6% | 94% | 9% | 91% | 13% | 88% |
| Facebook | 73% | 27% | 79% | 21% | 69% | 31% | 75% | 25% |
| Skype | 12% | 88% | 12% | 88% | 13% | 88% | 13% | 88% |
| Twitter | 6% | 94% | 9% | 91% | 5% | 95% | 6% | 94% |
| Instagram | 8% | 92% | 9% | 91% | 6% | 94% | 13% | 88% |
| Flickr | 2% | 98% | 3% | 97% | 2% | 98% | 0% | 100% |
| Whatsapp | 39% | 61% | 30% | 70% | 39% | 61% | 56% | 44% |
| Outros | 9% | 91% | 18% | 82% | 6% | 94% | 0% | 100% |

* Amostra: 113 questionários respondidos.

Conhecimento de softwares

>> Pacote Office – dados gerais

No quadro geral, em relação aos níveis de conhecimento em pacote Office, a média de *nenhum conhecimento* em qualquer dos programas do pacote chega a 58%, seguida de *conhecimento básico* com 24%, *intermediário* com 14% e *avançado* em apenas 4% do total.

Em nível básico, os programas com maior índice são: Excel – 55%; Word – 35%. Em nível intermediário: Word – 31%. Em nível avançado: Word – 18%.

A maioria dos respondentes indicou não ter nenhum conhecimento sobre a maioria dos programas do pacote Office. Seis dos oito programas tiveram índices maiores para *nenhum nível de conhecimento*: Power Point (42%), Outlook (47%), Access (80%), Lync (85%), OneNote (83%) e Publisher (86%).

É possível inferir que o nível de conhecimento em pacote Office ainda é muito defasado, sendo que a incidência de *nenhum* para o conhecimento básico atinge 72% dos participantes.

| Pacote Office | | Excel | Word | Powerpoint | Outlook | Access | Lync | Onenote | Publisher |
|---------------|---------------|-------|------|------------|---------|--------|------|---------|-----------|
| Média geral | Básico | 55% | 35% | 29% | 25% | 16% | 13% | 10% | 11% |
| | Intermediário | 19% | 31% | 25% | 21% | 5% | 2% | 6% | 3% |
| | Avançado | 2% | 18% | 5% | 7% | 0% | 0% | 1% | 0% |
| | Nenhum | 25% | 16% | 42% | 47% | 80% | 85% | 83% | 86% |

* Amostra: 113 questionários respondidos.

>> Pacote Office – dados por cidade

Arapiraca apresenta alto índice médio de *nenhum conhecimento* sobre qualquer dos programas, com 67%. O nível *básico* atinge apenas 17% das respostas, 11% em nível *intermediário* e 5% para *avançado*.

Belém atinge 59% de *nenhum conhecimento*, 25% em nível *básico*, 13% em *intermediário* e apenas 2% em *avançado*.

São Paulo apresenta maior equilíbrio nos índices, dentre as três cidades: 48% para *nenhum*, 30% para *básico*, 17% para *intermediário* e 5% para *avançado*.

| Pacote Office | | Excel | Word | Powerpoint | Outlook | Access | Lync | Onenote | Publisher |
|---------------|---------------|-------|------|------------|---------|--------|------|---------|-----------|
| Arapiraca | Básico | 45% | 42% | 12% | 15% | 3% | 6% | 6% | 6% |
| | Intermediário | 12% | 18% | 27% | 21% | 0% | 0% | 3% | 3% |
| | Avançado | 3% | 18% | 6% | 12% | 0% | 0% | 3% | 0% |
| | Nenhum | 39% | 21% | 55% | 52% | 97% | 94% | 88% | 91% |
| Belém | Básico | 58% | 45% | 36% | 28% | 13% | 8% | 6% | 8% |
| | Intermediário | 13% | 36% | 22% | 11% | 8% | 5% | 8% | 6% |
| | Avançado | 2% | 9% | 3% | 3% | 0% | 0% | 0% | 0% |
| | Nenhum | 28% | 9% | 39% | 58% | 80% | 88% | 86% | 86% |
| São Paulo | Básico | 63% | 19% | 38% | 31% | 31% | 25% | 19% | 19% |
| | Intermediário | 31% | 38% | 25% | 31% | 6% | 0% | 6% | 0% |
| | Avançado | 0% | 25% | 6% | 6% | 0% | 0% | 0% | 0% |
| | Nenhum | 6% | 19% | 31% | 31% | 63% | 75% | 75% | 81% |

* Amostra: 113 questionários respondidos.



Conhecimento em Excel

As respostas sobre o interesse em adquirir maior conhecimento em *softwares* apresentam dados que, à primeira vista, podem parecer contraditórios. O primeiro item, *não tenho interesse*, em todas as três cidades apresenta mais de 90% de respostas negativas, sugerindo um desinteresse em aprender mais sobre o programa. Mas os itens que se seguem, e que especificam funcionalidades que os programas apresentam, suscitam maior interesse nos respondentes e recebem a maioria de respostas positivas no quesito *interesse em aprender mais*.

Pode-se atribuir esta reação ao fato de que a maioria desconhece as funcionalidades do programa; e, quando estas lhes são apresentadas, percebem que têm, sim, o interesse em aprender mais. Esta situação se repete nas três cidades. O item *outro* parece perdido nessa questão, pela mesma razão do primeiro item, *não tenho interesse*, dado o provável desconhecimento das funcionalidades oferecidas pelo programa.

Conhecimento em Word

Nesta questão, ocorre algo semelhante ao item *mais conhecimento em Excel*, porém em escalas mais equilibradas. As negativas em relação ao item *não tenho interesse* são levemente menores quando em comparação, mas o desinteresse por aprender mais sobre o programa continua maior do que o interesse. O interesse sobre as funcionalidades do Word, no entanto, não é tão uniforme quanto sobre o Excel.

Em **Arapiraca**, o item *formatação de parágrafos* apresenta 50% para *sim* e para *não*, mas os outros itens despertam maior interesse.

Em **Belém**, dois itens apresentam empate: *formatação de texto* e *formatação de parágrafos*; os demais itens tiveram mais respostas negativas do que positivas.

Em **São Paulo**, a maioria dos participantes demonstrou mais desinteresse em relação a todos os itens listados. É possível presumir que já exista um nível de conhecimento em Word considerado satisfatório pelos respondentes, visto que nesta cidade apenas uma pessoa respondeu não ter nenhum conhecimento do programa. Todos os outros têm algum nível de conhecimento da ferramenta. O item *outro* segue a mesma análise feita na questão *conhecimento em Excel*.

Conhecimento em Power Point

Em Arapiraca e em Belém, nota-se o interesse em aprender mais sobre esta ferramenta, tanto para apresentações básicas quanto para as mais avançadas. Já em São Paulo nota-se um interesse maior por aprender as apresentações avançadas; dos 16 respondentes em São Paulo, 11 indicaram ter algum nível de conhecimento da ferramenta. Sobre os itens *não tenho interesse* e *outro*, a avaliação dos respondentes segue o mesmo padrão das questões anteriores.

Conhecimento em Outlook

Em Arapiraca e Belém, a maioria dos respondentes demonstrou interesse em conhecer todas as funcionalidades listadas na questão. Em São Paulo, um desinteresse praticamente uniforme em conhecer as funcionalidades do Outlook. Todos os itens apresentaram 63% de respostas negativas, com exceção ao item *outro*.

Conhecimento em Access

Nas três cidades, a maioria dos respondentes demonstra interesse em conhecer mais as funcionalidades do Access listadas pela pesquisa.



| Excel | Arapiraca | | Belém | | São Paulo | |
|--|-----------|------|-------|-----|-----------|------|
| | sim | não | sim | não | sim | não |
| Não tenho interesse | 8% | 92% | 9% | 91% | 6% | 94% |
| Criar tabela de dados, classificar e filtrar dados | 69% | 31% | 76% | 24% | 69% | 31% |
| Fórmulas | 58% | 42% | 64% | 36% | 63% | 38% |
| Criação de gráficos | 67% | 33% | 64% | 36% | 63% | 38% |
| Tabela dinâmica para consolidação de dados | 67% | 33% | 68% | 32% | 44% | 56% |
| Importação de dados externos para a planilha | 67% | 33% | 70% | 30% | 63% | 38% |
| Formatação condicional | 56% | 44% | 55% | 45% | 63% | 38% |
| Outro | 0% | 100% | 0% | 95% | 0% | 100% |

* Amostra: 113 questionários respondidos.

| Word | Arapiraca | | Belém | | São Paulo | |
|---|-----------|------|-------|-----|-----------|-----|
| | sim | não | sim | não | sim | não |
| Não tenho interesse | 6% | 94% | 14% | 86% | 25% | 75% |
| Criar documentos | 53% | 47% | 39% | 61% | 19% | 81% |
| Criar currículos personalizados | 67% | 33% | 41% | 59% | 44% | 56% |
| Formatação de texto | 61% | 39% | 50% | 50% | 44% | 56% |
| Impressão de documentos | 53% | 47% | 29% | 71% | 31% | 69% |
| Formatação de parágrafos | 50% | 50% | 50% | 50% | 31% | 69% |
| Inclusão de cabeçalho e rodapé nos documentos | 67% | 33% | 44% | 56% | 19% | 81% |
| Outro | 0% | 100% | 0% | 89% | 0% | 94% |

* Amostra: 113 questionários respondidos.

| Power Point | Arapiraca | | Belém | | São Paulo | |
|-------------------------------|-----------|------|-------|-----|-----------|------|
| | sim | não | sim | não | sim | não |
| Não tenho interesse | 14% | 86% | 11% | 89% | 19% | 81% |
| Criar apresentações básicas | 53% | 47% | 65% | 35% | 44% | 56% |
| Criar apresentações avançadas | 75% | 25% | 64% | 36% | 69% | 31% |
| Outro | 0% | 100% | 0% | 97% | 0% | 100% |

* Amostra: 113 questionários respondidos.

| Outlook | Arapiraca | | Belém | | São Paulo | |
|---------------------------------------|-----------|------|-------|-----|-----------|-----|
| | sim | não | sim | não | sim | não |
| Não tenho interesse | 14% | 86% | 12% | 88% | 38% | 63% |
| Configurar contas de e-mail | 58% | 42% | 67% | 33% | 38% | 63% |
| Criar regras de mensagem | 53% | 47% | 64% | 36% | 38% | 63% |
| Criar assinaturas-padrão de e-mail | 56% | 44% | 56% | 44% | 38% | 63% |
| Utilizar o calendário de compromissos | 61% | 39% | 58% | 42% | 38% | 63% |
| Organizar os meus contatos | 61% | 39% | 59% | 41% | 38% | 63% |
| Outro | 0% | 100% | 0% | 92% | 0% | 94% |

* Amostra: 113 questionários respondidos.

| Access | Arapiraca | | Belém | | São Paulo | |
|------------------------------|-----------|------|-------|-----|-----------|-----|
| | sim | não | sim | não | sim | não |
| Não tenho interesse | 25% | 75% | 17% | 83% | 25% | 75% |
| Criar formulários | 67% | 33% | 61% | 39% | 56% | 44% |
| Criar consultas | 64% | 36% | 62% | 38% | 63% | 38% |
| Criar relatórios | 67% | 33% | 76% | 24% | 56% | 44% |
| Importação de dados externos | 64% | 36% | 59% | 41% | 56% | 44% |
| Criar tabelas de dados | 69% | 31% | 61% | 39% | 56% | 44% |
| Outro | 0% | 100% | 0% | 94% | 0% | 94% |

* Amostra: 113 questionários respondidos.

Conhecimento de internet e redes sociais

Nessa questão, analisou-se o nível de conhecimento em 11 programas, sites ou aplicativos de internet, de acordo com a compreensão dos respondentes. O questionário orientou os participantes sobre os níveis a serem considerados nas respostas:

- **Nenhum:** nunca, sequer abri o programa.
- **Básico:** consigo abrir o programa, criar novos documentos, salvar e fazer o mínimo necessário para o que eu preciso, mas preciso de ajuda.
- **Intermediário:** já estou bem familiarizado com os recursos principais que o programa oferece e em alguns casos pontuais preciso de ajuda.
- **Avançado:** trabalho utilizando o programa sem a menor dificuldade e utilizo recursos avançados que a ferramenta oferece.

Com base nesses conceitos, as respostas dos participantes resultaram no quadro abaixo:

| Internet e Redes Sociais | | Google + | Facebook | Twitter | Instagram | Youtube | Google Maps | Skype | Flickr | Wordpress 2.0 | Wikipedia | Whatsapp | Outro |
|--------------------------|---------------|----------|----------|---------|-----------|---------|-------------|-------|--------|---------------|-----------|----------|-------|
| Arapiraca | Básico | 42% | 24% | 27% | 18% | 30% | 24% | 12% | 12% | 3% | 9% | 21% | 0% |
| | Intermediário | 33% | 36% | 12% | 15% | 33% | 24% | 12% | 3% | 12% | 24% | 27% | 0% |
| | Avançado | 12% | 24% | 3% | 0% | 9% | 6% | 9% | 0% | 0% | 6% | 9% | 0% |
| | Nenhum | 12% | 15% | 58% | 67% | 27% | 45% | 67% | 85% | 85% | 61% | 42% | 0% |
| Belém | Básico | 42% | 30% | 20% | 16% | 42% | 33% | 14% | 20% | 6% | 28% | 19% | 0% |
| | Intermediário | 31% | 33% | 8% | 8% | 20% | 23% | 9% | 2% | 5% | 17% | 20% | 0% |
| | Avançado | 8% | 19% | 3% | 5% | 9% | 8% | 8% | 0% | 3% | 8% | 17% | 0% |
| | Nenhum | 19% | 19% | 69% | 72% | 28% | 36% | 69% | 78% | 86% | 47% | 44% | 0% |
| São Paulo | Básico | 31% | 25% | 19% | 19% | 31% | 31% | 6% | 31% | 13% | 19% | 31% | 0% |
| | Intermediário | 38% | 38% | 13% | 13% | 19% | 25% | 25% | 6% | 6% | 25% | 13% | 0% |
| | Avançado | 13% | 13% | 0% | 0% | 13% | 19% | 6% | 0% | 0% | 6% | 25% | 0% |
| | Nenhum | 19% | 25% | 69% | 69% | 38% | 25% | 63% | 63% | 81% | 50% | 31% | 0% |

* Amostra: 113 questionários respondidos.



Os itens foram separados em duas categorias: *Mídias Sociais* e *Ferramentas Web*. O primeiro abrange todos os sites, programas ou aplicativos que ofereçam um espaço aberto de interação entre pessoas em qualquer lugar do mundo. *Ferramentas Web* abrange os sites, programas ou aplicativos que facilitem a realização de uma tarefa de maneira eficiente, interativa e integrada com outras pessoas e sites, programas ou aplicativos. Dessa forma, temos:

>> **Mídias Sociais:** Google +, Facebook, Twitter e Instagram;

>> **Ferramentas Web:** Youtube, Google Maps, Skype, Flickr, Wordpress 2.0, Wikipedia e Whatsapp;

A alternativa "outro" foi oferecida para o caso de os respondentes quererem incluir alguma outra mídia ou site que não estivessem listados. Em todas as cidades não houve nenhuma resposta para este item. Isto ocorreu por um provável desconhecimento de outros programas, sites ou aplicativos similares; para as contabilizações a seguir, este item foi desconsiderado.

Sobre o nível de conhecimento médio em cada cidade, temos:

● ● ● **ARAPIRACA**

- Baixa variação entre os níveis de conhecimento em mídias sociais: 38% *nenhum*, 28% *básico*, 24% *intermediário* e 10% *avançado*;
- Já em conhecimento sobre ferramentas web, identifica-se uma maior variação no desconhecimento, sendo que, em média, 59% dos respondentes indicam não ter conhecimento das ferramentas listadas, 16% indicam conhecimento *básico*, 19% *intermediário* e 6% *avançado*;
- Em *mídias sociais*, a maioria indicou:
 - > Conhecimento *básico* em Google+ (42%);
 - > Conhecimento *intermediário* em Facebook (36%);
 - > *Nenhum* conhecimento em Twitter (58%) e Instagram (67%);
- Em *ferramentas web*, a maioria indicou:
 - > *intermediário* em Youtube (33%);
 - > *nenhum conhecimento* em Google Maps (45%), Skype (67%), Flickr (85%), Wordpress 2.0 (85%), Wikipedia (61%) e Whatsapp (42%);

● ● ● **BELÉM**

- Em *mídias sociais*, a média indica "*nenhum conhecimento*" nos itens listados (45%); em nível *básico*, 27%; *intermediário*, 20%; e *avançado*, 9%;
- Em *ferramentas web*, esta diferença aumenta 55%, indicando *nenhum conhecimento* nos itens indicados; 23% em nível *básico*, 14% em *intermediário* e 8% em *avançado*;
- Em *mídias sociais*, a maioria indicou:
 - > Conhecimento *básico* em Google+ (42%);
 - > Conhecimento *intermediário* em Facebook (33%);
 - > *Nenhum conhecimento* em Twitter (69%) e Instagram (72%);
- Em *Ferramentas Web*, a maioria indicou:
 - > *básico* em Youtube (42%);
 - > *nenhum conhecimento* em Google Maps (36%), Skype (69%), Flickr (78%), Wordpress 2.0 (86%), Wikipedia (47%) e Whatsapp (44%);

● ● ● **SÃO PAULO**

- Em *mídias sociais*, a média indica *nenhum conhecimento* nos itens listados (45%); em nível *básico*, 23%; *intermediário*, 25%; e *avançado*, 6%;



- Em *ferramentas web*, apresenta a menor diferença (50%), indicando nenhum conhecimento nos itens indicados; 23% em nível básico, 17% em intermediário e 10% em avançado;
- Em *mídias sociais*, a maioria indicou:
 - > Conhecimento *intermediário* em Google+ (38%) e Facebook (38%);
 - > *nenhum conhecimento* em Twitter (69%) e Instagram (69%);
- Em *ferramentas web*, a maioria indicou:
 - > *básico* em Google Maps (31%) e Whatsapp (31%);
 - > *nenhum conhecimento* em Youtube (38%), Skype (63%), Flickr (63%), Wordpress 2.0 (80%) e Wikipedia (50%);

Se analisarmos cada nível de cada item, pode-se chegar à conclusão de que a maioria dos itens são desconhecidos dos respondentes. Mas se consideramos que, dos 4 níveis, 3 representam *algum nível de conhecimento* e apenas 1 item representa *nenhum nível*, para avaliar se estes itens são conhecidos pelos participantes, poderíamos separar as respostas em duas categorias: *algum nível de conhecimento* e *nenhum nível de conhecimento*. Dessa maneira, temos:

| Cidade | Nível | Google + | Facebook | Twitter | Instagram | Youtube | Google Maps | Skype | Flickr | Wordpress 2.0 | Wikipedia | Whatsapp |
|-----------|--------|------------|------------|------------|------------|------------|-------------|------------|------------|---------------|------------|------------|
| Arapiraca | Algum | 88% | 85% | 42% | 33% | 73% | 55% | 33% | 15% | 15% | 39% | 58% |
| | Nenhum | 12% | 15% | 58% | 67% | 27% | 45% | 67% | 85% | 85% | 61% | 42% |
| Belém | Algum | 81% | 81% | 31% | 28% | 72% | 64% | 31% | 22% | 14% | 53% | 56% |
| | Nenhum | 19% | 19% | 69% | 72% | 28% | 36% | 69% | 78% | 86% | 47% | 44% |
| São Paulo | Algum | 81% | 75% | 31% | 31% | 62% | 75% | 37% | 37% | 19% | 50% | 69% |
| | Nenhum | 19% | 25% | 69% | 69% | 38% | 25% | 63% | 63% | 81% | 50% | 31% |

*Os itens sublinhados em negrito indicam a maioria.

* Amostra: 113 questionários respondidos.

Pode-se notar que há um equilíbrio, em termos dos itens conhecidos em cada cidade. Para cada cidade, dos 11 itens listados pela pesquisa, temos maioria em:

● ● ● **ARAPIRACA**

- Média de 49% com *algum nível* e 51% com *nenhum nível de conhecimento*;
- 5 programas com *algum nível de conhecimento*; Google+, Facebook, Youtube, Google Maps, Whatsapp;
- 6 programas com *nenhum nível de conhecimento*; Twitter, Instagram, Skype, Flickr, Wordpress, Wikipedia;

● ● ● **BELÉM**

- Média de 48% com *algum nível* e 52% com *nenhum nível de conhecimento*;
- 6 programas com *algum nível de conhecimento*; Google+, Facebook, Youtube, Google Maps, Wikipedia, Whatsapp;
- 5 programas com *nenhum nível de conhecimento*; Twitter, Instagram, Skype, Flickr, Wordpress;

● ● ● **SÃO PAULO**

- Média de 52% com *algum nível* e 48% com *nenhum nível de conhecimento*;
- 6 programas com *algum nível de conhecimento*; Google+, Facebook, Youtube, Google Maps, Wikipedia, Whatsapp;
- 6 programas com *nenhum nível de conhecimento*; Twitter, Instagram, Skype, Flickr, Wordpress, Wikipedia;
- Em São Paulo a Wikipedia apresenta 50% para cada opção;

Nota-se alguma uniformidade nas amostragens das três cidades. Os programas Google+, Facebook, Youtube, Google Maps e Whatsapp aparecem nas três cidades como os mais conhecidos. Twitter, Instagram, Skype, Flickr e Wordpress 2.0 são os menos conhecidos da maioria nas três cidades. Destaque para Google+, com média de 83% de *algum nível de conhecimento* (o mais conhecido) e Wordpress 2.0, com média de 84% de *nenhum nível de conhecimento* (o menos conhecido).





ÉTICA



E



CIDADANIA¹





“Estar em grupo, para mim, sempre é me reencontrar. A possibilidade que o *Tô na Rede* me deu de poder cortar e costurar nessa grande oficina de querereres foi grandiosa. Três cidades, bibliotecas diferentes, várias pessoas, muitas que nem sabiam o que estavam fazendo por lá... Dizemos que encontrar um grupo para trabalhar, *a priori*, é gente reunida. Depois, quando esta gente reunida começa a gostar de estar reunida e saber para qual direção ir, aí é uma delícia: nasce um grupo. Com vontades, necessidades, desejos, debates, e nem precisamos mais estar lá. E foi isto que aconteceu. Ritmos diferentes. Tive que olhar muito para cada um, de cada grupo, e conhecer o ritmo deles – não aquele que já estava no papel –, para executarmos o projeto. Há uma integração no modo de lidar com os caminhos desconhecidos que, para mim, é incrível. Preciso lembrar que este projeto é piloto, e, por ser piloto, estávamos tateando. Muitas etapas, criamos em grupo. Para além do papel.

Vanessa Labigalini, facilitadora e coordenadora do projeto *Tô na Rede*



Neste capítulo, queremos enfatizar o processo de formação em grupo, vivenciado por meio de dramatizações da realidade de cada funcionário das bibliotecas participantes do *Tô na Rede*, tanto em aspectos profissionais quanto pessoais, e aferir como isto impactou o cotidiano dos gestores, suas relações entre o grupo e sua interação com os públicos.

O psicodrama, uma das técnicas escolhidas para trabalhar com os grupos do *Tô na Rede*, não aborda conceitos de maneira convencional, como numa aula expositiva, mas acompanhando e desenvolvendo o conteúdo trazido pelos participantes ao longo das atividades propostas. Os conceitos que foram trabalhados – de *ética e cidadania*; de *público e privado*; de *trabalho* diferente de *produção*; de *autoridade* em seu sentido original de *Algere*, do latim; e de *participação em rede* –, possibilitam novos saltos em situação de confiança. Por meio da inversão de papéis, podemos compreender as diferenças e chegar a uma *comum-unidade*.

Desta maneira, o trabalho aconteceu num constante movimento de ação-reflexão, a fim de estimular a pesquisa, a compreensão e a intervenção espontânea e criativa nessas dinâmicas. Tal processo permite aos participantes que se desembaracem das tramas que dificultam as novas ações; e, mais especificamente, pode ampliar a percepção em nosso cotidiano – dos papéis que nos atribuem, das cenas que nos são negadas e dos jogos que não percebemos. Recriando o real, portanto, o grupo-sujeito acaba sendo o protagonista do método.

“O homem é visto por Moreno (criador do psicodrama) como um ser essencialmente social, um homem em relação. Co-criador do universo, uma centelha divina, agente de sua história e construtor de seu drama na convivência de seu átomo social. Concebe o homem (...) em sua dupla dimensão: individual e relacional. No nível individual, a espontaneidade é o núcleo antropológico. No nível relacional, cria um conceito de grupo-sujeito que se nutre da “tele-estrutura” (força inter-relacional, cimento que mantém os grupos unidos). Esse homem, simultaneamente individual e grupal, atua por meio do “eu tangível”, ou seja, do papel. A personalidade manifesta-se na conduta por intermédio dos papéis que definem o homem. Com base na observação do desempenho de papéis dos atores espontâneos em situação, Moreno preconiza o treinamento da espontaneidade”.
(MARRA, 2004, p. 40)

- 1 As impressões deste capítulo fazem parte das oficinas ministradas pelos facilitadores nas três cidades e também dos relatórios realizados por eles, referentes a seus respectivos temas.
Bloco I – Autoconhecimento, o outro e a biblioteca: construindo o grupo
Bloco III – Ética e cidadania
Bloco IV – Reconhecimento de talentos.

Para melhor compreensão sobre os contextos institucionais e locais em que estão inseridas as bibliotecas, o **Bloco I – Autoconhecimento, o outro e a biblioteca** iniciou um processo de dentro para fora, trazendo para o seio do grupo um questionamento sobre suas ações, seu conhecimento de si mesmos e de suas funções como profissionais dessa área. Neste primeiro módulo foram levantados os problemas e objetivos de cada biblioteca pública e as ferramentas das quais poderiam fazer uso para monitorar e solucionar tais problemas.

A partir de um reconhecimento de si e de suas ações dentro do espaço institucional da biblioteca, os participantes puderam vivenciar situações de inversão de papéis e questionamento de valores; ao colocar-se num papel social diferente, experimentam novas visões de mundo e modos de vida. Esta e outras dinâmicas tiveram impactos diferenciados em cada cidade.

Além do psicodrama, trabalhamos também com abordagens mais objetivas. Para ampliar e aprofundar o conhecimento sobre os funcionários, formulamos um questionário quali-quantitativo que foi aplicado neste primeiro bloco de formação para todo o quadro funcional das bibliotecas. O propósito desta avaliação foi mapear o grau de conhecimento e de uso das tecnologias de informação e de comunicação de cada respondente. Foram 113 questionários respondidos pelos profissionais das bibliotecas, sendo 85 servidores públicos, 3 terceirizados, 12 em cargos diversos e 14 estagiários. As respostas colhidas geraram insumos para traçarmos o perfil dos profissionais envolvidos e avaliar o projeto de forma comparativa.

Outro instrumento de validação do projeto foi a assinatura de um Termo de Compromisso entre o *Tô na Rede* e os funcionários que aderiram ao projeto, estabelecendo regras de participação, como horários, disponibilidade e engajamento (presencial e virtual) nas atividades.



Critérios de participação do projeto Tô na Rede:

| Público | Disponibilidade |
|---|---|
| Bibliotecários e demais funcionários de bibliotecas | Frequência de 10 meses |
| Servidores públicos Terceirizados Estagiários | Carga horária de 246 horas, divididas em 07 módulos de formação, com aproximadamente 30 horas |

Para participar é preciso ter interesse em:

Leitura de textos e demais bibliografias sobre a área

Inovar o atendimento com TICs

Trabalhar com métodos que possibilitem processos participativos

Multiplicar o conhecimento entre outros funcionários e a população do entorno das bibliotecas

Diálogo e trabalho coletivo com a população

Trabalhar com projetos participativos e interdisciplinares

Em todas as cidades, foram criados grupos nas redes sociais e diferentes ferramentas tecnológicas, para potencializar a troca de conhecimentos, a articulação e a divulgação das atividades realizadas, fortalecendo a participação de cada um nos grupos. Esta é uma metodologia de TIC utilizada para que cada participante utilize ferramentas tecnológicas em todas as etapas, de modo que este procedimento faça parte naturalmente das ações de cada funcionário da biblioteca. Para tanto, foram criados grupos no WhatsApp, Google Groups e uma página do grupo *Tô na Rede* (Arapiraca, Belém e São Paulo) no Facebook. Foram ferramentas que disponibilizamos logo no início do projeto para que todos os participantes pudessem se apropriar desses recursos e, principalmente, comunicar-se entre si.

O Projeto *Tô na Rede* foi uma oportunidade de realização de uma ação mais do que pontual, disparando um processo coletivo que carregou um enorme potencial de aliar as possibilidades abertas pelo uso consciente das novas tecnologias a tecnologias sociais – muitas vezes tão antigas, e tão necessárias e insubstituíveis como o costume da roda de conversa e do olho no olho.

Ao todo, foram 175 funcionários que participaram das formações dos módulos nas três cidades, de forma intermitente em alguns casos. Contudo, vale destacar que 74 deles tiveram aproveitamento máximo em quase todas as atividades. Os outros 101 participantes ficaram entre 55% e 85% de frequência e aproveitamento nos módulos.

Sou escritora e acredito na extrema relevância de programas e processos educativos transdisciplinares, capazes de fomentar a apropriação criativa dos espaços públicos e dos equipamentos culturais. As bibliotecas são espaços estratégicos para a construção coletiva de novas configurações sociais. O conceito de Cultura que desenvolvemos com os grupos participantes do projeto Tô na Rede ultrapassa o campo das linguagens artísticas e abrange questões relacionadas à ética, à cidadania e ao modo como nós, cidadãos, nos responsabilizamos constantemente, seja por ação ou por omissão, pelo contexto no qual estamos inseridos.

Mapear e estabelecer contatos, parcerias e relações com escolas, equipamentos sociais e culturais, identificar e contatar atores sociais, agentes culturais, coletivos de jovens, estimular e envolver os membros das comunidades do entorno são fatores-chave para o desafio de compor coletivamente e propor, no cotidiano, uma programação que contemple e expresse a diversidade e a pluralidade local, contribuindo, de fato, para a instauração de uma lógica cooperativa e não competitiva, que sirva de base para a criação de redes.

Paloma Klisys, facilitadora.



No **Bloco III – Ética e cidadania**, os grupos puderam perceber a diferença entre conceitos como moral e ética – e, portanto, entre o que são *padrões* e o que são *valores* – e vivenciar, por meio de dramatizações de cenas, o papel de cidadão e também a relação servidor público-cidadão. Foram realizadas, como atividades de campo dos cursos, entrevistas com os moradores dos bairros do entorno, buscando a opinião das comunidades vizinhas sobre as bibliotecas. Além dos profissionais de atendimento e do setor administrativo das bibliotecas, foram incluídos no grupo também os profissionais das áreas de segurança, manutenção e limpeza, com o intuito de integrar no trabalho o conjunto de funcionários destas instituições.

Utilizando técnicas do psicodrama, foram vivenciadas cenas de teatro a partir de discussões, experiências e atividades produzidas nas bibliotecas. O método suscitou no grupo histórias significativas sobre cidadania, identificando as semelhanças e diferenças entre cada participante. Contudo, cada equipe reagiu de forma diferente às cenas vivenciadas. Vale registrar alguns aspectos de como foram desenvolvidas as interações dos temas em cada cidade.



O Bloco IV – Reconhecimento de Talentos foi um módulo de formação, voltado à descoberta e ao conhecimento de talentos – nem sempre evidentes – em si e nos outros e, também, como estas habilidades podem ser aplicadas em seu desempenho profissional.

As atividades deste módulo tiveram, primeiramente, o objetivo de colocar os participantes em contato com as suas individualidades e qualidades singulares para, num segundo momento, expandi-las em discussões sobre seu aproveitamento. Para tanto, os conteúdos ministrados buscaram compor um contexto de reflexão sobre as práticas cotidianas no ambiente de trabalho nas bibliotecas públicas, buscando modos de resgatar e valorizar aquelas qualidades individuais de seus funcionários.

Outras técnicas enfatizadas neste bloco foram os processos de relaxamento, de liberação e descoberta do corpo. A dimensão corporal, nestes processos participativos, abre possibilidades de interação mais intensa consigo mesmo e com o outro. A prática de relaxamento, de yoga, da dança e outras expressões corporais nos pareceu bastante positiva; mesmo os mais tímidos, ou mais “duros de corpo” se lançaram à movimentação, conseguindo quebrar algumas barreiras e ampliar as interações humanas, e criando um contexto de solidariedade e respeito pelo outro.

Este aspecto foi muito importante para os grupos, e todas as três cidades avaliaram que esse momento de olharem para si como portadores de talentos fez com que trouxessem à tona a vontade de compartilhar e de se conhecerem melhor. Todos gostaram muito de trabalhar com suas trajetórias de vida.

Neste sentido, concluímos que as dinâmicas que envolveram temáticas e técnicas relacionadas à história oral, à expressão corporal e aos meios de representação artística, cultural e científica, precisam ser valorizadas. Tal valorização deve se dar não só no trabalho com o corpo como método de relaxamento, mas também em outros processos de subjetivação – seja por meio da abordagem corporal ou por outros meios de expressão –, para discutir assuntos delicados, como as questões relacionadas à autoestima, que requerem um olhar mais cuidadoso. Este tema apareceu nas três cidades, guardados seus diferentes contextos.

Por fim, foi um bloco em que puderam vivenciar, por meio de sua subjetividade, momentos dedicados a si mesmos. Desta forma, reconhecer as competências individuais e as aptidões de cada um permitiu aos participantes dos grupos compreender os talentos de uma forma agregadora para o desempenho de atividades, dentro e fora das bibliotecas. Assim, podemos concluir que reconhecer os talentos individuais nos abre uma ampla possibilidade de desenvolver autonomia e criatividade na vida profissional.



Além das pesquisas de talentos nos grupos de participantes, eles também tiveram um momento para buscar esses talentos entre os moradores dos bairros onde se localizam as bibliotecas, por meio de entrevistas. Ouvir a opinião e a expressão dessas pessoas foi o início de um mapeamento das necessidades e demandas locais, tanto da biblioteca quanto da comunidade, pela leitura que faziam a partir de suas práticas.

Cada grupo organizou uma apresentação dos talentos de cada profissional das bibliotecas para compartilhar nos próprios grupos os seus conhecimentos, que, deste modo, puderam ser utilizados de forma criativa e espontânea no cotidiano do trabalho. O retorno das atividades nos mostra o aumento da autoestima do profissional de biblioteca, que, quando reconhecido e valorizado por si mesmo e pelo grupo, pode melhorar a qualidade do atendimento aos usuários.

O mapeamento de talentos individuais de cada participante – sobretudo, os talentos que envolvem os fazeres artesanais e outras produções simbólicas – revela saberes importantes para ampliar o universo de ações no trabalho diário das bibliotecas públicas. É um movimento de captar qualidades subjetivas, para devolvê-las como perspectivas de ação.

A construção da apresentação dos talentos mobilizou o grupo e articulou dimensões subjetivas, exigindo maior tempo de discussão e revelando um panorama psicossocial dos participantes que transcendeu os objetivos iniciais da atividade – mapear talentos e qualidades individuais de cada um.

Por meio da autoexpressão, em suas diversas formas – seja pela escrita ou por imagens visuais, seja por canções e poesia –, pode-se ampliar a compreensão dos campos de força que operam em um contexto de trabalhos de formação, de mediação e facilitação em grupos.

Com a expressão corporal, os participantes puderam perceber e, em certa medida, diminuir suas ansiedades, liberar suas tensões, falar de si mesmos por meio do corpo. Pela dança, trabalharam diversos conteúdos, utilizando o ritmo, a ordenação, a consciência corporal, além de cantar, entre outros processos que são desencadeados pelo movimento e pela expressão, e alcançam formas lúdicas.

>> ALGUMAS PERCEPÇÕES COMPARTILHADAS PELOS FACILITADORES

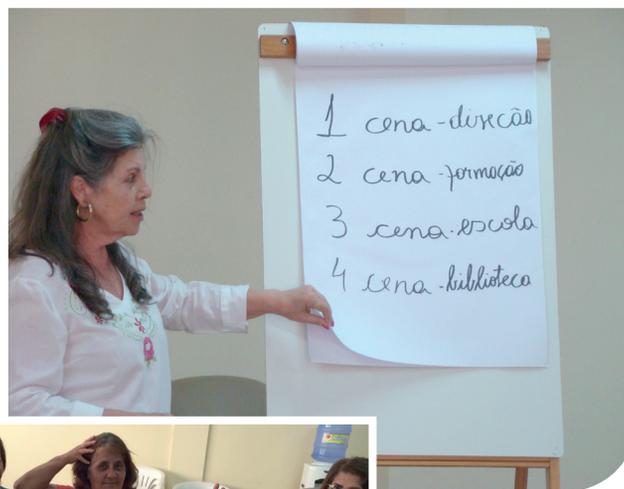
••• ARAPIRACA

As cenas tratadas nas dramatizações e o reconhecimento de talentos atingiram o grupo de forma visceral, como se aquele momento de apresentação do seu eu não profissional fosse um espaço de fala – de muitas falas, de desejos, de frustrações e superações, engasgadas no tempo e no espaço. As falas tiveram muita pertinência, como as vivências que ali se compartilharam. Descobrir que a sua dor é a mesma do outro e como cada um lida com ela, são trocas que eles puderam vivenciar e que, certamente, transcendem as questões de conteúdo.

Esta atividade colocou em questão que os participantes sentem a falta de um espaço para se encontrarem e conversar, para se conhecerem, partilhar, trocar e de serem reconhecidos como profissionais...

É importante ressaltar que muitos deles tiveram problemas em se expressar utilizando a linguagem do desenho ou outras formas de expressão semelhantes, o que resultou em cartazes com textos estruturados por tópicos. Alguns se arriscaram mais e desenharam, como no caso da Rita de Cássia, ou da Delma, que declamou uma poesia. O resultado final foi um grande mural com cartazes e uma “árvore de talentos”, que ficou repleta de *posts* com os diversos talentos de cada um. Por fim, as dramatizações tiveram uma boa receptividade e geraram diversas reflexões entre os funcionários da Biblioteca Central e as “regentes” das *Arapiraquinhas*.

No contexto da equipe de Arapiraca, as histórias de vida compartilhadas foram pontos importantes para criar um clima de acolhimento ao grupo: ora fortalecidas por descobertas felizes, ora compartilhadas por dores afetivas, houve muitas histórias parecidas. A criação de um vínculo de alteridade despontou na dinâmica do grupo.





O processo, que ao final pareceu um longo dia de apresentações, revelou, na verdade, um mapa que sugere algumas leituras muito interessantes sobre o grupo: mobilizações, frustrações, insatisfações, sonhos, ações invisíveis, a fragilidade na relação com o entorno dos equipamentos culturais, entre outros aspectos. Outro ponto importante revelado pela dinâmica foi a matriz da formação dos gestores das bibliotecas públicas, além de um intrincado arranjo institucional entre as secretarias de Cultura, de Educação e o Sistema Estadual de Bibliotecas, que afetam o processo de construção de uma identidade do grupo *Tô na Rede* – Arapiraca.

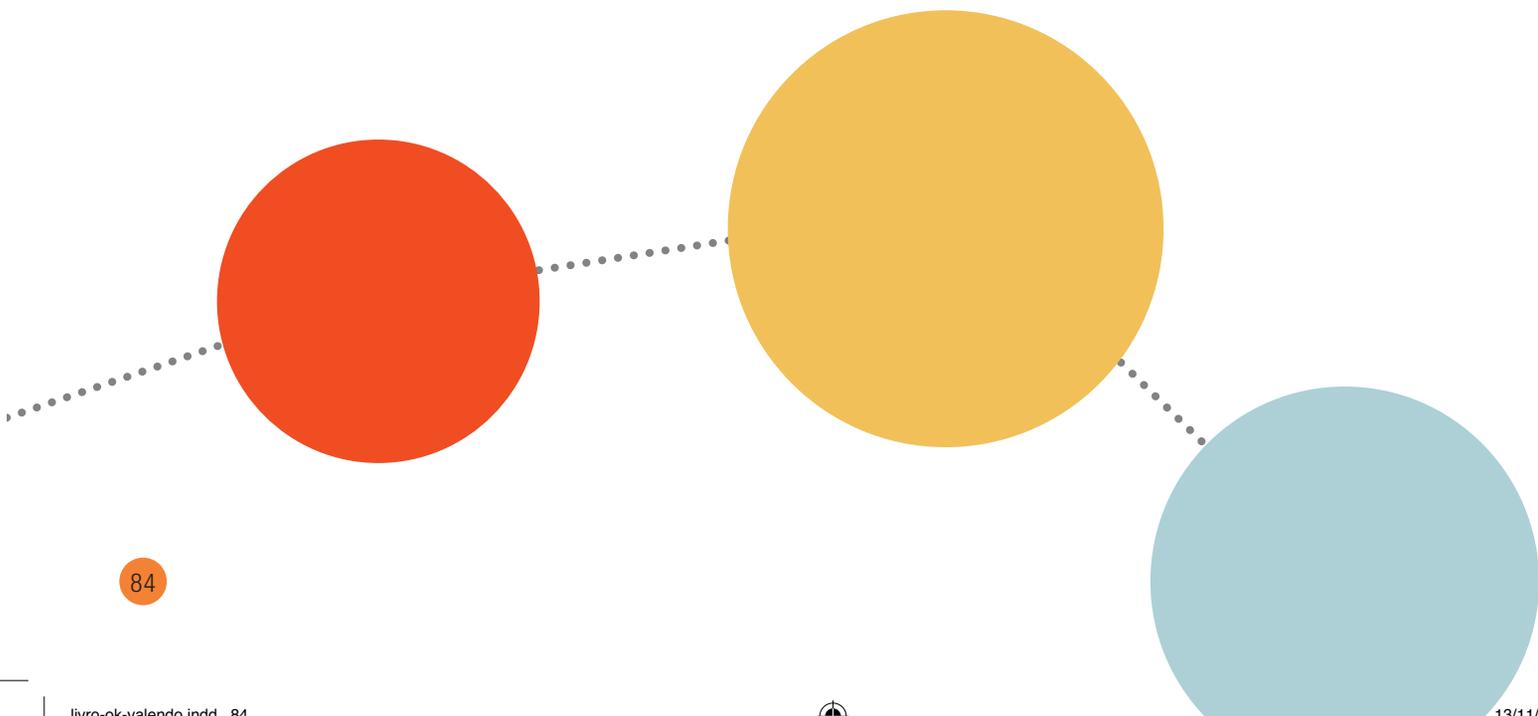
Com relação à matriz de formação do grupo de gestores das bibliotecas públicas de Arapiraca, na maioria são professores do ensino fundamental e médio, pedagogos e professores de educação artística, que dão apoio à rede destes equipamentos¹. Somente a Biblioteca Central conta com uma bibliotecária concursada. Os demais equipamentos são conduzidos pelos “regentes”, nomeação adotada pela Secretaria de Educação para se referir aos gestores dos espaços, que são, na maioria, funcionários dessa secretaria, desde os faxineiros aos “regentes” e coordenadores pedagógicos.

O cenário na Biblioteca Central também não é muito diferente, embora, nesta nova gestão, os funcionários tenham passado a ser dotados pela Secretaria de Cultura; porém, este órgão tem um quadro funcional muito reduzido e uma dotação financeira muito inferior ao orçamento das pastas da Educação e da Assistência Social naquele município.

Um outro dado revelado tem a ver com a saúde emocional dos funcionários das *Arapiraquinhas*: quase todos têm ou tiveram em seus históricos algum acompanhamento psiquiátrico, com prescrição de antidepressivos, ansiolíticos, calmantes ou medicamentos congêneres. Estas questões solidarizaram e aproximaram o grupo. As fatalidades e ocorrências familiares, sobretudo as relacionadas a doenças e mortes – semelhantes, em muitos casos –, acabou unindo o grupo de uma forma muito solidária.

O prestígio familiar de cada um também propiciou um processo de aproximação, mais retido nas cartografias das memórias, que visitaram toda a “*tradição do Fumo de Arapiraca*”, muito bem oralizada pelo grupo. Os relatos dos participantes revelam um mergulho no passado, fazendo eclodir um desejo de falar da cultura de raiz, do que era íntimo na infância: as brincadeiras de São João, a vida comunitária, as canções que acompanhavam desde o trabalho das destaladeiras de fumo e animavam o forró “pé de serra”, até os cantos religiosos em igrejas, as cantorias fervorosas nas procissões...

1 São ao todo onze equipamentos: a Biblioteca Central na Casa de Cultura; as oito *Arapiraquinhas* descentralizadas pela cidade e em áreas rurais; a Indústria do Conhecimento do Sesi; e a Biblioteca Comunitária Casa de Farinha Encantada.





••• BELÉM

As dramatizações tiveram uma boa receptividade e geraram diversas reflexões e críticas às formas de trabalho, às hierarquias, às relações no ambiente profissional, entre outros assuntos. Os participantes foram bem abertos a algumas críticas, e também autocríticos em relação às suas próprias condutas. Também acharam de suma importância inverter seus papéis para compreender como é estar no lugar do outro; isto trouxe um sentido de maior união e um senso crítico mais aguçado para detectar os conflitos e refletir sobre como tratá-los.

O que fazer com a cidadania?

“Algumas pessoas que vêm trabalhar ainda trazem seus problemas de casa, suas dificuldades, e isso às vezes interfere no atendimento. Às vezes a pessoa não consegue deixar os problemas de lado na hora do trabalho. A transformação do ser humano, a mudança, tem que partir de dentro para fora, tanto na questão do atendimento quanto na sociedade”.

“Eu não posso sempre esperar que a outra pessoa tome a decisão. Houve algumas situações em que o usuário chegou com uma cara ruim, falando grosseiramente, e o atendente inverteu a situação, tratou a pessoa bem e o associado saiu satisfeito. Inclusive, ele até trouxe outra pessoa para a Fundação”.



Integração dos setores

“(...) o 2º andar com o 4º, a Referência com o Técnico. Eu não aceito a resposta ‘deixa isso pra lá’: eu me coloco no lugar da pessoa que precisa de um serviço, e é muito chato saber que tem alguma coisa aqui e que o atendente está com má vontade. Temos que buscar isso, iniciativa e diálogo; a gente não pode se acomodar”.

Envolvimento entre os funcionários

“Desenvolver atividades em conjunto, circular entre a biblioteca, conhecer o espaço. Fazer circular notícias sobre a programação. Comunicação interna – muitos reclamam que não são convidados para nada”.

“A integração dos setores. É colaborar. Às vezes a gente está propondo coisas que já existem, mas de maneira isolada. Se a gente pegar coisas boas de cada seção e jogar para o todo, isso aqui vira uma maravilha!”.

“Gente, tá todo mundo na luta aqui. A gente tem o conceito de rede, a gente volta de novo e costura ela. A gente bate, mas a gente supera, a gente está aqui para caminhar. Tem buracos, mas vamos seguindo. Cada um tem a sua opinião, tem a sua vontade, mas eu vou dizer uma coisa, eu amo vocês, eu amo estar aqui... Quando entrei aqui, eu entrei na Referência; mas ser xereta faz com que aconteça cada coisa!... Eu pensei: não, se for pra ficar na Referência, eu vou ficar para sempre... Às vezes eu ia, voltava, e nem sabia o que estava fazendo; mas fui, fui, caminhei, caminhei, e hoje estou na Seção Infantil. Muitas vezes, a gerente... ‘o que tu tá fazendo aqui?!’. Eu acho que é por aí que a gente consegue levar nosso percurso; com barreira, sem barreira, a gente vai chegando lá”.

“Precisamos de gestão de qualidade. Precisamos ser liderados, precisamos que haja um norte para ser seguido, dizer caminhos; isso tem uma questão de gestão, de liderança. A gente sabe que no nosso Brasil muitas pessoas ocupam cargos e não têm qualificação para estar ali, mas, por outra série de circunstâncias, ele vai estar naquele local. Toma decisões, não ouve o seu grupo...”.

Gestão participativa

“É disso que estamos precisando, que essa gestão seja participativa. E se a gente quer uma gestão participativa, ela não pode acontecer só entre nós. Ela tem que começar envolvendo toda a equipe”.



••• SÃO PAULO

Na Biblioteca Helena Silveira existe um telecentro da prefeitura compartilhando o espaço. Quando o projeto *Tô na Rede* começou o processo de formação nesta biblioteca, já havia 8 meses que o telecentro estava fechado. Sendo assim, uma das primeiras providências foi buscar a reabertura deste espaço; o projeto não podia prescindir de acesso a *wi-fi* e de equipamentos de *hardware* para efetivar as propostas referentes à integração com as TICs. E um fator agravante desta situação era que a outra biblioteca escolhida pelo Projeto na região, a Biblioteca Marcos Rey, não tinha infraestrutura de telecentro ou equipamentos disponíveis com rede *wi-fi* para a realização destas atividades. Desta forma, foi de fundamental importância estabelecer esta primeira parceria com o Sistema Municipal de Bibliotecas e com a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, na reabertura do telecentro no local.

Outro fato que acabou prejudicando o aproveitamento das atividades foi o revezamento dos funcionários no cumprimento de suas tarefas cotidianas, durante as atividades do *Tô na Rede*. A alegação é de que não poderiam fechar a biblioteca para que todos se dedicassem à formação. Sendo assim, um deles sempre permanecia no atendimento ao público; a equipe se dividia em escalas, e a cada dia havia pelo menos um funcionário sem participar das atividades do grupo, o que atrapalhou bastante o fluxo das ações propostas.





Um aspecto que notamos, e que julgamos bastante influente nas relações internas entre os funcionários, foi a falta de sintonia e de empatia entre muitos deles. Muitas vezes o clima denotava uma competição, ou acabava pendendo para um acerto de contas acumuladas no decorrer de seu convívio. O diálogo não parecia fluir entre eles, sobretudo se pensarmos estas relações em suas dimensões hierárquicas. Notamos o desconforto de algumas pessoas da equipe com o fato de um segurança e uma funcionária da limpeza participarem da formação.

Durante os exercícios, os integrantes do grupo demonstraram relutância em assumir a responsabilidade pela gestão da biblioteca. Ficou evidente a dificuldade de se organizarem para uma reunião de planejamento, de coordenarem a equipe e de abordarem de modo propositivo os problemas a serem resolvidos, sempre buscando atribuir a fatores externos a responsabilidade pelos problemas que enfrentam.

Desta forma, o grupo foi bastante refratário aos exercícios de autoavaliação, fosse de suas características pessoais, fosse a avaliação de seu desempenho profissional, de suas relações com a comunidade, entre outros aspectos. As cenas propostas pelas facilitadoras geraram um certo conflito entre o grupo, principalmente quando foram instados a tratar de cenas que explicitavam condutas que eles, como público, não gostariam de vivenciar. Embora alguns tenham achado o exercício interessante, nenhum deles externou uma avaliação mais crítica sobre os dilemas ali expostos. A maioria não queria olhar para as questões administrativas nem para as questões envolvidas na mediação com o público.

Contudo, quando a participação do grupo se ligou a subjetividades e talentos foi bastante proveitoso. Todos se entregaram sem nenhuma ressalva.

“Descobrimo Talentos, por exemplo, mesmo aqueles funcionários mais tímidos conseguiram se expressar, e a gente conseguiu identificar muitas coisas que não conhecia, reconhecer algum talento, alguma coisa que a pessoa gosta de fazer, mesmo fora da biblioteca... Estas descobertas ajudaram a gente a se conhecer melhor.”

“O cidadão sabe que tem biblioteca; e se eles sabem que a biblioteca é importante, porque é que esses fulanos não estão aqui? Independente, se são um pouco mais instruídos ou não, eles sabem que é importante a biblioteca? E porque “a outra” fala da internet? ‘Se agora tem internet, por que é que precisa de biblioteca?’”

“Nós entrevistamos um garoto de 13 anos que estuda, mas ele não sabe para que serve a Biblioteca, disse que vem só para beber água. Não é fácil instigar nas pessoas a vontade de vir e achar que aqui é um lugar de conhecimento e que pode ser prazeroso. Não é tão fácil formar um leitor”.

“Falta interesse, falta tempo. O nosso país não é considerado um país leitor. Todo mundo acha que é importante, mas por que é que não estão aqui?”

“Eu fico impressionada com essa criançada de hoje. Muitos vêm na biblioteca só para tomar água ou ir ao banheiro, e não sabem escrever o nome. O menino pensou que biblioteca era lugar para pagar conta. Nas escolas tem biblioteca, por menor que seja o acervo. Agora, um adolescente falar que não sabe o que é, ou para que serve uma biblioteca, é difícil!”





Tô Na Rede foi um processo, uma conquista, um desafio!

Um projeto-piloto que saiu do papel e criou vida, por meio de uma metodologia participativa que proporcionou a construção de uma rede. Um processo em que, agora, eu posso dizer:

“Tô na Rede!”

Foi assim, passo a passo, reconhecendo cada cidade, um território, uma comunidade, uma biblioteca, uma pessoa, uma vida, uma rede.

Inúmeras possibilidades se abriram, e nelas percorremos o caminho, como um caminho de rio, que não é reto e sim tortuoso, cheio de surpresas. Nosso objetivo não era chegar ao fim do projeto, mas indicar um novo caminho do rio para os profissionais de bibliotecas e para a comunidade...

Daniela Greb, coordenadora e facilitadora do projeto *Tô na Rede*



**MAPEAMENTOS
LOCAIS:**

CONHECER

**PARA
TRANSFORMAR**



“Minha relação com a cartografia começou ainda na infância, com minha avó materna, entusiasta dos atlas geográficos e exímia desenhista. Minhas primeiras brincadeiras se limitavam a cópias de mapas do atlas escolar. Com o passar do tempo, fui criando intimidade com a linguagem; as cópias foram aos poucos substituídas por croquis da casa, da rua, do quarteirão e do bairro em que morava, onde eu realizava imersões pueris – território de raiz, da memória e do pertencimento... Cartografias que se expandiam à medida que eu crescia e, gradativamente, ganhava autonomia em minha mobilidade. Esses movimentos alteraram de forma significativa minha familiaridade com o espaço e foram se expandindo pelas relações de sociabilidade que permeavam os novos locais. Territórios que, pouco a pouco, foram se desvelando em virtualidades e contradições. Tecidos urbanos constituídos por afetos, em um imaginário de cidade no qual eu circulava e onde fundia traçados próprios. Assim comecei minhas cartografias afetivas da vida, da faculdade, das militâncias... E transformei este tema em objeto de estudo e em atividade profissional.

Já trabalhei o conceito de mapeamento em diversos contextos: na formação, em produção de pesquisa quali-quanti; como ferramenta na elaboração e na gestão de políticas públicas urbanas e culturais; como comunicação de visões de mundo, a partir de protagonistas diferentes; como produção simbólica em criações artísticas e culturais; como mediação de público, com gestores de entidades culturais públicas e privadas; como ferramenta na gestão de proposições de movimentos sociais e da sociedade civil, desde projetos colaborativos (em grande parte mediados pelas tecnologias de informação, para construção de mapas digitais) aos mais antropológicos, que demandaram colocar os “pés na terra” – literalmente – para compreender as dinâmicas locais e propor ações consonantes a elas.





Desta forma, o processo participativo e as escolhas coletivas são fundamentais. Portanto, um mapeamento só acontece uma vez, pois ele é singular: depende do meio e de seu momento. Por isto, não existe uma “receita de bolo” para multiplicá-lo, embora existam certos elementos que podem nos orientar por alguns trajetos, frutos de experiências empíricas que criaram seus próprios percursos.

Foi um desafio realizar uma formação, e depois um exercício de campo, que dessem conta de colocar os participantes em contato com realidades que, posteriormente, eles teriam de mediar autonomamente, para ampliar este exercício. Mas, no fim, este processo foi muito rico e reafirmou que o mapeamento local sempre trará experiências singulares, como foram as vivências realizadas com as três cidades no projeto *Tô na Rede*.”

Ana Paula do Val, facilitadora





A bordaremos neste capítulo os processos de trabalho em grupo para a realização de mapeamentos locais nas três cidades em que foi implantado o projeto *Tô na Rede*, em breves relatos sobre estas experiências, das quais resultaram mapeamentos completamente singulares e muito diversos entre si, justamente em virtude das especificidades de cada lugar. Mas, então, o que são os mapeamentos locais, se os pensarmos no contexto das bibliotecas?

“...Os mapeamentos denotam sua potência transformadora, enquanto instrumentos de diagnóstico e de ações propositivas para a melhoria da qualidade de vida nas cidades, e, neste sentido, os mapeamentos locais têm relação direta com o desenvolvimento sociocultural, pois imprimem uma vitalidade ainda maior como propulsores do desenvolvimento local, capazes de detectar as potências criativas de diversos fazeres culturais e agenciamentos nos territórios, tendo papel importante como instrumento de gestão, planejamento... [inventariação, memória, organização das informações locais de utilidade da população e públicos, entre outras possíveis utilidades de um mapeamento como informação]” (DO VAL; BARBOSA, 2011).

Os conteúdos tratados no módulo **Conhecer para transformar: mapeamentos locais** tiveram como objetivo colocar os participantes em contato com dois campos distintos e complementares: o primeiro, de cunho teórico, foram as atividades expositivas em salas de aula, que também envolveram dinâmicas de grupo e rodas de discussão sobre assuntos relacionados às cidades onde esses funcionários moram e trabalham. Assim, foram abordados, sob diferentes pontos de vista, temas como a dinâmica do crescimento urbano, a rede de equipamentos culturais, o direito à cidade, os direitos e as responsabilidades sociais, entre outros, com a intenção de construir um panorama sociocultural sobre as cidades, a partir das comparações e reflexões realizadas pelos participantes. E ainda, como preparação para o posterior trabalho de campo, os alunos tiveram orientações e treinamento sobre técnicas de entrevista. Para facilitar a abordagem dos entrevistados, foi compilado um guia com os “dez mandamentos do entrevistador”, tendo como referência a metodologia de história oral do Museu da Pessoa¹.

O segundo campo explorado foram as experiências de mapeamentos socioculturais, ressaltando a importância deste tema para estruturar a formação de público e as ações de aproximação e de colaboração com a comunidade de entorno. Para tanto, os conteúdos ministrados buscaram compor um contexto de reflexão sobre as práticas cotidianas no ambiente de trabalho das bibliotecas públicas.

Foram momentos em que pudemos constatar o nível de conhecimento dos funcionários sobre a cidade, particularmente sobre seus bairros de moradia e de trabalho, a partir de temas presentes em seu cotidiano, tais como: violência, educação, direito à cidade, direitos sociais, expressões artísticas e culturais, preconceito, discriminação, desenvolvimento urbano e movimentos sociais, entre outros. Contudo, alguns desses temas despertaram muitas polêmicas e contradições, sobretudo aqueles que envolviam questões religiosas.

Depois do processo de formação teórica, a oficina propôs exercícios práticos, num trabalho de campo em que foram aplicados e vivenciados os conceitos abordados até então. Os participantes tiveram oportunidade de conhecer contextos e práticas socioculturais presentes em suas comunidades, mas nem sempre percebidos por eles. Segundo seus próprios relatos posteriores, este contato lhes permitiu ampliar sua percepção sobre o importante papel das bibliotecas – e, portanto, deles mesmos – nas relações com a comunidade de entorno, que abrem múltiplas possibilidades de ação e de parcerias no território, e de benefícios para todos.

¹ Vide Referências Bibliográficas desta publicação.





A metodologia adotada para a realização do mapeamento partiu de uma proposta de construção coletiva. Desta forma, definições sobre *o que*, *para que* e *como* mapear foram os fios condutores para construirmos o recorte do mapeamento local do *Tô na Rede* em cada cidade. A proposta aplicada pautou-se em uma técnica conhecida como “bola de neve”: ao final de cada entrevista, o entrevistado indica outras pessoas ou grupos que tenham atuação semelhante à sua, ou outros atores sociais, que considere importante incluir no mapeamento, por seu potencial de beneficiar o desenvolvimento local ou práticas socioculturais.

Contudo, o bom aproveitamento de uma formação – sobretudo, realizada em um período curto – não pode garantir que os alunos se comprometerão com tais atividades ou com o projeto em si.

As discussões demonstraram, no decorrer do processo de formação, que era de grande urgência colocar os gestores em contato com a realidade dos territórios vizinhos às bibliotecas. Desta forma, o mapeamento local poderia ser esta primeira ponte entre os gestores e os contextos locais.

Para tanto, discutimos critérios para o mapeamento, que teve como resultado um breve questionário sobre práticas socioculturais e parcerias no entorno das bibliotecas, um instrumental desenvolvido para facilitar a organização das informações sobre grupos, entidades, lideranças e outros atores sociais que tenham uma relação com os contextos de inserção dos equipamentos de cultura.

Foi organizado um roteiro de visitas para o mapeamento local de cada biblioteca, atividade que teve ampla colaboração dos participantes de Belém e Arapiraca, que foram bastante interativos, muitos deles com conhecimentos profundos sobre seus artistas locais. No caso de São Paulo, os pontos mapeados foram indicados pela facilitadora, por falta de sugestões dos participantes. Entretanto, é necessário fazermos algumas ressalvas acerca da diferença na resposta do grupo de São Paulo em relação às outras duas cidades. Temos de ver esta diferença no contexto da região escolhida para o projeto, na capital paulista, cujas peculiaridades nos levam a um resultado distinto daqueles encontrados nas outras duas cidades.

Percepções do processo dos mapeamentos locais

Para os participantes que realizaram as entrevistas, as atividades pareceram impactar de forma positiva suas percepções com relação à biblioteca, ao seu entorno e a seus interlocutores. Primeiro, eles falaram da surpresa em descobrir coisas novas no bairro do qual eles achavam conhecer tudo. Outra questão apontada por eles foi a falta de apoio aos grupos e entidades que desenvolvem trabalhos sociais e culturais na cidade. Ficaram bastante sensibilizados pelas possibilidades de se desenvolverem parcerias entre as bibliotecas e as comunidades vizinhas, com o intuito de apoiar suas iniciativas; isto foi bem marcante nas falas dos participantes de Belém e de Arapiraca.

Ao entrarem em contato com os atores sociais do entorno – entidades culturais, de assistência social, grupos, coletivos de artistas, mestres de cultura, artistas, professores, escolas, postos de saúde e outros –, os funcionários das bibliotecas ficaram extremamente sensibilizados com suas histórias de vida, com as atividades que desenvolvem e outras que gostariam de desenvolver, como se mantêm financeiramente, suas relações com o poder público e com suas comunidades de inserção. Questões que conduziram as entrevistas e permitiram conhecer mais profundamente as realidades locais a partir de possíveis parceiros. Outro ponto que estimulou os participantes foi produzirem o registro e a organização de informações sobre os atores sociais que contribuem de fato para a diversidade e para o desenvolvimento sociocultural de suas regiões.

Violência e mobilidade

Dentre as questões levantadas, muitas foram referentes a criminalidade e violência, dados educacionais, dados culturais, infraestrutura urbana e processos de “*gentrificação*”, que é a ex-





pulsão de moradores de regiões em curso de valorização imobiliária para áreas menos valorizadas das cidades. E, por último, e mais afeto aos equipamentos, foram citadas algumas ações de vandalismo ocorridas nas *Arapiraquinhas*. O tema da gentrificação gerou um grande interesse por parte dos participantes de Arapiraca, Belém e São Paulo, pois a maioria deles mora em regiões periféricas dessas cidades, sendo que muitos estão instalados em loteamentos ainda não legalizados. Por exemplo, em Arapiraca, há mais de 15 anos muitos vivem o dilema de não receberem correspondências pelo serviço de correios, pois nos loteamentos não regularizados, nas regiões mais afastadas do centro da cidade, as ruas ainda não receberam nome.

Alguns funcionários relataram que nunca andaram na vizinhança das bibliotecas em que trabalham, por terem medo da violência; isto foi muito forte nas cidades de Arapiraca e de São Paulo. Ficam grande parte do tempo trancados dentro dos espaços, com medo de se relacionarem com os vizinhos, e acabam conhecendo e vivenciando muito pouco sobre o local onde moram e/ou trabalham. Em Belém, a violência foi discutida por um viés mais estrutural da cidade e pela falta de direitos; contudo, vale destacar, no caso de Belém, que a Biblioteca Arthur Vianna localiza-se em uma região central da cidade, com poder aquisitivo entre médio a alto.

Poucos deles moram próximos a bibliotecas em Belém e Arapiraca. A grande maioria se desloca, muitas vezes, de um extremo a outro da cidade para chegar ao seu local de trabalho. Os sistemas de transporte são bem precários nestas duas cidades, o que piora a mobilidade local.

Mediação com o entorno

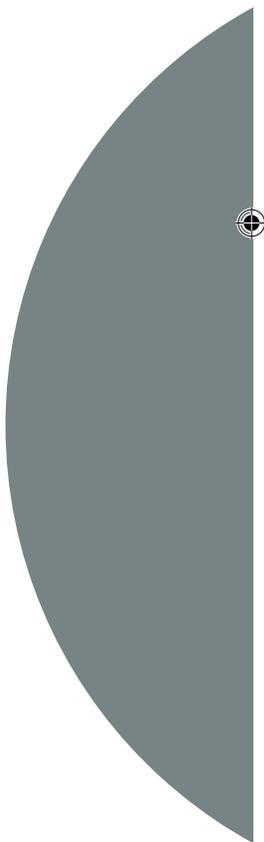
Em seu trabalho de mediação com o público, alguns participantes demonstraram que buscam uma interlocução com o entorno das bibliotecas. A exemplo disso, podemos citar Fátima Barbosa, na *Arapiraquinha VIII* (Bananeiras – rural), de Arapiraca. Professora há 25 anos, trabalha com contação de histórias, realiza saraus e outras atividades socioculturais. Por ser moradora do local, conhece bastante o bairro e a população; desta maneira, consegue ter uma interlocução mais efetiva com o entorno e com alguns grupos localmente marginalizados, como os de capoeira e de hip hop.

Alguns funcionários de Belém revelaram ter um conhecimento bastante apurado do contexto sociocultural e das práticas sociais naquela cidade, como Teresa (da biblioteca de Icoaraci), Dayane, Vulcão, Dailton, Edbruno e Maiolina, que trouxeram contribuições relevantes para o planejamento do mapeamento e para ampliarmos nosso repertório sobre a cultura paraense e sua rica diversidade sociocultural.

Em São Paulo, as mediações com o entorno acontecem por meio de duas escolas, que ficam uma em frente à biblioteca e outra ao lado de uma praça bastante frequentada por jovens e adolescentes do bairro e por grupos culturais, entre outros atores, alguns não tão lícitos; vale ressaltar que o espaço é compartilhado com respeito por todos os atores. A biblioteca não mantém nenhum vínculo com este espaço público, nem mesmo ocupa a praça para realizar suas atividades de mediação de leitura ou de contação de histórias.

Diversidade cultural e modos de ver o mundo

Quando o tema “capoeira” foi abordado no grupo de Arapiraca, rendeu várias horas de discussão, sobretudo para desconstruir um preconceito generalizado e, em alguns dos participantes, bastante enraizado. A orientação religiosa da maioria deles é a católica, e alguns, a princípio, com percepções conservadoras e refratárias às expressões que para eles eram desconhecidas como por exemplo, a capoeira e os povos de terreiro (candomblé, umbanda, tambor de mina e outros). A cultura e os povos de matrizes africanas eram imediatamente relacionados, por alguns



deles, à macumba – e, neste caso, nominados de forma bastante pejorativa, associada ao “diabo” e ao “mal”, entre outros estereótipos. Neste sentido, a partir da discussão dos tratados da UNESCO sobre a Diversidade Cultural, abordamos o conceito de cultura em seu sentido antropológico, e, nesse viés, as culturas de matriz africana, sua forte presença na composição da cultura brasileira, os direitos culturais, a cidadania cultural. Porém, mesmo enquadrando esta discussão no campo da antropologia social, alguns dos gestores mantiveram-se resistentes quanto à questão religiosa.

O contato com a atividade de campo, nesta oficina de mapeamentos locais, permitiu que os gestores pudessem reavaliar as suas práticas, vislumbrar novos horizontes e, sobretudo, conhecer e acolher outros pontos de vista. A vinda do Grupo Ibá Capoeira à biblioteca Arapiraquinha Bananeiras, para sua apresentação aos funcionários, propiciou um significativo exemplo de implosão de preconceitos. Como mencionamos, grande parte dos alunos tinha – e verbalizava pejorativamente – muitas ideias preconceituosas sobre a capoeira e quaisquer expressões de matrizes africanas. A gestora Fátima Barbosa, da *Arapiraquinha* Bananeiras, já conhecia o grupo Ibá Capoeira, pois um dos integrantes é seu sobrinho. Ela ficou muito motivada em apresentar os jovens para o grupo dos gestores, que fariam o mapeamento do entorno de sua *Arapiraquinha*. A entrevista com o grupo foi extremamente motivadora e esclarecedora.

Claudivan, Pollyano e seu grupo de jovens capoeiristas tocaram a sensibilidade de todos de forma muito significativa, pois traziam, ao mesmo tempo, uma leitura politizada sobre esta expressão, de forte teor identitário e cultural. Foi uma ligação importante para os alunos mergulharem neste universo, mais livres de preconceitos e abertos a outras práticas socioculturais, para poderem vivenciar de forma mais integrada a diversidade cultural e as potencialidades locais que cada território pode oferecer. Ou seja, foi uma oportunidade de apreender vivencialmente – portanto, mais do que aprender intelectualmente – o conceito de *alteridade*.

Foi a entrevista mais comentada, talvez a de maior impacto nas percepções dos gestores de Arapiraca. Rita de Cássia, ao final desta entrevista, pediu a palavra e disse: “...tive uma lição de vida sobre preconceito e discriminação, por meio da identidade, e mudei completamente a concepção que eu tinha sobre a capoeira, o candomblé, as culturas de matriz africana...”. Seu discurso foi reforçado pelo consenso do grupo. Os conteúdos debatidos em sala de aula, e depois, por meio das vivências e na prática do mapeamento, certamente ampliaram os horizontes dos participantes em relação aos conteúdos culturais.





TRABALHO DE CAMPO – MAPEAMENTOS LOCAIS

| 14 a 16 de janeiro de 2015 | 27 a 29 de janeiro de 2015 | 1 e 2 de abril de 2015 |
|---|--|--|
| <p>Práticas mapeadas Arapiraca (AL)</p> <p>Biblioteca Central / Casa de Cultura</p> <p>Ronaldo de Oliveira Silva, pesquisador da cultura de Arapiraca e poeta</p> | <p>Práticas mapeadas Belém (PA)</p> <p>Bairro Terra Firme, Belém</p> <p>Coletivo Tela Firme ACIYOMI – Associação Afro-religiosa e Cultural Ilê Iyabá Omi Mãe Nalva Mãe Simone Nazaré – Grupo de Trançadeiras ORVAM – Ong dos Ribeirinhos Vítimas de Acidentes de Motor</p> | <p>Práticas mapeadas São Paulo (SP)</p> <p>Bairro do Campo Limpo, São Paulo</p> <p>Espaço Cultural CITA</p> |
| <p>Arapiraquinha III (Canaã)</p> <p>Mestre Nelson Rosa e as Destaladeiras de Fumo</p> | <p>Icoaraci, distrito de Belém</p> <p>Biblioteca Municipal Avertano Rocha, com os convidados: Grupo Associação Carnavalesca Rabo da Cutia Mestre Luizinho Lins Mestre Lourival do Igarapé Mestre Rosemiro Espaço Cultural Coisas de Negro</p> | <p>Campo Limpo, distrito de São Paulo</p> <p>União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacências Agência Popular Solano Trindade</p> |
| <p>Arapiraquinha VIII (Bananeiras)</p> <p>Moradoras de Bananeiras Helena do Forró Grupo Ibá Capoeira</p> | <p>Quilombo São José – área rural: Ramal 24, Belém</p> <p>Comunidade quilombola Jacareaquara, Acará</p> | |
| <p>Arapiraquinha IV (Primavera)</p> <p>Bastinho da Sanfona, diretora Rita de Cássia Fonseca, educadores da Escola em Tempo Integral Professor Benildo Barbosa. Apresentação de alunos de capoeira do Programa Mais Educação do Governo Federal</p> | | |
| <p>total: 09 práticas mapeadas presencialmente</p> | <p>total: 12 práticas mapeadas presencialmente</p> | <p>total: 02 práticas mapeadas presencialmente</p> |





>> IMPRESSÕES DE CAMPO ●●● ARAPIRACA

- 1 Destaladeiras de Fumo: o cultivo do fumo para a produção de tabaco foi a principal atividade econômica por mais de cinco décadas em Arapiraca. Além das plantações e dos varais onde a produção era colocada para secar, também chamavam a atenção os salões onde o fumo era destalado (retirada do talo), permitindo que as folhas pudessem ser enroladas. Neste processo, mulheres trabalhavam horas a fio nos salões ou armazéns na destalagem e seleção das folhas para formar o rolo. Em meio ao trabalho árduo de bater e enrolar as folhas, elas criaram cantos e versos que ficaram conhecidos como “cantigas de salão de fumo”. A atividade, que surgiu de forma natural, se tornou um atrativo na época da colheita e acabou deixando o trabalho mais alegre e menos cansativo. O grupo, criado há oito anos, conta com mulheres que trabalhavam na colheita e destalação do fumo. Elas se apresentam em Arapiraca e outras cidades e estados.

Em princípio, as atividades de entrevista estavam programadas para acontecer nos locais de moradia dos entrevistados ou na sede de grupos e entidades aos quais estivessem vinculados. No entanto, quando os funcionários das *Arapiraquinhas* fizeram contato com os moradores da comunidade para marcar as entrevistas, acabaram por inverter o previsto e convidaram estas pessoas para vir às bibliotecas. Esta mudança no espaço da entrevista engessou a possibilidade de considerar alguns aspectos que só seriam detectados no local de moradia ou na sede de atuação dos convidados (relação com o entorno, a paisagem local etc.). Contudo, revelou outras perspectivas que foram muito importantes para o trabalho de formação.

Por exemplo, os convidados que mapeamos nunca tinham entrado em uma *Arapiraquinha*, com exceção dos educadores da escola em tempo integral. O fato de estarem acolhidos dentro de um espaço institucional e público foi muito motivador para eles, que demonstraram uma grande gratidão por terem sido convidados a falar de suas histórias e de seus trabalhos, quase sempre muito enraizados em suas comunidades.

Dentre estas muitas histórias, a cultura popular, as raízes de pertencimento, de identidade e direitos estão representadas na figura de personagens locais, como Ronaldo de Oliveira Silva, Mestre Nelson Rosa e as Destaladeiras de Fumo¹, o Grupo Ibá Capoeira, Bastinho da Sanfona e a diretora da Escola de Tempo Integral.

Contudo, é necessário destacar que, embora a atividade tenha sensibilizado a muitos funcionários das bibliotecas, somente alguns conseguiram apreender e introjetar a ideia de mapeamento local como um processo transformador e potencializador de territórios e da condição social, cultural e de acesso à informação nestas regiões. É importante registrar que, mesmo ampliando a consciência destes funcionários, isto não significa, necessariamente, que eles levarão este aprendizado para uma ação prática na gestão dos equipamentos culturais em que atuam.



A impressão sobre este grupo é de que seria necessário um processo de formação mais amplo e aprofundado, sobretudo no que diz respeito à formulação de ações, programas e políticas públicas. A experiência do mapeamento apontou novas possibilidades, mas muitos pareceram receber todo aquele processo de entrevistas como um momento de fruição cultural, no sentido literal. Houve muitos relatos no sentido de que *“a formação foi boa, pois nos possibilitou conhecer mais sobre a nossa cultura, nossa cidade e foi muito bom assistir à apresentação dos grupos”*. Afirmarões como esta parecem evidenciar que estes funcionários se colocam como meros receptores passivos, em vez de assumirem a posição de sujeitos e agentes que sua ocupação profissional requer. Ou seja, existe uma lacuna muito grande entre sua condição de servidores públicos e o papel que deveriam desempenhar como gestores e formuladores de políticas públicas.

Os depoimentos mais impactantes foram os de Delma e Ivone, pois trouxeram questões que, além de permear possibilidades de atuação com a comunidade, também motivaram reflexões sobre a realidade do entorno dos equipamentos. Os dois depoimentos apontaram temas relevantes para a formulação de políticas públicas, tais como a mediação da violência relacionada ao consumo de drogas, o reconhecimento da cultura local e ações de valorização da diversidade cultural. Muitos avançaram no processo e se embrenharam em seu entorno: Maria de Fátima, que mergulhou em Bananeira; Ivone, que se descobriu e descobriu o bairro de Canafístula; Rita de Cássia e Adelmo, que transformaram a praça da primeira *Arapiraquinha* inaugurada em biblioteca ao ar livre. A proposta veio de uma necessidade, mas o resultado foi muito assertivo: o ar-condicionado da biblioteca havia queimado, e ficou impossível utilizar este espaço. Foi aí que eles tiveram a ideia de levar os livros para a praça, que voltou a ser frequentada pela população do bairro, mesmo compartilhando espaço com os *“jovens viciados”* (conforme a designação local), que nesse projeto acabam tendo uma mediação destes gestores.

É um processo gradual, mas as mudanças pelas quais esse grupo passou foram profundas, principalmente quando nos reportamos à lembrança dos participantes que, no início do curso, tinham medo até de falar seu próprio nome. Superar esta condição inicial e chegar a tais posicionamentos faz parte de uma consolidação do grupo e do ganho de autoestima individual.

Segundo relatou uma das funcionárias no começo do projeto, trabalhar em uma *Arapiraquinha* significava *“estar de castigo”*. Segundo ela, isto acontecia com professores que eram afastados da sala de aula ou que estavam prestes a se aposentar; assim, estes locais não pareciam inspirar autoconfiança e valor. Este era o cenário do espaço, até os trabalhos com o corpo e os psicodramas ali aplicados suscitarem luzes adormecidas, que em diversos momentos brilharam nos olhos dos funcionários, sobretudo ao conhecer os parceiros locais nas *Arapiraquinhas*. Estes artistas, professores, grupos de cultura, de memória e de pesquisadores doaram seu tempo, seu carinho e foram, de coração aberto, partilhar suas produções.

A primeira entrevista em Arapiraca ocorreu na Biblioteca Central Pedro de França Reis, com Ronaldo de Oliveira Silva, pesquisador da cultura de Arapiraca, poeta e ex-secretário de cultura do município. Foi um encontro muito importante, pois, além de falar de sua produção como poeta, também nos deu uma bela aula sobre a cultura popular de Arapiraca, principalmente sobre o Bairro de Canafístula, que tem uma identidade muito forte com as raízes autênticas das culturas locais, abrigando muitos grupos e mestres da cultura popular. Sua entrevista ampliou o conhecimento sobre entidades, grupos, lideranças e personalidades de Arapiraca. Além disso, sua fala apaixonada pela cidade e por suas questões socioculturais motivou enormemente os participantes, demonstrando como era fundamental aquele passo da formação para eles. Ronaldo afirmou, por diversas vezes, a importância dos funcionários dialogarem com seu entorno e serem protagonistas de transformação em seus espaços de convívio.



Propiciar atividades de trabalho com os funcionários para que tivessem contato com a cultura local mudou muito a relação deles com a visão do entorno, dos jovens dependentes de drogas, dos capoeiristas e de outras tantas figuras presentes nesse meio. Talvez, para Arapiraca, o maior aprendizado dos integrantes do grupo foi ter superado preconceitos e os “pequenos poderes”, ter elevado a auto estima e simplesmente terem se apaixonado pela cultura local e pelas *Arapiraquinhas* em que trabalhavam, e que antes subestimavam. Papel de bibliotecas, as *Arapiraquinhas*? Talvez não nos moldes normativos e formais que se exige de uma biblioteca; mas o trabalho de mediação sociocultural que é feito nesses espaços, mesmo que por meio das escolas, torna-se essencial diante de tantas adversidades e precariedades que estes territórios sofrem .

O grupo Tô na Rede – Arapiraca mapeou presencialmente 154 grupos: culturais, coletivos e artistas, entidades de cultura, saúde, escolas, assistenciais, ONGs, entre outros atores sociais que julgaram significativos para o desenvolvimento local e humano suas regiões.



>> IMPRESSÕES DE CAMPO ●●● BELÉM

O mapeamento local, como um difusor de novas experiências de conhecimento a partir da comunidade, foi um ponto alto da formação. Conhecer outros atores sociais que interagem com o território foi uma grande novidade para os grupos. De certa forma, criamos uma amostra de experiências que nos permitiram olhar para vários contextos socioculturais no entorno das bibliotecas públicas das cidades envolvidas no Projeto *Tô na Rede*; em Belém, tal resultado foi particularmente expressivo.

O grupo se engajou interessadamente, tanto na formação teórica quanto nas atividades práticas. Quando começamos a discutir o papel do servidor público, a conversa foi muito qualitativa, pois os funcionários, independentemente da escolaridade, têm uma postura muito ética e de muito comprometimento em suas funções como servidores públicos. Sair do espaço da biblioteca para inserir-se na comunidade de entorno fez com eles tivessem uma interação que estava faltando para lhes dar sentido ao trabalho cotidiano. Foi prazeroso desenhar mapas e descobrir





identidades entre o grupo, que o tempo todo se solidarizou e foi sensível e respeitoso em todos os momentos das entrevistas, principalmente na entidade das mulheres escalpeladas¹. Nesta mediação, todos demonstraram muito respeito pelos funcionários como agentes de transformação.

Desta maneira, em Belém, o melhor narrador para falar sobre a experiência do mapeamento é um dos participantes do grupo, Heriton Wenceslau dos Anjos Santos Mendes, que, a partir da vivência deste módulo, escreveu um artigo com sua orientadora de mestrado na Faculdade de Educação na Universidade Federal do Pará, do qual editamos alguns trechos a seguir, mas que pode ser acessado na íntegra em biblioteca virtual no site: tonarede.org.br

“O curso surpreendeu, pois o mapeamento provou ser muito mais do que cultural, era também social, político e necessariamente humano. Os debates levantados pela professora tinham como alguns dos temas: a valorização cultural; a conscientização cultural, o reconhecimento das diferenças culturais locais, a educação, os costumes, os valores, os hábitos, a violência e o acesso de determinadas comunidades à informação.

Esses debates contribuíram para um repensar de valores, os quais permeavam os sentidos do que era ou não tido como verdade absoluta pela sociedade, pelo governo, pela mídia e pelo mercado. Analisamos o que realmente se desenvolveu ou não socialmente, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico que se apresenta no início do século XXI. Com isso, o processo educacional tornou-se gradativamente mais interessante para o grupo.

[...]

O curso provocou a busca de uma conscientização do papel do cidadão em uma sociedade que convive com grandes diferenças sociais. Segundo Freire (1982, p.81) essa conscientização “é um projeto irrealizável pela direita, que, por natureza, não pode ser utópica. Não há conscientização popular sem uma radical denúncia das estruturas de dominação e sem o anúncio de uma nova realidade.”. Essa busca de consciência proporcionou um maior envolvimento e participação. Passamos e entender que podíamos e devíamos nos mobilizar.

[...]

Essa conscientização nos levou à ação e saímos de nossa região de conforto, da nossa zona de proteção, arregaçamos as mangas e entramos no campo do trabalho. Para Freire (1982, p.68) “...para os seres humanos, como seres da práxis, transformar o mundo, processo em que se transformam também, significa impregná-lo de sua presença criadora, deixando nele as marcas de seu trabalho”.

Isso ocorreu porque nos conscientizamos da existência de outras realidades, que precisam de um olhar capaz de proporcionar uma voz. Precisamos mostrar a cultura rica em saberes e também rica em sofrimento, de um povo que batalha dia e noite para ser reconhecido, para alcançar os seus objetivos, mesmo com todas as suas dificuldades. Reconhecendo, a partir dessas vozes, que as nossas dificuldades são tão pequenas.

Após essa conscientização, passamos para o mapeamento, que não deixa de ser uma pesquisa cultural, social, econômica e política do desenvolvimento das comunidades, dos pontos de cultura, dos pontos de proteção social e dos artistas nelas engajados.

[...]

1 Escalpelamento é o arrancamento brusco e acidental da pele do crânio e da cabeleira humana. O escalpelamento em decorrência de acidentes com motores de barcos é um problema muito recorrente na Região Amazônica, e atinge mulheres que viajam nas “voadoras”, como são chamados os pequenos barcos naquela região. O acidente ocorre quando as vítimas, ao se aproximarem do motor, têm seus cabelos repentinamente puxados; a forte rotação do motor, ao prender os cabelos em torno do eixo, arranca inexoravelmente todo ou parte do escalpo da vítima, inclusive orelhas, sobrancelhas e por vezes uma enorme parte da pele do rosto e do pescoço, levando a deformações graves e até mesmo à morte.





O primeiro dia de mapeamento cultural

Conhecemos no bairro Terra Firme a Casa de Mãe Nalva, as trançadeiras e o grupo Coletivo de Comunicação Popular da Periferia/ Tela Firme.

A Casa de Santo é um espaço de acolhimento e de culto afro-religioso; o seu grupo demonstrou ser muito preocupado com o desenvolvimento de sua comunidade. Os mesmos tentam manter uma biblioteca em um espaço não adequado, e recentemente precisaram suspender as atividades de um telecentro.

Na oportunidade, transmitiram a fortaleza de uma fé, por acreditarem na superação do próximo, pela sua luta pelos direitos da cidadania, pelas suas contribuições voluntárias e comunitárias para com a sua comunidade, demonstrando a importância de ser cidadão.

[...]

Já as trançadeiras participam de ações sociais. Foi fortificante ouvir as suas histórias, pois não trançam somente cabelos, trançam a sua cultura, a sua sobrevivência e a sua educação.

O Grupo Coletivo de Comunicação Popular da Periferia/ Tela Firme, que foi criado em 2014, tem como finalidade transmitir a mobilização dos moradores do bairro da Terra Firme, demonstrando com isso as carências da sua comunidade. A sua maior preocupação é com a área social. Também fazem projeções de filmes no Terreiro de Mãe Nalva. Revelaram a sua tentativa de deixar a sua comunidade mais informada. Segundo Thompson (1995, p.285), "Para a maioria das pessoas, hoje, o conhecimento que nós temos dos fatos que acontecem além do nosso meio social imediato é, em grande parte, derivado de nossa recepção das formas simbólicas mediadas pela mídia."

O grupo faz uso dos seus talentos, somados ao uso dos recursos tecnológicos, para realizarem a divulgação de sua cultura. Esse trabalho tem um fundo libertador, de campanha, para alcançarem a sua hegemonia cultural, desconstruindo a imagem de periferia marginalizada.

[...]

Visitamos a ORVAM – Organização dos Ribeirinhos Vítimas de Acidentes de Motor, que foi fundada em 28 de agosto de 2010 e que contribui no auxílio da recuperação emocional das vítimas de escarpelamento e com uma campanha de divulgação dos riscos do acidente.

[...]

O depoimento da coordenadora deixou a equipe bastante emocionada, pelos trabalhos que a organização desenvolve com as vítimas de escarpelamento no Estado do Pará. As suas atividades abrem uma vertente de discussão que atravessam o campo da psicologia. Um exemplo da importância desse trabalho é que, ao realizarem o acolhimento da vítima, a instituição está contribuindo para evitar as chances de a vítima tentar o suicídio.

O segundo dia de mapeamento cultural

Visitamos no distrito de Icoaraci a Biblioteca Municipal Avertano Rocha e o Bar Coisas de Negro. Na Biblioteca, foram entrevistados os seguintes artistas: Lourival Monteiro Bastos, Luiz Antônio de Albuquerque Lins Filho, Rosemiro Pinheiro Pereira,





Maurício Rocha, Helderson Cruz Silva e Silva das Graças Pena. No Bar Coisas de Negro foi entrevistado o senhor Raimundo Piedade da Silva.

Todos narraram como organizavam os seus trabalhos e qual foi a importância das suas atividades para a comunidade e para a preservação de suas culturas. Demonstraram uma preocupação grande com o lado cultural e social da comunidade.

O terceiro dia de mapeamento cultural

Visitamos a comunidade quilombola de São José. Esta que esteve em dificuldades com relação às suas terras, decorrentes da prática de grilagem, chegando, inclusive, a perder as suas propriedades através da justiça, fato que foi desfeito posteriormente.

Os remanescentes sofreram transformações conceituais aceitáveis e normais no processo de desenvolvimento social do Brasil. Em decorrência disso, o seu povo perdeu as suas origens africanas, não se reconhecendo nem mesmo como quilombolas.

[...]

Os descendentes quilombolas de São José, assim como a maioria das comunidades quilombolas do Brasil, sofreram de crise de identidade, pois muitos dos seus descendentes não se reconheciam como negros e nem quilombolas. Com isso, de forma organizada, iniciaram atualmente um processo de ressignificação de suas identidades. Atualmente o Poder Público reconhece, mais do que nunca, não só os povos quilombolas, mas também os indígenas, que também passaram a ter um olhar diferenciado nas políticas públicas.

[...]

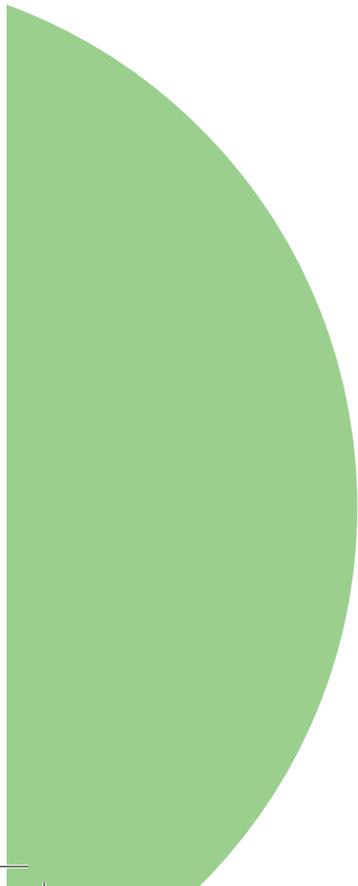
O módulo de mapeamento cultural foi apenas uma prática didática de aprendizagem, não sendo de fato um mapeamento projetado para ser aplicado no Estado do Pará, mas se chegar a ser realizado contribuirá para os efetivos registros das matrizes culturais existentes na Amazônia.

O presente relato demonstra que o Projeto Tô na Rede disponibiliza um olhar sobre uma vivência, contribuindo para compreender os grandes laços culturais da Amazônia; tem como limite o respeito ao homem histórico e cultural, refletindo sempre sobre as formas de presença que o mesmo utiliza em sua comunidade. O mais importante é entender que a sua prática contribuiu para sairmos do campo meramente teórico.

[...]

Esperamos uma mudança de olhar para com as diversidades culturais da Amazônia. A experiência demonstra apenas um dos meios possíveis e tangíveis para conquistarmos o respeito, a valorização e o desenvolvimento harmonioso da Amazônia e dos seus habitantes, quilombolas ou não, índios ou não, brancos ou não. Precisamos respeitar as diferenças culturais, as memórias e os saberes do nosso povo" (MENDES; RODRIGUES, 2015).

O grupo Tô na Rede – Belém mapeou presencialmente 42 grupos: culturais, coletivos e artistas, entidades de cultura, saúde, escola, assistenciais, ONGs, entre outros atores sociais presentes na região.





>> IMPRESSÕES DE CAMPO • • • SÃO PAULO

As escutas qualificadas realizadas com o grupo de São Paulo foram as que menos renderam em termos positivos. Houve muita discussão, mas sempre se conduziam para aspectos negativos, que recaíam sobre as condições do edifício e sua manutenção, dos equipamentos (computadores e outros que eram considerados obsoletos), poucos recursos humanos, poucos recursos materiais, falta de acesso à internet, em virtude das constantes falhas na rede *wi-fi*, ou mesmo da inexistência deste recurso. Houve muitas reclamações por desenvolverem muitas atividades não pertinentes a seus cargos, por falta de funcionários, caracterizando vários casos de desvio de função.

Somente as coordenadoras são bibliotecárias de fato; os demais funcionários, que trabalham nos setores de atendimento, catalogação, organização do acervo, mediação de leitura e programação cultural, são todos assistentes e trabalham há muito tempo nas bibliotecas, como é o caso de alguns que estão prestes a se aposentar do serviço público.

As bibliotecas têm um quadro de funcionários bem reduzido pela demanda que poderia atender. Isto ficou muito claro, quando chegamos a estes equipamentos culturais. Contudo, percebemos em alguns funcionários uma resistência a certos assuntos, principalmente quando perguntados sobre atividades e parcerias. Foram algumas horas de conversa, até começarem a falar de suas atividades fora da biblioteca. O que mostrou-se mais cômodo para eles foi falar somente dos problemas internos, como se estivessem em uma caixa totalmente hermética em relação ao mundo. Muitos relatos de insatisfação com o trabalho, principalmente sobre perante a secretaria de Cultura. Evocavam o tempo todo que *"...para nós só chegavam as ordens, editais e projetos... ninguém perguntava pra gente, a obrigação era cumprir..."*. A autoestima do grupo parece muito baixa diante de sua impossibilidade de resolver ou decidir qualquer coisa sem a aprovação de seus superiores na Secretaria Municipal de Cultura – SMC.

Existem algumas trocas com instituições próximas, como a ONG Arrastão, o Instituto Cuori, a Brechoteca do Binho, o Sarau do Binho. Interlocutores que chegaram com propostas de uso do espaço ou solicitações de mediação de leitura para os alunos destas entidades, parceria que também desenvolvem com a EMEI, situada em frente ao equipamento. Além disso, foram detectados projetos que chegam direto do Sistema Municipal de Bibliotecas, ou da própria secretaria de Cultura; estes projetos têm o objetivo de ampliar o diálogo entre a biblioteca e os artistas e coletivos de arte e cultura da região. Por meio do edital Vento Ventanias, da Secretaria Municipal de Cultura, os coletivos de saraus de literatura desenvolvem trabalhos de formação e mediação de lei-

tura, nos quais produzem materiais de leitura e organizam saraus, que aglutinam muitos moradores locais. Atualmente, nas duas bibliotecas, estão em execução projetos viabilizados por meio de editais públicos, como o Programa Jovens Monitores de Cultura, pelo qual recebem 02 jovens para auxiliarem na programação cultural da biblioteca, além do projeto PIÁ – Programa de Iniciação Artística, voltado para crianças, e o Programa Vocacional, na modalidade de Literatura, todos da SMC.

Não nos aprofundamos na análise sobre a qualidade destas atividades; desta forma, só podemos classificá-las como ações de mediação, que estabelecem a inserção da biblioteca no seu entorno e sua relação com a cidade.

Para tanto, os participantes precisavam perceber-se como os principais interlocutores entre a população e a biblioteca, revelando o potencial deste equipamento de cultura para abrigar a diversidade sociocultural da região, podendo esta ser mediada por diversos meios e atores sociais, na construção de políticas públicas voltadas para estes espaços.

Alguns momentos foram muito ricos, principalmente quando se falou das bibliotecas, do local de moradia de cada um, de como o bairro era e como o bairro é hoje. Questões relacionadas aos movimentos sociais – principalmente os movimentos de moradia e a violência que acompanha seus embates – geraram muitas observações maniqueístas e preconceituosas quanto ao entorno e à comunidade. Esta indisposição parece contribuir para o afastamento do corpo a corpo com a população.

No atual momento, as bibliotecas das periferias de São Paulo vivem um contexto de efervescência cultural, dada a diversidade de atores sociais locais, que cotidianamente pressionam os equipamentos públicos que as abrigam nessas regiões, como os CEUs, Casas de Cultura e outros. Estas bibliotecas contam com editais e alguns programas de mediação e formação artística voltados para programação cultural dos equipamentos onde estão sediadas. Contudo, estes recursos ainda são insuficientes para atender à demanda do público local. Mesmo assim, os funcionários não acreditam que um mapeamento de parcerias possa ser um instrumento de promoção de desenvolvimento local, além de difusor de informação. Como observado nos depoimentos, muitos afirmaram que seria “só mais trabalho” para eles, e outros chegam a dizer que “não precisam de mais trabalho”, embora alguns reconheçam que as parcerias são instrumentos importantes para dar autonomia financeira para a biblioteca trabalhar mais com a vizinhança, ampliar seu público, realizar atividades coletivas.

As ações que as bibliotecas desenvolvem por meio da Secretaria de Cultura são muito importantes. Contudo, isto ainda é insuficiente, diante das crescentes demandas de uma região que se expande rapidamente. Por isto, é fundamental abrir caminhos para ampliar estas ações no território, dar um sentido maior à biblioteca no contexto do meio em que está inserida. Enfim, transformá-la numa biblioteca viva e, de fato, pertencente à comunidade. A mediação com a escola é extremamente importante, mas não pode ser a única.

O grupo Tô na Rede – São Paulo mapeou 02 grupos presencialmente e 54 grupos virtualmente (mapeamento via internet).

DADOS DO MAPEAMENTO TÔ NA REDE

Grupos, entidades, coletivos e equipamentos mapeados

| | |
|------------------|------------|
| Arapiraca | 154 |
| Belém | 42 |
| São Paulo | 54 |
| Total | 250 |

| Assistência Social | Arapiraca | Belém | São Paulo | Total |
|---|------------------|--------------|------------------|--------------|
| Assistência a portadores de deficiência | 3 | 2 | 0 | 5 |
| Assistência Social (comunitária) | 0 | 3 | 2 | 5 |
| Assistência Social (público) | 7 | 0 | 1 | 8 |
| Assistência Social (ONGs) | 12 | 5 | 4 | 21 |
| Assistência Social (religiosa) | 4 | 1 | 1 | 6 |
| Direitos Humanos | 0 | 0 | 1 | 1 |
| Total | 26 | 11 | 9 | 46 |

| Bibliotecas | Arapiraca | Belém | São Paulo | Total |
|--------------------|------------------|--------------|------------------|--------------|
| Privadas | 1 | 0 | 0 | 1 |
| Públicas | 9 | 2 | 2 | 13 |
| Comunitárias | 1 | 0 | 2 | 3 |
| Total | 11 | 2 | 4 | 17 |

| Culturas | Arapiraca | Belém | São Paulo | Total |
|-----------------------------------|------------------|--------------|------------------|--------------|
| Cultura alimentar | 2 | 0 | 0 | 2 |
| Cultura GLBT | 1 | 0 | 0 | 1 |
| Culturas tradicionais / populares | 25 | 6 | 0 | 31 |
| Culturas de matriz africana | 3 | 3 | 1 | 7 |
| Total | 31 | 9 | 1 | 41 |

| Educação | Arapiraca | Belém | São Paulo | Total |
|---------------------------|-----------|----------|-----------|-----------|
| Educação formal (público) | 34 | 0 | 10 | 44 |
| Educação formal (privado) | 1 | 0 | 5 | 6 |
| Educação não formal | 6 | 6 | 2 | 14 |
| Total | 41 | 6 | 17 | 64 |

| Equipamentos de cultura | Arapiraca | Belém | São Paulo | Total |
|-------------------------|-----------|----------|-----------|-----------|
| Público | 2 | 1 | 1 | 4 |
| Privado | 0 | 3 | 3 | 6 |
| Comunitário | 0 | 5 | 8 | 13 |
| Total | 2 | 9 | 12 | 23 |

| Esporte e Lazer | Arapiraca | Belém | São Paulo | Total |
|-----------------|-----------|----------|-----------|----------|
| Público | 0 | 0 | 2 | 2 |
| Comunitário | 2 | 0 | 0 | 2 |
| Total | 2 | 0 | 2 | 4 |

| Governo | Arapiraca | Belém | São Paulo | Total |
|--------------|-----------|----------|-----------|----------|
| Público | 0 | 0 | 1 | 1 |
| Total | 0 | 0 | 1 | 1 |

| Linguagens artísticas | Arapiraca | Belém | São Paulo | Total |
|---|-----------|----------|-----------|-----------|
| Literatura, artes visuais, música, teatro, dança, audiovisual, cinema | 14 | 3 | 6 | 23 |
| Memória | 2 | 0 | 1 | 3 |
| Total | 16 | 3 | 7 | 26 |

| Saúde da mente e do corpo | Arapiraca | Belém | São Paulo | Total |
|---------------------------|-----------|----------|-----------|-----------|
| Público | 15 | 0 | 2 | 17 |
| Privado | 9 | 1 | 0 | 10 |
| Total | 24 | 1 | 2 | 27 |





4





TÔ

NA

REDE





Levar o conhecimento para diferentes regiões do Brasil foi uma oportunidade enriquecedora e única para mim. Cada grupo, com suas particularidades, fez com que o curso fosse moldado para atender às suas expectativas. E me deparei com pessoas que tinham muita vontade de aprender. Com toda certeza, foram grupos muito bons de se trabalhar.

**Alexandre Cavalcanti,
facilitador**



Neste capítulo, queremos enfatizar o processo de formação em grupo, vivenciado pela mediação de ferramentas tecnológicas e de comunicação inseridas no processo de formação do projeto *Tô na Rede*.

Estar na rede significou alcançar uma etapa em que os conteúdos apreendidos nos módulos voltados para os conhecimentos que chamamos de empírico-mobilizadores buscaram dar materialidade às perguntas que a dimensão reflexivo-afetiva trouxe à tona, no decorrer dos processos de formação, tendo claro que cada cidade apresentou um contexto particular. Assim, temos resultados e experiências diferentes em todas as etapas do projeto, e em cada localidade.

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) foram incorporadas ao projeto como ferramentas de ação e de mediação cultural, tanto nas relações internas de trabalho das bibliotecas quanto na relação destas com seus usuários. O objetivo mais concreto e imediato desta proposição foi conectar as bibliotecas virtualmente e territorialmente por meio destas ferramentas, de modo a tornar mais dinâmicos e eficazes os sistemas de bibliotecas já em curso. Um dos benefícios mais evidentes do uso das TICs por estes equipamentos culturais é dar maior visibilidade a seus espaços e às programações promovidas, principalmente nas redes sociais, pois as bibliotecas são *locus* informacionais e comunicacionais extremamente importantes, sobretudo em territórios mais distantes, com pouco acesso a estes recursos e, conseqüentemente, com menos oportunidades de desenvolvimento humano.

Neste sentido, foram pensados quatro módulos voltados ao tema, sendo dois deles relacionados às tecnologias de informação. O primeiro módulo a abordar este assunto (**Bloco II – Tecnologia da Informação e Comunicação – TICs 1**), com um caráter mais técnico e objetivo, dedicou-se aos conceitos básicos, como definir o que é *Tecnologia da Informação e Comunicação* (TIC), a diferenciação de sistemas operacionais, os serviços de internet, como se conectar à rede, o Google e suas funcionalidades, o conceito de nuvem (Cloud), recursos básicos do Pacote Office, *softwares* de editoração de textos e planilhas, utilitários de e-mail e outros.

Uma avaliação geral, tanto por parte da coordenação quanto dos facilitadores e dos alunos, foi de que a abordagem e a carga horária deste módulo foram insuficientes. De fato, isto foi constatado em observação posterior à aplicação deste módulo, já que os funcionários das bibliotecas nas três cidades se mostraram bem pouco familiarizados com as tecnologias de informação e com o próprio manejo de computadores, com exceção dos mais jovens, abaixo dos 35 anos, que já tinham outra relação com a linguagem informacional, principalmente na cidade de Belém.

Nas três cidades encontramos muitos funcionários excluídos digitalmente da rede e dos recursos de informática. Alguns alunos disseram que seu primeiro contato com o computador foi no projeto *Tô na Rede*; mas muitos dos que têm contato diário com o equipamento seguem um roteiro restrito para consulta a livros e não ultrapassam esta barreira. A falta de acesso a esses recursos mostra uma realidade ainda longe da ideal; este foi um primeiro passo, que identificamos como uma alfabetização digital. Mas, ao mesmo tempo, foram ações que abriram novos horizontes e possibilidades para aqueles que estavam fora da cultura digital e totalmente dependentes de uma mídia hegemônica.

- 1 As impressões deste capítulo fazem parte das oficinas ministradas pelos facilitadores nas três cidades e também dos relatórios realizados por eles, referentes a seus respectivos temas.

Bloco II:
Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs I

Bloco VI:
Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs II

Bloco VII:
Educomunicação I
Bloco VII:
Educomunicação II



“Meu primeiro livro não veio de uma estante familiar; em casa não havia muitos livros. Na verdade, praticamente nenhum, tirando um ou outro livro de mecânica do meu pai. Já na minha escola primária podia-se encontrar uma quantidade (um pouco) maior. E foi ali que me apaixonei pela leitura, desde o primeiro livro, “O Menino do Dedo Verde”, de Maurice Druon. Escolhi este livro por ser o maior da pequena biblioteca da escola; queria um desafio e passei por ele. E isto me ajudou a escolher a profissão de jornalista e a me abrir conexões que, até hoje, só um livro é capaz de criar. Escrever é um ato milenar do ser humano, e a biblioteca, talvez, o maior lar da escrita.

Para explicar o que foi a experiência do Tõ Na Rede em três lugares, em áreas tão distintas do Brasil, talvez fosse necessário um livro só para isso. (Bem, acho que é justamente o que estamos fazendo...). A mim coube uma parte que considero evolutiva da manifestação literária, a internet. O conteúdo que antes enchia livros e jornais hoje completa blogs, sites e redes sociais. Claro, ainda temos livros e jornais; mas temos também livros digitais e jornais online. No mundo em que vivemos, não estar na Rede é quase não existir.

Minha tarefa incluiu colocar neste mapa digital os funcionários de bibliotecas públicas de Belém, Arapiraca e São Paulo. A dificuldade variava de pessoas que nunca haviam sequer usado um computador e demonizavam a tecnologia, até quem estava em todas as redes sociais abordadas e contribuía com dicas. Em poucos dias, o resultado era notado, não só no ambiente de trabalho, mas para fora dele. As ferramentas de internet que apresentei procuravam melhorar a convivência na biblioteca e também no cotidiano de seus colaboradores: ter uma rede social para encontrar amigos, criar um perfil para servir de currículo, construir seu primeiro e-mail para facilitar seu acesso a serviços públicos... Minha ideia era transformar essas pessoas, como a biblioteca me transformou. E, felizmente, obtive esse resultado. Em menor ou maior grau, todos passaram a ter mais espaço na internet. Passaram a estar na rede, fazendo jus ao nome do projeto.

Felipe Lavignatti, facilitador





No **Bloco I – Tecnologia da Informação e Comunicação – TICs 2**, o objetivo foi aprofundar a abordagem dos recursos da internet, além de debater criticamente o que se produz na rede e analisar seus impactos locais e virtuais. O percurso começou pelos mapas digitais, já que um mapa digital (www.tonarede.org.br) foi criado a partir desta formação para dar visibilidade ao grupos que foram mapeados pelos funcionários das bibliotecas no decorrer do projeto; ali encontramos os pontos mapeados em cada região e as respectivas cidades georreferenciadas ao mapa do Brasil.

Muitos funcionários eram resistentes a este módulo apenas pelo fato de seu nome fazer referência à tecnologia, principalmente os mais velhos; mas, durante o processo de formação, e com a alternância dos módulos, muitas questões foram se esclarecendo, e a necessidade de ferramentas mais eficientes começou a fazer sentido no cotidiano das bibliotecas. Abrir uma página no Facebook ou qualquer outra rede social pode parecer banal; mas quando isto acontece, e os funcionários e usuários encontram uma página da biblioteca com suas atividades, seus vídeos, suas fotos, muda a sua referência. Estes recursos dão outra dimensão ao trabalho realizado pela biblioteca, despertando o interesse e o gosto do público por conhecer o espaço e o surgimento de propostas de ação pelos grupos locais. Enfim, os meios comunicacionais geram redes, que geram novos vínculos e parcerias, sendo esta a ideia central do projeto: potencializar ao máximo as ações que contribuam para a mediação das bibliotecas entre outras redes e públicos.

Nesta oficina mostramos o funcionamento das principais redes sociais, além de outras menos conhecidas, mas que podem ser úteis para determinados tipos de trabalho. Mostramos a importância de estar presente nesses meios para aumentar a visibilidade na internet de modo a favorecer a circulação e o intercâmbio de informações, de projetos e processos criativos e aumentar o acesso a diferentes fontes de conhecimento. Além disso buscamos uma abordagem consciente sobre os procedimentos corretos na postagem de conteúdos, inclusive para evitar problemas legais referentes a direitos autorais.





“Ministrar uma oficina de Educomunicação, em parceria com a educadora Ísis de Palma e com uma equipe preparada como a do Tô na Rede, foi uma experiência inesquecível. Primeiro, porque a proposta, em si, é desafiadora e muito complexa. Segundo, porque frequentei assiduamente uma biblioteca infantil, dos 6 aos 12 anos, experiência que fundamentou muitas das minhas escolhas ao longo da vida. Minha retribuição pessoal com as bibliotecas e minha contribuição profissional ao projeto Tô na Rede como comunicadora foi ajudar a construir a metodologia, organizando as idéias possíveis, propondo momentos de teoria e de prática durante a oficina, tendo como elementos a informação, o audiovisual, a cidadania e a rede de internet.

Despertar nos grupos a leitura crítica dos jornais para que se articulem sobre “que informação estão consumindo, e através de quais veículos” era um dos objetivos. O outro era ver como reagiam diante do desafio de criar um conteúdo próprio: realizar em três dias um vídeo – em grupo – e inseri-lo na rede para divulgar a biblioteca. Todas as experiências resultantes foram ricas e emocionantes.

Em Arapiraca, os alunos mergulharam na construção da ideia e dos personagens. Até criaram para as mãos adereços que sugeriam o “despertar da consciência” dos usuários que escolhiam a biblioteca apenas para “passar o tempo”. Em Belém, o esforço do grupo foi mostrar que havia vida pulsando em cada departamento de atendimento ao público na biblioteca. Saímos energizadas da experiência. Em Campo Limpo, a experiência deixou claro que a vida está lá fora, no entorno da biblioteca, nas iniciativas culturais de sua área de influência. Também ficou claro que ali a comunidade reconhece e necessita de uma biblioteca aberta e viva.”

Lia Capovilla, facilitadora



O Bloco VI – Educomunicação 1 foi um módulo de formação, voltado para a educomunicação, que envolveu não apenas os funcionários, mas também muitos jovens das comunidades de inserção das bibliotecas participantes do projeto *Tô na Rede*. Os jovens foram selecionados de formas diferenciadas em cada cidade. Em Arapiraca (AL) estabelecemos uma parceria com a Secretaria de Assistência Social, por meio do Programa Nacional ProJovem, de apoio à formação de jovens das famílias com baixa renda. Esta nova parceria foi muito importante para o projeto, ao proporcionar a inclusão de 25 jovens em busca deste tipo de formação, e por ter ampliado a diversidade de atores no processo. Em Belém e Arapiraca, os funcionários fizeram uma convocatória aos parceiros mapeados no projeto. Em São Paulo, os funcionários divulgaram a proposta ao público frequentador da biblioteca.

A formação foi dinâmica, com muitos exercícios práticos, porém sempre ancorados em reflexões críticas sobre os meios de comunicação. Assim, os diálogos partiram das seguintes perguntas:

>> **Você ‘Tá na Rede’?**

>> **Em que ponto da Rede você se encontra?**

>> **O que rolou nessa Rede até agora?**

Para responder às indagações, o grupo, nesta etapa mais expandido, pôde caminhar por diversas discussões conceituais sobre o papel da educomunicação, tanto em seus processos educacionais como culturais. Os participantes questionaram se os meios digitais contribuem para ampliar nosso conhecimento, e também como transformar *informação* em *conhecimento*. Estas reflexões e discussões foram importantes para legitimar a biblioteca como um espaço em que se integram processualmente a comunicação, a informação e a cultura.

O caminho escolhido para abordar estas pautas com os grupos foi trabalhar de forma coletiva, com a proposta de construir o roteiro de uma campanha para melhorar a visibilidade das bibliotecas nas redes sociais, particularmente no Youtube. Para tanto, os alunos realizaram exercícios práticos de utilização de equipamentos e dos processos de gravação, edição, publicação, compartilhamento e divulgação do vídeo nas redes (estes vídeos podem ser acessados em www.tonarede.org.br).

O Bloco VI – Educomunicação 2 foi um módulo voltado para aplicar na prática o que se aprendeu no decorrer da formação. Desta maneira, o método escolhido para avaliar como os participantes absorveram os conteúdos e as vivências utilizou dois instrumentos que julgamos muito eficientes para demonstrar como cada grupo foi afetado pela experiência.

No primeiro destes instrumentos, trabalhamos com a construção de um calendário anual (de agosto de 2015 a agosto de 2016), usando como ponto de partida as atividades já programadas nas bibliotecas nesse período, e dividimos os grupos de trabalho segundo as equipes de cada biblioteca. Incluímos como referência datas comemorativas nacionais e internacionais, como temas a serem trabalhados por meio de atividades de formação, práticas artísticas, mediação de leitura, dentre outras propostas.

O outro instrumento que utilizamos foi uma atividade de acolhimento nas bibliotecas para lançar este calendário anual de atividades e celebrar a entrega de certificados aos participantes do projeto *Tô na Rede*. Os grupos organizaram um café da manhã, que recepcionou os parceiros já conhecidos e outros parceiros que as bibliotecas haviam mapeado no projeto e com os quais, de alguma forma, gostariam de estabelecer parcerias futuras, com o intuito de ampliar as possibilidades de articulação e de intervenção no território de seu entorno. Ou seja, parceria no sentido amplo da coletividade, para fortalecer um trabalho que só pode ser consolidado pela participação de diversos atores sociais.





Esta proposta aconteceu de forma diferente em cada cidade, já que a curadoria e a execução de todas as atividades foram realizadas de modo independente pelos grupos locais. Em Arapiraca e Belém, o café da manhã teve como característica valorizar as culturas da região e seus fazedores e mestres culturais, sendo que em Belém foi organizada também uma feira para apresentar os trabalhos dos parceiros mapeados. Em São Paulo, o grupo organizou um café da manhã com alimentos produzidos por um ponto de cultura que tem como pauta a cultura alimentar saudável, além de um cortejo com o Grupo Candearte, que é o grupo de cultura popular mais antigo da região do Campo Limpo; e também foram apresentados os projetos de mediação de leitura com as escolas vizinhas.

Todas estas experiências foram muito gratificantes, pois os participantes do projeto *Tô na Rede* realizaram atividades de acolhimento *de fato*, e anunciaram sua intenção de oferecer ao público uma nova biblioteca, apesar dos entraves e das adversidades em que estão envolvidos cotidianamente.

Na ocasião do café da manhã foram entregues os certificados de conclusão da etapa de formação do projeto *Tô na Rede*. Também foram entregues às bibliotecas instrumentos para a implantação de rede *wi-fi* nas bibliotecas, como roteadores, e outros equipamentos de informática. O projeto *Tô na Rede* obteve licenças gratuitas do *software* Alexandria¹ e a capacitação dos funcionários para operar estes equipamentos nas bibliotecas de Arapiraca.

>> ALGUMAS PERCEPÇÕES COMPARTILHADAS

●●● ARAPIRACA

No módulo de tecnologias da informação e comunicação, foi bastante satisfatório ver que para boa parte dos participantes os conteúdos e as vivências dos mapeamentos fizeram sentido e vêm transformando a condução de seu trabalho. Alguns depoimentos foram muito marcantes e significativos, como os de Delma e Ivone, ao trazer questões que apontaram possibilidades promissoras de atuação com a comunidade e trouxeram reflexões bastante oportunas sobre as realidades locais, quase sempre marcadas pela ausência de políticas públicas de atendimento às suas demandas em diversos níveis. Várias questões presentes nestas localidades propiciam ações de mediação com a população local, como a violência ligada ao consumo de drogas, o reconhecimento da diversidade cultural e a valorização das expressões dessas culturas, e mesmo os preconceitos que decorrem dessa própria diversidade cultural, dentre outras pautas que requerem atenção.

Foi muito gratificante para a equipe de facilitadores verificar quanto o aprendizado construído nesta formação contribuiu para mudanças no ponto de vista de muitos participantes acerca de seu papel social e do alcance que seu trabalho cotidiano nas bibliotecas pode ter junto às comunidades. Alguns gestores do grupo – Sandeval, Delma, Lorraine, Rosana, Maria Cristina (Tininha), Vania Maria e Ivone –, mesmo depois de concluída a formação, se organizaram e deram continuidade ao processo de mapeamento. Eles priorizaram, em grande medida, atores sociais do Bairro de Canafístula, conhecido como celeiro cultural da cidade; e, segundo eles mesmos relataram, tendo o mapa como ferramenta foi muito mais fácil colher e organizar as informações.

O módulo sobre tecnologias, ministrado pelo facilitador Felipe, foi muito importante para ressaltar e dar sentido concreto à coleta de informações que os participantes realizaram nas entrevistas. Foi o momento de visualizar um dos resultados do processo de mapeamentos locais – neste caso, colocar no mapa da cidade e dar visibilidade a práticas muitas vezes imperceptíveis aos olhos da gestão pública e de outros atores sociais.

1 O que é: O sistema ALEXANDRIA ON LINE é um moderno gerenciador de bibliotecas que reúne as mais novas tecnologias da informática e da biblioteconomia, integrando e automatizando todas as funções da biblioteca: aquisição, catalogação, importação de registros, circulação, pesquisa, controle de periódicos, relatórios estatísticos e de controle, gerenciamento, emissão de etiquetas e código de barras. Todas estas funções foram desenvolvidas de acordo com as regras e padrões da biblioteconomia. As telas são amigáveis, interativas e autoexplicativas. Possui ainda documentação detalhada que facilita o uso do sistema. www.alexandria.com.br/





Contudo, vale salientar que os recursos tecnológicos encantam – pois, como mágica, estes atores sociais emergem no mapa –, mas ao mesmo tempo distancia alguns gestores menos familiarizados com este campo, que resistem à tecnologia e ao computador. Embora compreendam que as TICs são ferramentas indispensáveis nos dias de hoje, e que, se bem mediadas, podem ser transformadoras, eles não se aplicaram como poderiam; e não por resistência cultural, mas sim por haver um grande número de analfabetos digitais no grupo. Talvez tenha faltado um processo preliminar para nivelar estes conhecimentos. Muitos funcionários nunca haviam tido nenhuma proximidade com computadores – em torno de 30% pelo menos. Mesmo dentre aqueles com algum conhecimento destes equipamentos, vários não tinham e-mail e nem usavam as redes sociais. Na média, os funcionários têm e-mail, participam de redes sociais, mas não têm o hábito de usar a internet e as ferramentas de editoração de texto, de planilhas e de apresentações do tipo *Power Point*.



●●● BELÉM

Os funcionários da cidade de Belém mostraram maiores habilidades com o campo informacional e se dedicaram bastante à interação com os meios de comunicação e à educação. Como nas outras cidades, os jovens trouxeram grandes benefícios para os grupos; no caso de Belém, especificamente, houve um processo interessante de troca intergeracional, que se deu de forma bastante generosa por parte dos mais jovens. Outro ponto observado foi que, como nas outras cidades, o contato com as informações sobre redes sociais, blogs, instagram e outras ferramentas provocou o entusiasmo não só por dar





visibilidade às ações das bibliotecas, mas também despertou um interesse pessoal de ter um perfil, construir um blog, interagir pelas redes sociais com amigos e familiares. O grupo de Belém tem feito bom uso das ferramentas de informação e comunicação, trabalhando em campanhas que surgiram a partir de demandas detectadas no mapeamento local. Isto demonstra que as ferramentas trouxeram a eles um meio de dar visibilidade às novas ações que a biblioteca está desenvolvendo, a partir de um novo olhar que vem se construindo na instituição sobre sua relação com o público.



••• SÃO PAULO

No caso de São Paulo, existe um telecentro instalado dentro da biblioteca, e que foi reaberto com a chegada do projeto Tô na Rede, cuja equipe articulou os gestores das secretarias municipais de Cultura e de Inclusão Digital para que este equipamento voltasse a funcionar no espaço. Contudo, somente um jovem estagiário, William, sabe operar as máquinas do telecentro e consegue dar atendimento ao público, o que acaba sobrecarregando seu turno de 6 horas. Fora do horário do seu turno, o telecentro fica muitas vezes fechado. A biblioteca não possui rede *wi-fi*, assim como a Biblioteca Marcos Rey, que nem tem um telecentro.

Desta maneira, é preciso que os equipamentos e os meios de acessar a internet estejam de fato disponíveis aos usuários da biblioteca. Contudo, o projeto buscou ao máximo mostrar que é possível trabalhar com os recursos disponíveis em cada local, enfrentando adversidades e confiando nas possibilidades que as parcerias podem gerar. Por fim, ainda é preciso olhar com atenção para o caso do analfabetismo digital em que o grupo se encontrava antes do projeto. Portanto, este passo que foi dado precisa evoluir e ser monitorado, ampliado, revisto e reaplicado, uma vez que a formação é um movimento contínuo.





“Minha formação é na área de educação para os meios de comunicação, e chegar a esta escolha passou por muitos caminhos.

A minha primeira escolha foi a Comunicação. Logo a seguir, vieram outras perguntas: o que comunicar, para quem e, principalmente, por quê?

A resposta clara veio em forma de um caminho para existir no mundo, para registrar a realidade e comunicar aos mais próximos, ao local e ao global. Mas o desejo sempre presente de incluir os que não têm acesso logo se apresentou. Construir uma comunicação para os que não têm acesso a ela, sempre alerta para a qualidade da informação e em como transformar informação em conhecimento. Estas bases estiveram presentes nessa caminhada.

Queria formar jovens comunicadores, críticos e atuantes no processo de produzir informação, e não apenas consumir ou reproduzir informação. Esta é uma das bases da Educomunicação. Naquele momento, junto com minha parceira Lia Capovilla, da área de cinema e vídeo, estávamos em plena ebulição, criando a nova instituição Núcleo de Mídias Artes e Tecnologias, em Paraty, e a certeza da escolha da educomunicação e da corresponsabilidade se consolidou para nós. As condições favoráveis, oportunidades e sincronidades se juntaram com a proposta do Tô na Rede, do IPR, que estava nascendo com grande esforço, somado à inteligência coletiva de uma equipe competente, visionária e guerreira.



Propusemos então ao IPR a inclusão dos jovens das comunidades na formação em Educomunicação, junto com os bibliotecários, para que se tornassem os divulgadores das atividades das bibliotecas.

E assim aconteceu, com grande empenho: nada foi fácil, e a proposta virou ação, com conteúdo e forma. Em alguns lugares, como Belém e Arapiraca, com grande participação e, por muitos motivos, uma participação menor em São Paulo, mas tudo aconteceu.

Como membros de uma sociedade de aprendizagem, onde uns aprendem com os outros, em cada oficina aprendemos com os participantes. Apenas um exemplo: em Belém, aprendemos, na prática, como fazer vídeos inclusivos para deficientes auditivos, com janela em linguagem de libras, e para deficientes visuais, com áudio-descrição.

Ver produtos prontos, feitos pelos participantes de cada uma das três localidades, metodologia experimentada e vídeos publicados na rede, nos fez acreditar na proposta e ser mais felizes. Assim, gritamos, como nos vídeos realizados com as equipes das bibliotecas, profissionais e jovens das comunidades: Tô na Rede!”

Ísis de Palma, facilitadora



5





CONHECIMENTO

**DE
SI**

**DO
OUTRO**

**E DA
BIBLIOTECA**





TROCAS EM MOVIMENTO

O que fixamos de uma experiência de formação que revira conceitos, questiona certezas, chama a atenção às intolerâncias, provoca os poderes das cartografias socioculturais, aponta para uma comunicação crítica e coerente, interroga sobre os valores, abre um horizonte inesgotável de reflexões sobre o individual e o coletivo, em um mundo em franco processo de mudança de paradigmas civilizatórios, comunicacionais e informacionais?

Em cada fase da formação buscou-se alcançar o objetivo principal do projeto, que foi o de impactar a relação entre a comunidade e a biblioteca, por meio de mudanças promovidas pela integração tecnológica e novas relações com os territórios. Este impacto pode ser verificado em vários dados e depoimentos coletados ao longo do projeto, e que nos permitem verificar o que ficou sedimentado neste processo e o que ainda precisa ser trabalhado.

No intuito de comparar as impressões e conhecimentos que foram produzidos ao longo do projeto, foi aplicado um questionário na etapa inicial, em cada cidade, com um total 113 respondentes (33 em Arapiraca, 64 em Belém e 16 em São Paulo). Ao final do processo de formação, o questionário foi reaplicado, tendo 42 respondentes desta vez (13 em Arapiraca, 22 em Belém e 7 em São Paulo). Contudo, para abordar os aspectos qualitativos de forma mais ampla, também solicitamos aos participantes que gravassem seus depoimentos em suportes de áudio ou vídeo, relatando suas impressões com relação ao processo de formação promovido pelo *Tô na Rede*. A amostra é constituída por 34 depoimentos (06 em Arapiraca, 17 em Belém e 11 em São Paulo), que trazem um olhar multifacetado de vários aspectos do projeto.

Começamos analisando o modo como os participantes vêem sua própria atividade profissional. A visão sobre o desenvolvimento profissional foi abordada no questionário a partir dos quesitos: *saber a opinião da população sobre os serviços prestados; diálogo no ambiente de trabalho; e ter um bom ambiente de trabalho*, que se mostravam, no início do projeto, como questões a serem tratadas, e hoje aparecem com menor destaque. Isto, provavelmente, se deve ao fato de essas questões terem sido amplamente trabalhadas no decorrer do projeto. Ainda que essas questões não tenham sido totalmente sanadas, compreende-se aqui uma evolução da perspectiva dos funcionários sobre o que é importante para o desenvolvimento profissional de cada um e da biblioteca em sua totalidade. E também dos pontos que devem ser ainda melhor trabalhados, pois, ou não apresentam mudança, ou simplesmente não são mesmo vistos como importantes para o desenvolvimento profissional. Para alguns participantes, o projeto teve influência direta em seu trabalho:

(...) eu comecei aqui na biblioteca pública Pedro de França Reis como segurança. E devido à qualificação, e ao meu potencial desenvolvido cada vez mais junto com vocês, graças a Deus hoje eu passei de segurança para coordenador de manutenção e conservação do prédio, como assistente administrativo. (SENDEVAL CATONHO – ARAPIRACA)





Além disso, é possível notar uma mudança de atitude em relação aos demais participantes, desde o compromisso com a participação no projeto até a própria atividade na biblioteca:

A primeira mudança (...) foi o engajamento da equipe. Porque, muitas vezes, o servidor fica preso à sua sala e à sua seção, fazendo apenas o seu trabalho de rotina. Então, o “Tô na Rede” serviu, realmente, para que ele pudesse sair da sua sala e se agregar a outras ações. (...) abriu a nossa mente, abriu a mente do servidor para essa questão: ele não tem que só fazer o seu trabalho, ele pode fazer um trabalho em conjunto com as outras seções e, especialmente, levar em consideração a comunidade toda. Trabalhar em prol da comunidade, acho que esse é o grande ponto. (SEMIAS ARAÚJO – BELÉM)

Aqui, nota-se uma reflexão sobre o trabalho em biblioteca: a ideia de trabalhar em conjunto, que pode parecer óbvia, a princípio, mas que nem sempre é aplicada. Quando o funcionário relata a mudança na mente do gestor, destaca como essa mentalidade de isolamento pode levar à estagnação, algo que também foi apontado por Marlúcia e por Wilma Nóbrega:

(...) um projeto que deixou a biblioteca mais viva, ainda mais para os funcionários que estavam parados num canto, esperando uma ajuda... O “Tô na Rede” mudou a cabeça de muitos dos meus colegas (...) (MARLÚCIA – BELÉM)

(...) um novo olhar sobre nossa atuação enquanto profissionais da In(formação). Onde estava a comunidade? Vimos atentos às suas demandas? Seus encantos e saberes foram convidados para dentro de nossas bibliotecas? Somos 11 unidades com suas equipes participando das formações; portanto, temos que focar no principal objetivo de todo esse esforço. Seja Arapiraquinha, seja Biblioteca Central, seja a Indústria do Conhecimento, já entendemos que nossas bibliotecas precisam estar ABERTAS e nós, mais ABERTOS ainda, ao novo, às demandas de todos os gêneros e idades. (...) (WILMA NÓBREGA – BELÉM)

Esta mudança, que deixa a biblioteca mais viva, faz com que ela se movimente de fato, ajuda a integrar o que não estava integrado e amplia a rede de trabalho, dentro e fora de seus espaços:

(...) para mim o projeto é um facilitador da comunicação nas nossas atividades e no que a gente tem a oferecer ao público. Eu acho que houve um envolvimento maior de todos os funcionários e servidores da biblioteca – e até dos demais setores – no desenvolvimento dessa comunicação, nessa aproximação que houve com o nosso entorno, com a comunidade e com o nosso público: o interesse de buscar informações, saber o que eles necessitam e o que temos a oferecer, e vice-versa. (PATRÍCIA – BELÉM)

Dessa forma, não só o acesso do público externo à informação é favorecido, mas também o acesso à informação pelo público interno é facilitado. Quando se estabelece um simples diálogo, os próprios problemas inerentes à dinâmica do trabalho podem ser solucionados, dentro de uma biblioteca viva de fato:





(...) Nós fizemos um levantamento dos problemas que temos aqui, das dificuldades que enfrentamos em cada setor da Fundação. E a gente acabou vendo que existem algumas soluções que são simples, e que estariam ao nosso alcance para resolver determinados problemas. (DAYANE – BELÉM)

Ao avaliar o que seria mais importante para a melhoria do atendimento ao usuário da biblioteca, alguns pontos foram levantados. Pelas respostas do questionário, passou-se a dar mais valor para questões como **entender a população enquanto protagonista nas ações desenvolvidas**, a importância de realizar **pesquisa de opinião junto à população atendida** e o **estabelecimento da rede de profissionais de bibliotecas públicas** todas se apresentavam, num primeiro momento, como menos emergentes e importantes do que na segunda aplicação do questionário, ao final do projeto. Por outro lado, os quesitos **ter autonomia de ação**, **ter maior decisão sobre o processo de trabalho e aumento do quadro de pessoal** refletem questões que envolvem diretamente as relações de trabalho dentro das instituições, e são, portanto, mais profundas e de outro âmbito, uma vez que dizem respeito à estrutura trabalhista de cada instituição.

Outro ponto trabalhado pelo projeto trata dos talentos individuais presentes na biblioteca. Esta é uma questão interessante de se avaliar, pois, através das respostas dadas, foi possível traçar uma categorização da compreensão dos participantes sobre o tema. Nota-se que, a princípio, não foi fácil para os participantes do projeto enxergarem em si mesmos algum *talento*. Em muitos casos, o conceito de talento se resumia a alguma qualidade pessoal, ou uma habilidade nata, uma espécie de “dom”. Outros associavam o bom desempenho no exercício de suas funções profissionais com o talento.

Com as atividades relacionadas ao módulo *Reconhecimento de Talentos* foi possível perceber que esta compreensão começa a mudar. Muitas pessoas que não cogitavam ter qualquer habilidade especial mudaram de opinião e passaram a buscar em si o que poderia ser um talento pessoal. Dayane, da Biblioteca Arthur Vianna, e Paula, da Biblioteca Helena Silveira, destacaram a importância desse módulo:

Isso mostra os talentos que nós temos, e que muitas vezes a gente só mostra para a nossa família. É legal poder mostrar os nossos talentos, que às vezes estão escondidos, para a gente somar com as atividades que são realizadas na nossa profissão e no ambiente de trabalho. (DAYANE – BELÉM)

(...) No módulo “Descobrimo Talentos”, por exemplo, mesmo aqueles funcionários mais tímidos conseguiram se expressar, e a gente conseguiu identificar muitas coisas que não conhecia, reconhecer algum talento, alguma coisa que a pessoa gosta de fazer, mesmo fora da biblioteca... Estas descobertas ajudaram a gente a se conhecer melhor (...) Nós conseguimos um tempo que a gente não tem no dia a dia, por conta da correria e da demanda que temos que atender (...) (PAULA – SÃO PAULO)

Outro participante destacou o descobrimento dos companheiros de trabalho e a chance de ser também descoberto por eles:

(...) naquele negócio que teve de reconhecer talentos, eu toquei violão, a Paula lutou comigo e com o Luciano... Então isso simpatizou muito a gente, um com o outro. (...) (WILLIAM – SÃO PAULO)





Esta compreensão se mostra ainda mais ampla, quando se passa a considerar os talentos da própria comunidade:

(...) eu descobri que tem muitos talentos e culturas no meu bairro. (...) (MARIA DE FÁTIMA BARBOSA – ARAPIRACA)

Estes três depoimentos ajudam a ilustrar o ganho efetivo dessa atividade para a melhoria das relações de trabalho, tanto com o público interno quanto com o público externo da biblioteca. A atividade pede abertura e exposição dos participantes, e esta exposição torna as pessoas mais acessíveis, mais humanas aos olhos do outro. As relações no ambiente de trabalho passam a ser mais empáticas.

Estas relações no trabalho também foram trabalhadas em outros blocos, como no módulo **Conhecimento de si, do outro e da biblioteca**, no qual é notável, nos relatos, quanto as atividades e a metodologia aplicada contribuíram para uma nova percepção nesse campo. William relata que *“...entre as outras cooperações que teve (sic), tipo a da corrente – um ficar segurando a mão do outro e arranjar uma maneira de pensar, matutar... Nossa, deu muito aquele negócio de ver a reação um do outro, eu vi o olhar...”*.

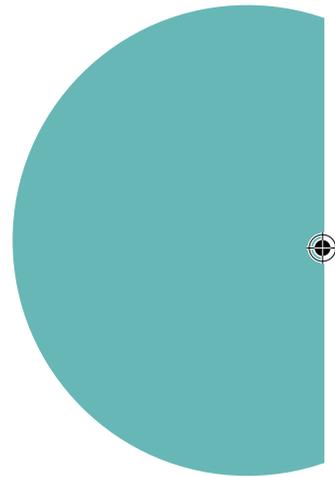
(...) muitos mitos foram destruídos. Muitas dificuldades que eu tinha de me relacionar comigo mesma e com o outro, o “Tô na Rede” me fez realmente desbravar, botar para fora aquilo que estava guardado, armazenado dentro de mim. Com tudo isso, o “Tô na Rede” enriqueceu não só a mim, mas a todas as pessoas que fizeram parte dele, e a nossa cidade também. (RITA DE CÁSSIA CARVALHO LIMA – ARAPIRACA)

A fala de Rita reflete como trabalhar com o indivíduo em suas questões pessoais, interpessoais, seu modo de ver as coisas, seus sentimentos, o ajuda a sair de si, do seu espaço, para buscar outros espaços e outros indivíduos que ocupem também o seu espaço. Entender este pertencimento a uma comunidade – o que foi tocado no módulo de Ética e Cidadania –, reforçou essa busca por conquistas, que são também conquistas das comunidades em que estas bibliotecas se situam:

(...) eu não esqueço da frase que era dita constantemente nesse módulo: “Cuidado com o que você almeja, porque você pode acabar alcançando”. O que é Ética, e o que é Cidadania? (...) Nós existimos, este prédio existe, esta Fundação existe para que nós possamos atender à comunidade de fato. É para eles. (DAYANE – BELÉM)

O alcance e a preocupação com a comunidade de entorno das bibliotecas foi realmente o ponto que mais parece ter impactado seu cotidiano. O usuário é a questão central na visão dos participantes do projeto:

(...) ter sensibilidade para você identificar as necessidades informacionais dos nossos usuários. Isso é muito importante porque nós trabalhamos em função deles. (...) Mais do que nunca a gente tem que enxergar mais as pessoas, os usuários... Então, o “Tô na Rede” nos aproximou mais. E mudou muitas coisas na minha vida. (SUZANA TOTA – BELÉM)





O Tô na Rede é um curso que veio (...) alavancar a participação do usuário na biblioteca. Ele veio para nos ensinar, nos proporcionar a forma de como trazer o nosso usuário de volta, levando em consideração as mudanças realizadas nesse período. (...) estamos aprendendo como buscar o nosso público, trazer o nosso associado para dentro da biblioteca. E, ao mesmo tempo, aprendendo a levar a biblioteca para as comunidades. (DAILTON – BELÉM)

O que se pode notar até aqui é que os participantes parecem realmente ter entendido que objetivo do projeto é trazer o usuário para a biblioteca; mas também consta da proposta o uso da tecnologia como forma de mediar tal tarefa. No entanto, mesmo esta ideia precisou de convencimento para que fosse assimilada:

(...) Eu comecei a entender melhor esta área de bibliotecas, a questão da tecnologia... Às vezes a gente pensa que a tecnologia, de alguma forma, afasta o leitor do livro; e, no entanto, ela pode até aproximar, dependendo das metodologias utilizadas pelo profissional. Então, o projeto nos trouxe também esta capacidade da gente se adaptar às mudanças. (...) Tivemos uma consciência maior do verdadeiro papel da biblioteca na sociedade. (SUZANA TOTA – BELÉM)

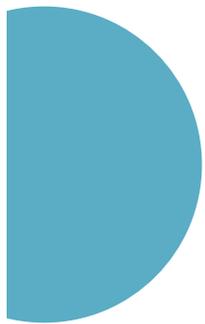
O método usado para esta mediação é o assunto da próxima questão analisada. A partir da primeira aplicação do questionário, é evidente uma mudança qualitativa nas impressões dos participantes no que tange à integração das tecnologias de informação e comunicação no atendimento a usuários das bibliotecas, em atividades culturais e no cotidiano de trabalho dos funcionários participantes.

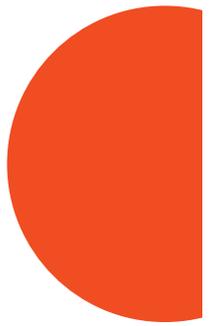
O ponto mais importante foi uma considerável redução nas respostas que usam apenas adjetivos, positivos ou não, ao se referir à integração de tecnologias. Tanto no quesito *atendimento ao usuário* quanto em *atividades culturais*, esse tipo de resposta já não aparece em maioria, como na primeira aplicação do questionário. Ao contrário, torna-se notável a crescente preocupação com o usuário e a constatação de como a integração de tecnologias no atendimento o beneficia diretamente, trazendo maior agilidade e facilitando a recuperação de informações pela pesquisa. Um dos respondentes aponta a implantação do infocentro como um exemplo dessa integração que atrai mais usuários:

Com a chegada do Infocentro na biblioteca, os nosso sócios começaram a retornar (...) fazer pesquisas nos livros, mas também procuram a Internet para resolver outros assuntos, como retirar um boleto bancário, procurar informações sobre concursos públicos, pesquisar no Facebook... (RITA DE CÁSSIA FERREIRA GUIMARÃES – BELÉM)

Em *Atividades Culturais*, fica amplamente claro que os participantes compreendem muito mais a funcionalidade na divulgação e na comunicação, proporcionada por esta integração. Mais da metade dos respondentes aponta a divulgação e o uso de mídias sociais como uma forte ferramenta de alcance para as atividades promovidas pela biblioteca e pela comunidade que a cerca:

(...) divulgar as atividades, cursos, oficinas, palestras e outras, podendo filmar, fotografar e postar nas redes sociais. (NAZARÉ JACKSON, BELÉM)





Outras falas denotam a compreensão da TIC também em seu caráter integrador, ao fornecer acesso a outras culturas, em suas diferentes expressões, o que favorece o intercâmbio entre as culturas locais e globais:

A tecnologia tem um papel fundamental nas atividades culturais, pois permite a troca de experiências e a construção de saberes que podem ser ministrados à distância. (VALÉRIA MARIA NÓBREGA LIMA, ARAPIRACA)

No entanto, ao tratar das atividades cotidianas, as respostas sintetizadas em adjetivos, sem argumentação, aparecem com frequência. Mas, em geral, pode-se considerar que a maioria identifica e entende a importância da tecnologia em suas atividades profissionais. Aqui, nota-se a influência da integração de diversas formas, o que pode ser compreendido devido à variedade de funções e tarefas realizadas pelos respondentes. A agilidade é um termo recorrente nas respostas dos participantes, como destacado abaixo:

Possibilita agilizar as inúmeras atividades desenvolvidas diariamente, colocando de maneira mais eficaz o serviço à disposição da comunidade pesquisadora. (CARMELINDA DO SOCORRO BARBOSA DA CRUZ, BELÉM)

Também se destaca aqui a importância dessa integração, para a comunidade, na busca por conhecimento, por meio de pesquisas, ou no simples acesso ao computador e à internet para comunicação interpessoal – como no uso de e-mail ou de redes sociais.

A agilidade e a capacidade de divulgação, destacados pelo uso das TICs, ajuda a biblioteca a ramificar sua atividade. Pode-se estabelecer comunicação de maneira mais fácil com entidades, grupos e pessoas da região – ou de qualquer lugar. Se a biblioteca tem essas ferramentas, pode ajudar no estabelecimento de parcerias, promovendo assim a própria biblioteca com um parceiro concreto. Estas parcerias foram abordadas no módulo de mapeamentos:

Nós tivemos módulo do Mapeamento, que foi fantástico. Saímos do prédio da biblioteca e visitamos algumas instituições e entidades. Então a gente pôde entender e sentir na pele os problemas que as pessoas enfrentam na comunidade, saber como elas enxergam a biblioteca..., Isto é fundamental para o nosso trabalho, para sabermos de que forma a gente vai ao encontro da comunidade, como envolver essas pessoas verdadeiramente nas atividades, para que a biblioteca possa realizar a sua verdadeira missão, que é, de fato, atender às comunidades. Para a gente, esse contato foi muito importante, e foi extremamente emocionante identificar, sentir o problema de cada um, de cada entidade... Ver que, apesar das dificuldades que cada comunidade tem, o pessoal não desiste, e continua fazendo o trabalho com muito amor e carinho, atendendo à população... Isto foi uma lição pra gente. (DAYANE – BELÉM)

Dayane nos oferece um depoimento comovente sobre a importância da atividade do mapeamento para a biblioteca. Destaca com precisão a razão fundamental de se buscar esses parceiros e identificar suas dificuldades: atender às comunidades, no que for preciso e no que a biblioteca puder fazer. Ainda que os recursos da biblioteca sejam escassos, certamente os da comunidade que a cerca são muito mais restritos.





TONA
REDE



UMA NOVA VISÃO DE BIBLIOTECA

O projeto se inicia propondo uma nova forma de se entender a biblioteca, sua função, suas relações. Esta nova visão foi assumida pelos participantes do projeto e ampliada no decorrer dos trabalhos desenvolvidos:

(...). Esse projeto nos mostrou que a biblioteca não é simplesmente um depósito de livros – isto fica em segundo plano –, mas é uma criadora, uma “fazedora” – não sei se existe essa palavra – uma fazedora de informação, de cultura e conhecimento. Mas não naquela visão arcaica de que a biblioteca é simplesmente “aquele livro ali que vou pesquisar”, e pronto. O projeto nos ensinou essa visão de troca com a comunidade, de troca com ambiente em que nós estamos, e nos trouxe essa vontade de sair dos muros, do prédio da biblioteca (...). Ao mesmo tempo foi uma integração de grupo fantástica. Depois desse projeto, o grupo se uniu como um todo – se uniu mesmo – para realizar trabalhos, com ou sem a estrutura necessária. Mas a gente sempre dava um jeito, e continua dando. E a vontade é de que esse projeto se expanda, que continue dando frutos... (DAÍLTON – BELÉM)

Uma biblioteca criadora, que sai de seus muros, que busca seu público dentro e fora dela, fortalece suas relações, apesar das dificuldades e limitações que lhe acometem. Tudo em um processo que entende a participação de seus integrantes num movimento de evolução, de amadurecimento.

132





(...) Isto trouxe para nós uma maior maturidade profissional; fez com que a gente analisasse e refletisse sobre coisas rotineiras que começamos a ver melhor, de um jeito que a gente não pensava antes. Então, por exemplo, nessa questão da interação com a comunidade, a gente sabe que a missão da biblioteca é realmente esta, o papel da biblioteca é promover esta interação, estar mais próxima da população... O projeto fez com que a gente desenvolvesse uma sensibilidade muito maior para perceber essas coisas. E isto, para mim, foi extremamente importante.
(SUZANA TOTA – BELÉM)

Enfim, a fala de muitos participantes denota mudanças de qualidade em sua percepção sobre a realidade imediata, sobre o meio em que vivem, como se entrelaçam todos os fatores e as pessoas nesses contextos. Mas, sobretudo, reflete uma mudança significativa em sua percepção sobre si mesmos e sobre o que podem desempenhar na comunidade:

(...) Adquirimos não apenas conhecimento, mas também a graça de olharmos para o futuro com esperança, e saber que nós podemos ser instrumentos de mudança, de transformação para a nossa sociedade, por meio da nossa cultura, da educação, do lazer... E com todos os parceiros que, conosco, fazem isto acontecer no nosso dia a dia, em cada local. (RITA DE CÁSSIA CARVALHO LIMA – ARAPIRACA)

(...) o Tô na Rede nos dá uma visão das nossas responsabilidades, e de quanto é importante termos uma visão ampla do nosso verdadeiro papel na sociedade, e termos esse instrumento que é a biblioteca, com a qual podemos levar informação e conhecimento para a população. E com isso a gente pode, de fato, ajudar a melhorar muita coisa. (DAYANE – BELÉM)





CARTOGRAFIAS DE SENSAÇÕES: O QUE FOI O TÔ NA REDE PARA MIM

1. William de Sousa Silva, São Paulo

Eu trabalho no Telecentro, na Biblioteca Helena Silveira; o meu cargo é agente digital. Eu achei muito bom o projeto Tô na Rede. Gostei das atividades, foi uma coisa de união, todo mundo trabalhou bem. Entramos em conflito várias vezes, mas com isso deu para conhecer muito a personalidade de cada um. Acho que todo mundo ficou meio com medo, principalmente eu, que entrei agora e tal... Mas naquele negócio que teve, de reconhecer os talentos, eu toquei violão, a Paula lutou comigo e com o Luciano... E as outras cooperações que teve, tipo a da corrente – um ficar segurando a mão do outro e arranjar uma maneira de pensar, de matutar... Nossa, deu muito aquela coisa de ver a reação um do outro, eu vi o olhar... Deu pra surpreender muito! Pra mim, o Tô na Rede foi isso: conhecer mais as pessoas e ver como é que nós nos comportamos em cada segundo desse projeto...

2. Iran Ferreira Araújo, Belém

Eu sou copista, trabalho no xerox. No primeiro momento em que a Dani e a Vanessa vieram aqui em Belém conversar com a gente sobre o projeto Tô na Rede, veio só somar com a biblioteca. Isso melhorou muito o nosso relacionamento com a comunidade e com todas as classes sociais.

3. Rita de Cássia Carvalho Lima, Arapiraca

Eu sempre costumo dizer que caí de paraquedas no Tô na Rede, porque eu já peguei o bonde andando... Mas foi uma experiência fantástica, muito enriquecedora; eu adquiri vários conhecimentos, e também, entre eles, muitos mitos foram destruídos. Muitas dificuldades que eu tinha de me relacionar, comigo mesma e com o outro, o projeto me fez realmente desbravar, botar para fora aquilo que estava guardado, armazenado dentro de mim. Com tudo isso, o Tô na Rede enriqueceu não só a mim, mas a todas as pessoas que fizeram parte dele, e nossa cidade também. Adquirimos não apenas conhecimento, mas também a graça de olharmos para o futuro com esperança, e saber que nós podemos ser instrumentos de mudança, de transformação para a nossa sociedade, por meio da nossa cultura, da educação, do lazer... E com todos os parceiros que, conosco, fazem isto acontecer no nosso dia a dia, em cada local, especialmente nas Arapiraquinhas.





4. José Monteiro, Belém

Eu trabalho com uma área específica para deficientes visuais, a seção Braille da Biblioteca Arthur Vianna. Eu estou no projeto Tô na Rede desde o começo. Mas, para mim, no início o projeto não tinha muita credibilidade, pelo fato de já ter havido alguns projetos aqui na biblioteca e todos terem parado pela metade. E o Tô na Rede, realmente, veio fazer com que houvesse uma diferença, principalmente na questão humana. Houve uma união, houve um trabalho diferenciado nessa relação, não só dentro da biblioteca como fora, com os nossos parceiros, nossos sócios. E isto é uma coisa muito importante para qualquer instituição que trabalha com a questão social. O que me marcou muito foi isto: você poder conhecer melhor o seu amigo, seus colegas no trabalho, e também dar uma oportunidade maior para o próprio sócio da biblioteca poder interagir. Então, já está havendo uma diferença no tratamento...





5. José Sendeval Freire Catonho, Arapiraca

Essa formação do Tô na Rede veio acrescentar muito no nosso dia a dia, no nosso currículo e no nosso aprendizado profissional e pessoal. Então, eu só tenho a agradecer a toda a equipe que trouxe este projeto e ao pessoal das Arapiraquinhas; foi realmente muito bom, a cada módulo um aprendizado novo, uma troca de conhecimentos. Eu comecei aqui na Biblioteca Pública Pedro de França Reis como segurança. E devido à qualificação, e ao meu potencial, que desenvolvi no decorrer do projeto, graças a Deus hoje eu passei de segurança para coordenador de manutenção e conservação do prédio, como assistente administrativo.

6. Lucilene do Socorro Carvalho Vulcão, Belém

Quando eu comecei no Tô na Rede, eu não esperava crescer tanto como pessoa; agora, acho que foi uma verdadeira transformação, uma metamorfose que eu estou passando. Porque a vivência que eu tinha de vida, de família – e para mim isso aqui é uma família –, era diferente. E hoje eu vejo pessoas que não têm comigo nenhum vínculo de parentesco, nem nada, mas que eu amo. Estou adorando conviver com elas como se fizessem parte da minha família de verdade. E isso tudo eu devo ao projeto. Agora eu sou voluntária aqui, mas já era para eu ter saído daqui em janeiro. Continuo nessa casa, que pra mim é a minha segunda casa, devido ao Tô na Rede. E está sendo uma grande lição de vida.

7. Cássio Rodrigo, Belém

Teve bastante mudança depois que o Tô na Rede veio aqui para a biblioteca. Os servidores estão mais amigáveis. Antes, parece que tinha uma separação, tinha um muro entre a gente; agora, não. E não só com o pessoal da segurança, como com o pessoal dos serviços gerais também. Devido ao Tô na Rede estar fazendo esse programa, está bem melhor a convivência aqui.

Até o uniforme mudou, agora está mais apresentável. Antes, o uniforme era muito antigo, era constrangedor para os associados que frequentavam. E aí, eles não tinham respeito com a gente – eles tinham medo! A gente ia falar com eles e ficava muito rígido, devido a esse uniforme. Agora está bem melhor. Estão se comportando melhor, e estão respeitando de verdade.





8. Maiolina Nascimento Neves, Belém

Antes do Tô na Rede, eu sempre acreditei em algo inovador. E eu sempre acreditei que o trabalho com a comunidade é muito forte, não só pra mim, mas para todas as pessoas que vinham diariamente aqui na biblioteca. Então, eu sempre estive muito próxima dessa comunidade. Eu acho que o Tô na Rede vem para reafirmar isto que eu acredito – que a força da biblioteca está na comunidade. Não está em uma instituição em si, mas sim na comunidade, que vem todos os dias aqui, no nosso trabalho, na nossa biblioteca, buscar aquilo que move cada um deles: ou é uma consulta, ou um mangá, um gibi... E nós estamos aqui. Eu estou aqui todos os dias, como se fosse o primeiro dia do meu trabalho. Sempre aberta e sempre alegre. Talvez seja também por conta do que eu faço na biblioteca, que é a parte lúdica. Mas também tem a ver com meu jeito de ser. Então, o projeto vem reafirmar o que eu sinto e o que acredito, que é essa troca de conhecimento com o outro – não só o conhecimento tecnológico, mas de pessoa pra pessoa.

9. Ronaldo Santos Nascimento, São Paulo

Eu trabalho aqui há mais ou menos um ano, presto serviço para a biblioteca como vigilante. Eu achei bem legal o projeto Tô na Rede. Essa questão de trazer coisas novas aqui para a biblioteca, acrescentar novos parceiros, é uma idéia bem legal. E se funcionar, na prática, fica melhor ainda, por que aí vêm muitas parcerias pra cá, só vem agregar, né? Além do que a gente já tem aqui, trazer mais parcerias seria bem melhor. Vai movimentar mais, até mesmo trazer um monte de coisas novas...

Eu gostei muito dos blocos que participei, foi um aprendizado bem legal. Não tenho do que reclamar. “Ah, deveria ter feito de outra forma...”. Não. Pra mim, sem comentários: o Tô na Rede foi bem bacana, foi muito “dez”!





10



11



12



13

10. Érica Fernanda dos S. Souza, Belém

Eu trabalho na Fundação Cultural do Pará, na catalogação. Eu entrei no Tô na Rede em 2014, meados de novembro para dezembro, e comecei fazendo o bloco referente ao mapeamento. Então, logo no começo eu já estava conhecendo um pouco mais sobre o objetivo do projeto, que é, justamente, o de promover um melhor acesso à informação – fazer com que a biblioteca possa ir mais longe e facilitar o acesso à informação para a comunidade de fora da biblioteca.

Para mim, o Tô na Rede foi um divisor de águas na minha vida. Eu acredito que, além de promover um melhor acesso à informação, o projeto também teve o sentido de tornar a comunidade mais próxima. Você só precisa estender a mão, dar um voto de incentivo às pessoas da comunidade, que você vai descobrir e conseguir muitas coisas, não só na questão profissional, mas também no desenvolvimento pessoal – vai conseguir ir além daquilo que pretendia.

Com o projeto Tô na Rede, eu aprendi que estender a mão é um fator muito importante, e se torna algo muito forte quando você quer ajudar. Pode ser uma coisa muito simples... Pode ser ensinar alguém a ler, ou, na biblioteca, incentivar a pessoa a abrir um livro, mostrar esta possibilidade para ela... Basta você dar uma oportunidade para as pessoas que você vai acabar se encantando com elas. E eu quero que esse projeto permaneça, e vá muito além.

11. Maria do Socorro de Souza Henrique, Belém

Sou bibliotecária da seção de obras. Estou participando do projeto Tô na Rede, e aprendi muita coisa, principalmente que nós devemos sair de dentro da biblioteca e procurar as comunidades, como nós estamos fazendo. E trazê-las para a biblioteca, esse é o objetivo principal, integrar a comunidade à biblioteca.

12. Filomena Eliza B. Jesus de Castro, Belém

Eu trabalho na seção de obras e estou participando do projeto Tô na Rede. A gente aprendeu que não deve trabalhar entre quatro paredes, e sim sair da biblioteca e ir para as comunidades. Eu tive mais dificuldade na área de informática, porque, como eu não sou muito adepta da tecnologia... Os módulos de informática, para mim que sou uma aprendiz, foram poucos, eu precisava de mais. Nunca tinha tido contato com computador antes do Tô na Rede. Assim, espero que venham mais módulos com outros assuntos para a gente continuar com esse projeto.



13. Luciana Nazaré dos Santos Moraes, Belém

Sou ex-estagiária da Fundação Cultural do Estado do Pará; atualmente eu presto serviço voluntário. O Tô na Rede é o primeiro projeto em biblioteca pública de que eu estou participando. É um projeto que visa a uma melhoria, principalmente, na informatização das bibliotecas. A comunidade vai ser a maior beneficiada de todo esse projeto. Porque hoje todas as bibliotecas precisam dessa informatização, com as tecnologias cada vez mais avançadas... E a realidade é de um usuário que ainda se depara com serviços muito ultrapassados – tanto que às vezes tem um questionamento do próprio usuário. E isso acontece com diversas bibliotecas, até de grande e médio porte.

14. Patrícia de Fátima dos Santos Ferreira, Belém

Eu trabalho na gerência da biblioteca, mas não tenho uma seção específica; onde houver necessidade de algum auxílio eu estou pronta a ajudar. Para mim, o projeto Tô na Rede é um facilitador da comunicação nas nossas atividades e no que a gente tem a oferecer ao público. Eu acho que, com a vinda do Tô na Rede, houve um envolvimento maior de todos os funcionários e servidores da biblioteca – e até dos demais setores – no desenvolvimento dessa comunicação, nessa aproximação que houve com o nosso entorno, com a comunidade e com o nosso público: o interesse de buscar informações, saber o que eles necessitam e o que temos a oferecer, e vice-versa.

Eu espero que a partir desse trabalho com a comunidade a gente possa, cada vez mais, aumentar o nosso público e multiplicar conhecimento, informação... E, ainda, com as parcerias que temos, a gente vai poder informar aos demais o que tem de interessante na biblioteca, no entorno e nas comunidades. E isto vai fazer fluir melhor a comunicação – o Tô na Rede é isso: comunicação e informação.



15. Luzinete Aparecida da Silva, São Paulo

Estou aqui há 19 anos. O meu cargo é auxiliar de biblioteca, mas aqui fazemos de tudo, um pouco de cada coisa. Eu não vim direto para a biblioteca, vim do Hospital do Campo Limpo. Mas eu gosto muito daqui, e gostei muito do projeto Tô na Rede.

Um bloco que eu gostei muito foi a parte de descobrir talentos. Às vezes você pensa: “mas que talento eu tenho?”. E todos nós temos algum tipo de talento, alguma coisa que você gosta mais de fazer... Eu gostei também da entrevista, a dinâmica que ela deu para a gente se soltar, ficar mais descontraído... Mas muitos funcionários se sentiram um pouco reprimidos. Eu fiquei na minha, porque cada um reage de um jeito.

Só que, no meu modo de ver, chegou um pouco tarde... Acho que esse projeto devia ter vindo muito antes; aí, hoje a gente estaria colhendo o que plantou lá atrás. Então, veio muito de supetão, muito rápido. E foi pouco tempo, então ainda não deu para sentir o efeito. Mas... “antes tarde do que nunca”; a ideia em si foi muito boa. Esperamos que com o passo a passo dê para concluir tudo o que foi colocado para a gente.

E nós, aqui, já fazemos muita coisa – nós somos privilegiados, porque trabalhamos em uma biblioteca que é bem centralizada na região, temos um monte de parceiros, vizinhos maravilhosos... Então, nós já temos a nossa bagagem de programação, de eventos, essas coisas. Mas, para finalizar, a ideia, o projeto em si, foi muito bom.

16. Daílton Helder da Silva Conceição, Belém

Sou funcionário da Seção Braille da Biblioteca Pública Arthur Vianna, que fica localizada na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, em Belém do Pará. Eu estou desde o começo do Tô na Rede; e entrei com uma expectativa gigantesca, pelo que foi apresentado do que seria o projeto. E, graças a Deus, eu fico muito feliz





de ver que as minhas expectativas foram, aos poucos, sendo implementadas, de acordo com o que eu esperava, e se abriram novas oportunidades que, até então, eu não tinha imaginado que podiam acontecer. Eu gosto muito da troca de informações que o Tô na Rede nos ensinou a ter com a comunidade. Esse projeto nos mostrou que a biblioteca não é simplesmente um depósito de livros; isto fica em segundo plano... Mas é uma criadora, uma fazedora – não sei se existe essa palavra – uma “fazedora” de informação, de cultura e conhecimento. Mas não naquela visão arcaica, de que a biblioteca é simplesmente “aquele livro ali que vou pesquisar”, e pronto. O projeto nos ensinou essa visão de troca com a comunidade, de troca com ambiente em que nós estamos, e nos trouxe essa vontade de sair dos muros, do prédio da biblioteca. Isso foi o que eu pensei no início do projeto, e foi o que ele nos trouxe. Ao mesmo tempo, foi uma integração de grupo fantástica. Depois desse projeto, o grupo se uniu como um todo – se uniu mesmo – para realizar trabalhos, com ou sem a estrutura necessária. Mas a gente sempre dava um jeito, e continua dando. E a vontade é de que esse projeto se expanda, que continue dando frutos...

O Tô na Rede é um curso que veio alavancar a participação do usuário na biblioteca. Ele veio para nos ensinar, nos proporcionar a forma de como trazer o nosso usuário de volta, levando em consideração as mudanças realizadas nesse período. Nós vivemos numa época de avanços tecnológicos muito grandes. Sem esse acompanhamento, a biblioteca acaba ficando vazia. Com o curso, nós estamos aprendendo como buscar o nosso público, trazer o nosso associado para dentro da biblioteca. E, ao mesmo tempo, aprendendo a levar a biblioteca para as comunidades; acho que esse é o ponto principal de aprendizado que nós tivemos e que continuamos tendo. E já estamos colocando em prática – e daqui pra frente vamos colocar mais ainda – como dinamizar, como tornar a biblioteca um local atraente para o nosso associado, e adequado à época em que nós estamos, que é totalmente digital, informacional e de tecnologias. De que maneira nós podemos trabalhar com esse público, que hoje vive conectado, vive nas redes sociais? Que atividades nós podemos realizar para atrair essa comunidade? E um ponto que eu achei muito importante é a parte de fazer o mapeamento das atividades que as comunidades realizam e que podem trazer para cá, para a biblioteca, e também o que a gente pode levar para essas comunidades. Eu acho que este é um ponto fundamental para o bom êxito do projeto, que está só começando com esse curso, e que vai continuar daqui pra frente.

17. Adelmo Rodrigues de Mello, Arapiraca

O projeto Tô na Rede me ofereceu a grata oportunidade de aumentar o meu incentivo, a minha vontade e a minha disposição, no sentido de verificar que os problemas do Brasil – se não todos, uma grande parte –, poderão ser resolvidos com cultura, com instrução e leitura. Então, há 100 anos Monteiro Lobato já colocava que “um país se faz com homens e livros”. Se naquela época os livros e a leitura já eram tão importantes para a transformação da sociedade, você imagine hoje! É preciso que incentivemos a leitura, a instrução e a cultura para transformar essa sociedade que está – podemos dizer –, até certo ponto, degradada... Principalmente, a juventude necessita dessa instrução, desse incentivo, dessa leitura e cultura para ser transformada; o Brasil necessita muito disso. Então, o projeto Tô na Rede trouxe esse incentivo, e eu saí com muito mais vontade de trabalhar essa questão, que é algo que vai ajudar a transformar esta sociedade.





18. Lázara de Almeida, São Paulo

Eu trabalho na Biblioteca Helena Silveira há 27 anos, e o meu cargo corresponde a auxiliar de biblioteca. O que eu mais gostei do Tô na Rede foi o bloco da dança, o da Érica. Teve dinâmica, foi muito bom e descontraído...

Eu gostei muito de estar reunida com o pessoal. Eu fiz a entrevista também – foi pedido pra gente fazer aquelas entrevistas na rua... Eu acho que foi muito legal, eu gostei dessa parte, para mim isto foi muito bom.



19. Heriton W. dos Anjos Santos Mendes, Belém

Sou funcionário da Biblioteca Pública Arthur Vianna, e participo do projeto Tô na Rede. E este projeto contribuiu muito para várias das minhas questões pessoais. Contribuiu para a minha formação profissional, está contribuindo na minha pós-graduação, no meu mestrado na área da Educação. Até escrevi um artigo acadêmico utilizando o mapeamento do Tô na Rede como estudo de caso.



20. Maria de Fátima Barbosa, Arapiraca

Moro em Vila Bananeiras, município de Arapiraca, e trabalho em uma das Arapiraquinhas. Iniciei com projeto Tô na Rede com muita curiosidade e uma expectativa tremenda para saber o que era. Vim para os módulos, continuei com as descobertas, era muito tímida, mas fui em frente. Aí veio a parte das entrevistas e dos mapeamentos, e nós fomos engajados neste meio para poder descobrir os talentos dos nossos bairros. Eu saí entrevistando outras pessoas, e descobri que tem muitos talentos e culturas no meu bairro. Esse Tô na Rede foi uma coisa que fez com que abrisse um leque para o nosso conhecimento. Eu era tímida, e perdi um pouco da timidez com essas entrevistas... Hoje, eu me sinto uma pessoa mais confiante de mim mesma. E nós temos muito a agradecer, a essa turma que veio e outra que já se encontrava aqui na nossa cidade, porque eu me sinto com grande força para seguir em frente com as descobertas.

21. Marli Fumi Haseyana Goto, São Paulo

Eu sou coordenadora da Biblioteca Pública Marcos Rey. Eu tinha muitas expectativas sobre o projeto Tô na Rede e, em teoria, eu achei o projeto muito bom. Mas houve uma série de problemas no começo, e eu não consegui participar; a gente não pode fechar a biblioteca, então só poderia ir um funcionário. E no começo, como eu estava de férias, foi o Wilson – foi o único funcionário daqui que participou desde o começo.



Eu peguei o curso praticamente na metade, quando já estava no terceiro módulo. De alguns módulos eu gostei bastante, outros nem tanto. Alguns eu achei muito bons, como aquele de educomunicação, mas achei que o tempo não foi suficiente. Eu gostaria de ter participado mais da gravação do vídeo, mas não pude ir todos os dias, tinha outros compromissos e reuniões, uma série de atividades que são do coordenador e a gente não pode estar faltando. Então não pude participar muito.

22. Semias Araújo, Belém

Sou da Coordenadoria de Promoção da Leitura, da biblioteca. Eu acho que o Tô na Rede foi um projeto muito bem-vindo na Fundação, especialmente na Biblioteca Pública Arthur Vianna. O que eu achei importante foi a integração da equipe que faz parte do Tô na Rede e que desenvolveu o trabalho em conjunto; todo o trabalho desenvolvido foi em equipe – as visitas externas, a elaboração das etapas do projeto... A etapa das oficinas, de que eu participei, também achei que foi uma proposta muito bem-vinda, porque abre a mente do servidor para a importância da biblioteca como espaço comunitário. Nesse trabalho, nós queremos apresentar a biblioteca pública para a comunidade: fazer com que esse espaço seja pertencente à comunidade, e que ela também se sinta pertencente na biblioteca. Este eu acho que este é o primeiro ponto, e o mais válido.

Um ano depois de termos começado, a minha expectativa é de que esse trabalho realmente dê frutos. E este não foi um trabalho tão fácil; porque reunir um grupo de pessoas com diversas atividades, de diversos setores, com tudo o que cada um tem que fazer na sua função, para dedicar um tempo e trabalhar dentro dessa proposta, é meio complexo... Mas se conseguirmos ter esse meio-termo de disponibilizar um tempinho para essas ações, eu acho que a gente consegue levar adiante esta semente que já foi plantada... Agora é com a equipe, realmente: vestir essa camisa e levar o trabalho para a frente, tendo claro esse conceito, a importância de trazer a comunidade para dentro da biblioteca e levar a biblioteca para dentro da comunidade.

A primeira mudança que eu vi com esse projeto foi o engajamento da equipe. Porque, muitas vezes, o servidor fica preso à sua sala e à sua seção, fazendo apenas o seu trabalho de rotina. Então, o Tô na Rede serviu, realmente, para que ele pudesse sair da sua sala e se agregar a outras ações. É esta possibilidade que o Tô na Rede está deixando pra gente, que abriu a nossa mente, abriu a mente do servidor para esta questão: ele não tem que só fazer o seu trabalho: ele pode fazer um trabalho em conjunto com as outras seções e, especialmente, levar em consideração a comunidade toda. Trabalhar em prol da comunidade, acho que esse é o grande ponto.





23. José Wilson Martins Paulino, São Paulo

Meu cargo é agente de apoio da Biblioteca Marcos Rey. Eu achei o curso muito bom, porque você pode aprender coisas novas – por exemplo, a questão de conhecer os parceiros; a gente tem parceiros aqui, mas não conhecemos todos. E aí o mapeamento foi muito bom.

Também foi muito bom aprender sobre as TICs, só que eu achei que foi pouco. O problema que eu vejo é você aprender e não colocar na prática... Se não tiver a prática, a gente esquece – você pode fazer o curso que fizer, se não praticou, esqueceu. E tem a questão do wi-fi, que está empacada... Então, fica difícil a gente colocar o projeto pra frente. Mas o projeto, em si, eu acho muito bom, e na questão do aprendizado ele é ótimo.



24. Marlúcia dos Santos Passos, Belém

Eu trabalho aqui na biblioteca como voluntária. Para mim, o Tô na Rede foi um grande projeto, que deixou a biblioteca mais viva. E ainda mais para os funcionários que estavam parados num canto, esperando uma ajuda... O Tô na Rede mudou a cabeça de muitos dos meus colegas. Eu tenho certeza que esse projeto ainda vai, cada vez mais, revolucionar a biblioteca em si, trazendo a comunidade mais pra perto. Porque quando a gente vai procurar a comunidade é que vemos as dificuldades que existem. E o Tô na Rede fez isso aqui – fez com que a gente fosse atrás da comunidade para perceber as necessidades dela, e ver o que a biblioteca pode oferecer para a comunidade e como a comunidade pode participar dela.

Eu aprendi muita coisa com este projeto. O Tô na Rede veio para mudar muita coisa na minha cabeça, nos meus pensamentos. Porque foi através desse curso que eu vi as nossas necessidades, os nossos talentos e, principalmente, aprendi a ver o outro, que é a nossa comunidade: o que ela necessita, do que essa comunidade precisa? Então, eu aprendi muita coisa nesse curso.

O que faltou aqui na biblioteca foi a infraestrutura, principalmente de TIC – essa tecnologia é muito importante. Eu não achava que fosse tanto, mas vi que é importante até para a divulgação da biblioteca. Para que o curso tenha um melhor resultado aqui dentro da biblioteca, uma boa estrutura é tudo. Por exemplo, os módulos que nós tivemos de TIC – o workshop e o outro dos vídeos. Só que a falta de uma infraestrutura dificultava. A gente já tem um pouco do conhecimento, e aí,





quando vem o equipamento – como veio com o Tô na Rede – mas com uma falta de estrutura, isso maltrata com a gente, com a força de vontade que nós temos... Porque às vezes cai a rede, a internet não funciona bem...

Eu sei que todos, nesse curso, estão com vontade de aprender. E aprender para passar para o outro, passar esse conhecimento para a nossa comunidade. Mas, para isso, também tem que vir uma boa estrutura, tanto de computadores suficientes como uma boa rede, um bom wi-fi – tudo o que é necessário para a gente poder fazer contatos, poder conversar com as pessoas lá em São Paulo, e eles com a gente, e também com outros grupos do Tô na Rede. E agora o que eu mais quero é que esse curso continue...

25. Paula Danielle de Andrade Bueno, São Paulo

Sou bibliotecária e chefe da Biblioteca Helena Silveira. Com relação à experiência do Tô na Rede, acho que a gente conseguiu aproveitar bem uma boa parte do curso. No módulo “Descobrimo Talento”, por exemplo, mesmo aqueles funcionários mais tímidos conseguiram se expressar, e a gente conseguiu identificar muitas coisas que não conhecia, reconhecer algum talento, alguma coisa que a pessoa gosta de fazer, mesmo fora da biblioteca... Estas descobertas ajudaram a gente a se conhecer melhor. E a dinâmica foi bem relaxante, a Érica deixou a gente bem à vontade, foi muito tranquilo... Descobrimo várias técnicas, algumas dinâmicas corporais, que depois, com o tempo, poderemo até aproveitar, adotar com os nossos parceiros aqui do entorno. Este módulo eu acho que foi bem gratificante. Nós conseguimos um tempo que a gente não tem no dia a dia, por conta da correria e da demanda que temos que atender. Então, foi um momento legal.

26. Suzana Tota da Silva, Belém

Quando começamos a participar do Tô na Rede, a gente deduzia algumas coisas sobre a proposta... Mas, na verdade, a gente só veio a identificar o que ele era mesmo durante todo o processo. O projeto começou de uma forma e foi evoluindo, evoluindo... a gente percebe as mudanças que foram acontecendo. Eu comecei a identificar muitas coisas, a entender melhor esta área de bibliotecas, a questão da tecnologia... Às vezes a gente pensa que a tecnologia, de alguma forma, afasta o leitor do livro; e, no entanto, ela pode até aproximar, dependendo das metodologias utilizadas pelo profissional. O projeto nos trouxe também essa capacidade da gente se adaptar às mudanças.

Isto trouxe para nós uma maior maturidade profissional; fez com que a gente analisasse e refletisse sobre coisas rotineiras que começamos a ver melhor, de um jeito que a gente não pensava antes. Então, por exemplo, nessa questão da interação com a comunidade – a gente sabe que a missão da biblioteca é realmente esta, o papel da biblioteca é promover esta interação, estar mais próxima da população...

O projeto fez com que a gente desenvolvesse uma sensibilidade muito maior para perceber essas coisas. E isto, para mim, foi extremamente importante. Tivemos uma consciência maior do verdadeiro papel da biblioteca na sociedade. E uma evolução em termos de ser humano mesmo, de você ter sensibilidade para identificar as necessidades informacionais dos nossos usuários. Isto é muito importante, porque nós trabalhamos em função deles: o projeto visa à comunidade. Mais do que nunca, a gente tem que enxergar mais os usuários, as pessoas... Então, o Tô na Rede nos aproximou mais. E mudou muitas coisas na minha vida...





27. Carla Gomes Silva, São Paulo

Tenho 22 anos, sou monitora da biblioteca pelo Programa Jovem Monitor Cultural. Eu gostei muito de participar do projeto Tô na Rede porque, quando cheguei aqui, eu fiquei meio perdida, até mesmo no trabalho que eu ia fazer, que era de monitora cultural. Eu queria conversar com o público, com as pessoas do entorno do bairro. E com este projeto eu consegui fazer tudo isso. Uma das partes de que eu mais gostei foi a das entrevistas; a gente saía e perguntava para as pessoas se elas conheciam a biblioteca, o que achavam da biblioteca, como ela poderia melhorar... E também que opiniões elas poderiam dar. Eu gostei muito das dinâmicas, do processo e do curso como foi; as instrutoras foram muito bacanas, davam muitas ideias para a gente. Algumas atividades nós já executávamos na biblioteca, como mediação de leitura, e também as parcerias com as escolas. Mas com o projeto Tô na Rede conseguimos conhecer algumas ONGs, com que a gente já tinha contato, mas ainda não conhecia mais a fundo – por exemplo, a ocupação de artistas no CITA –, a gente não conhecia a história e tudo, a União Popular de Mulheres também... Foi muito bacana estar com eles, tivemos alguns dias só para isso. Também gostei muito da parte de informática, eu não tinha noção de algumas coisas. Eu agradeço a todos os instrutores pelas atividades, o conteúdo, tudo que aconteceu na biblioteca foi muito bacana, acrescentou muito conhecimento pra gente.

28. Rita de Cássia Ferreira Guimarães, Belém

O Tô na Rede foi um projeto que veio para dinamizar, para revolucionar, sacudir os conceitos que eu aprendi em relação à comunidade e para incentivar a convivência com o nosso público. Logo quando a gente começou, saímos da biblioteca e fomos conhecer outros lugares e comunidades... O projeto me deu todo um embasamento, um conhecimento profissional maior. Foi tudo de bom, conhecer os professores, os instrutores, conhecer melhor os nossos colegas, nas vivências que foram feitas aqui... Eu só tenho a agradecer a este projeto, a mais esse conhecimento na minha vida profissional e pessoal.

29. José Roberto Tomaz da Silva, São Paulo

Para mim, o projeto Tô na Rede foi ótimo. Adquiri novos conhecimentos, inclusive na parte de informática. Também quanto ao atendimento, parcerias e outras coisas que nos não tínhamos. Foi muito bom para que houvesse mais atividades aqui, e também para os parceiros poderem usar mais essa biblioteca. Pra mim foi maravilhoso!



30



31



32

30. Rui Rocha Meira, São Paulo

Acho que o Tô na Rede foi uma experiência muito válida, né? Obtive conhecimentos bons de informática. E também nossas reuniões, o bate-papo... Foi muito proveitoso, muito legal. E a gente está pondo em prática, no dia a dia da biblioteca, tudo o que aprendemos na teoria. E pôr na prática foi “dez” – acho que foi maravilhoso!

31. Wanda Aparecida Borges Cavalcanti, São Paulo

Sou agente de apoio da Prefeitura. Trabalho na Biblioteca Helena Silveira há 24 anos, fazendo de tudo um pouco, entre matrícula, empréstimo, devolução, pesquisa... O projeto Tô na Rede foi bom – alguns cursos, alguns eventos foram bons. E alguns deixaram a desejar. Mas, por enquanto, pra mim foi ótimo.

32. Wilma Maria Nóbrega Lima, Arapiraca

O Tô Na Rede veio para mexer conosco, com nossas condutas diante dos nossos “agentes culturais”, “leitores, leitoras”, qualquer que seja a denominação. Como nos portamos como bibliotecários, regentes de bibliotecas públicas, coordenadores pedagógicos, diante do nosso público e sociedade? Um novo olhar sobre nossa atuação enquanto profissionais da In(formação). Onde estava a comunidade? Vimos atentos às suas demandas? Seus encantos e saberes foram convidados para dentro de nossas bibliotecas? Somos onze unidades com suas equipes participando das formações; portanto, temos que focar no principal objetivo de todo esse esforço. Seja Arapiraquina, seja Biblioteca Central, seja a Indústria do Conhecimento, já entendemos que nossas bibliotecas precisam estar ABERTAS e nós, mais ABERTOS ainda, ao novo, às demandas de todos os gêneros e idades. Somos modelo em rede de bibliotecas públicas. Mas, somos mesmo uma REDE? Para uma Arapiraca mais leitora, por uma política pública municipal de livro, leitura, literatura e bibliotecas, falta muito!

Falta nossa união, compartilhar saberes e experiências, reconhecer que nossas fachadas são lindas, mas nosso interior precisa ser revisto, com pessoal qualificado, com manutenção garantida, com uma política de coleções, com equipamentos funcionando de fato... enfim, isso não se consegue num passe de mágica, mas a médio prazo, e se depender da nossa força e empenho, como vimos nas formações, a um prazo bem menor podemos mudar essa realidade. Gente, esse curso é participativo. Todos têm o direito de falar, expressar sua opinião, desenvolver seus talentos, compartilhar e reconhecer a realidade e condições de trabalho. Só assim poderemos detectar problemas e buscar alternativas para soluções que estejam – ou não – ao nosso alcance. Trabalhar em rede é isso aí!



33. Dayane Cristina de Souza Brito, Belém

Em todos os módulos do Tô na Rede, aprendemos muita coisa. E acabamos percebendo certas coisas que antes a gente não enxergava. No primeiro momento nós fizemos um levantamento dos problemas que temos aqui, das dificuldades que enfrentamos em cada setor da Fundação. E a gente acabou vendo que existem algumas soluções que são simples e que estariam ao nosso alcance para resolver determinados problemas.

Por exemplo, nos módulos de Tecnologia – TIC 1 e TIC2 –, nós tivemos informações sobre alguns programas e também aprendemos a utilizar as redes sociais. E antes a gente tinha até receio de mexer – a gente ouve falar muito, mas não sabe usar! Então, tivemos essas noções sobre o uso das redes sociais – Facebook, Instagram e outras redes também. Falamos da responsabilidade que temos antes de postar, de verificar com muito cuidado as informações que serão divulgadas – isso é muito importante! E logo a gente começou a utilizar essas redes, a postar coisas, foi muito legal para todo mundo!

Nós tivemos o módulo do Mapeamento, que foi fantástico. Saímos do prédio da Biblioteca e fomos visitar algumas instituições e entidades. Então a gente pôde entender e sentir na pele os problemas que as pessoas enfrentam na comunidade, saber como elas enxergam a biblioteca... Isto é fundamental para o nosso trabalho, para sabermos de que forma ir ao encontro da comunidade, como envolver essas pessoas verdadeiramente nas atividades, para que a biblioteca possa realizar a sua verdadeira missão que é, de fato, atender às comunidades. Para a gente, esse contato foi muito importante, e foi extremamente emocionante identificar, sentir o problema de cada um, de cada entidade... Ver que, apesar das dificuldades que cada comunidade tem, o pessoal não desiste, e continua fazendo o trabalho com muito amor e carinho, atendendo à população. Isto foi uma lição pra gente.

Tivemos outro módulo interessante, que foi o do Descobrindo Talentos. Aí nós descobrimos o pão Tô na Rede, que é feito pela Lindalva; descobrimos que a Darci – uma das bibliotecárias da catalogação –, sabe fazer tapetes, bordados, cortinas... E descobrimos também algumas pessoas que cantam, outras que tocam. Isso mostra os talentos que nós temos e que muitas vezes a gente só mostra para a nossa família. É legal poder mostrar os nossos talentos, que às vezes estão escondidos, para a gente somar com as atividades que são realizadas na nossa profissão e no ambiente de trabalho.

Outro módulo que foi marcante tratou da questão de Ética e Cidadania. Eu não esqueço da frase que era dita constantemente nesse módulo: “Cuidado com o que você almeja, porque você pode acabar alcançando...”.

Nós vimos o que é ética e o que é cidadania – quais são os nossos direitos, quais são os nossos deveres. O que é ser cidadão, e como esse cidadão pode transformar a realidade em que vive? O que está ao nosso alcance fazer, ou o que temos que esperar que alguém faça por nós? O que existe lá fora, e o que nós temos a ver com isso que existe lá fora? Temos, sim, tudo a ver, porque nós estamos aqui em função da sociedade e da comunidade. Nós existimos, esse prédio existe, esta Biblioteca existe para que nós possamos atender à comunidade de fato.

Então, isso foi muito legal pra gente, pelo conteúdo e por tudo o que acaba refletindo na nossa vida, essa autorreflexão do nosso papel enquanto cidadãos.





Isso é fundamental. Resumindo, o Tô na Rede nos dá uma visão das nossas responsabilidades e de quanto é importante termos uma visão ampla do nosso verdadeiro papel na sociedade, e termos esse instrumento que é a biblioteca, com a qual podemos levar informação e conhecimento para a população. E com isso a gente pode, de fato, ajudar a melhorar muita coisa.

34. Rosinalva Farias dos Santos, Arapiraca

Quando comecei fazer esse projeto, me sentia como um passarinho voando, sem saber onde pousar... Mas, daí, vi que não era do jeito que eu estava pensando. Comecei a entender depois do mapeamento, que foi um trabalho muito importante, porque aí eu consegui entender o que é o trabalho do Tô na Rede. Nós saímos entrevistando cada pessoa, e aí eu vi a importância dessa pesquisa, poder descobrir pessoas maravilhosas... Vi o olhar de cada um, a alegria que eles tinham em nos receber e falar de seus trabalhos, isso é muito significativo. Depois de tudo pronto, me senti uma pessoa com mais conhecimentos, por saber trabalhar e poder levar tudo que aprendi para meus alunos. Tô na Rede foi o melhor curso que fiz, e saber que os nossos profissionais se preocupavam com o nosso trabalho deixou todos nós com o olhar diferente. Prá mim, foi mesmo o melhor curso que fiz – aprendi coisas maravilhosas, graças a todos vocês.





REFERÊNCIAS:

BARROS, J. M. Diversidade cultural: da proteção à promoção. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.
CGI.BR - COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL: TIC Domicílios e Empresas 2011. Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação Nas Escolas Brasileiras. CGI.br. São Paulo. 2012.

DO VAL, Ana P. Percursos metodológicos de um mapeamento na zona sul de São Paulo". In: II Seminário Internacional Políticas Culturais. A produção de informações e a formação no campo da cultura. Rio de Janeiro, 2012.

_____; PEREIRA, A. B. (2010). Relatório Mapeamento: Santo Amaro em Rede - Culturas de Convivência - SESC/SP (Relatório de pesquisa em cd room). 2012.

FREITAS, Marília Augusta de; SILVA, Vanessa Barbosa da. Bibliotecas Públicas Brasileiras: Panorama e Perspectivas. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciências da Informação. Campinas, SP. V. 12. N1. p. 123 a 146. 2014.

IFLA/UNESCO . Manifesto da Ifla/Unesco sobre Bibliotecas Públicas.1994.

MORENO, Jacob Levy. Fundamentos do Psicodrama. São Paulo: Summus Editorial, 1983.

_____. Quem Sobreviverá?: Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama. Edição de Estudante. São Paulo: Daimon, 2008.

SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000.

SUAIDEN, Emir José. Biblioteca pública brasileira : desempenho e perspectivas. São Paulo. LISA. 1946.

VOELCKER, Marta. Estudo sobre uso de tecnologias da informação e comunicação em bibliotecas públicas do Brasil. Relatório de pesquisa. Fundação Pensamento Digital. Junho 2013.

WILLIAMS, Raymond. "A Cultura é de Todos (Culture is Ordinary)". Trad. CEVASCO, Maria E. Dep. Letras USP. 1958.

_____, Raymond. Cultura. Editora Paz e Terra. 1992.





TÔNA REDE

